



DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXXI – N.º 1396 • 1 de SETEMBRO de 2016 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER
NO VALE DO MINHO

MELGAÇO
MONÇÃO
VALENÇA
P. COURA

CERVEIRA
CAMINHA
MOLEDO
ÂNCORA

VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA
Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

Concretizado o Sonho: Editado o “Cartulário do Mosteiro de Fiães”

págs. 28 e 29



Doutor António Cunha, Reitor da Universidade do Minho, Doutor José Marques, Dr. Adão da Fonseca e Manoel Baptista, Presidente da Câmara

Inaugurada a Unidade de Cuidados Continuados

pág. 27



Com vistas à canonização do P.º Manuel Armindo Lima

pág. 31

A Diocese de Viana, em Angola, criada em 2007, está a promover por iniciativa do seu bispo, D. Joaquim Lopes, o processo canónico de declaração de Venerável, do Padre Melgacense, natural de Chaviães, assassinado em Angola, em Fevereiro de 1982. Este é o primeiro passo para ser declarado Venerável, depois Beato e por fim Santo. Com ele serão também objeto do mesmo processo canónico os três catequistas assassinados no mesmo acto.



As Cordilheiras do Cáucaso

pág. 34



Finalmente chegou a energia eléctrica ao monte de S. Tomé – Penso

pág. 14

A ilusão do mérito...
págs. 2, 20 e 21

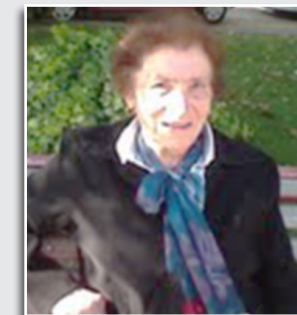
Filme a “Toca do Lobo”
premiado como Melhor
Documentário Português
pág. 3

Tempo de pensar a
Floresta
pág. 7

Declaração patrimonial
da Branda da Aveleira
pág. 10

Encontro Anual de
Padres Melgacenses
pág. 11

Mãe Rosa da Purificação:
a carícia feita oração



pág. 12 e 13

Melgaço e Arbo
solidários com os
Bombeiros
pág. 16

O negócio dos incêndios
pág. 24

A pé de Melgaço a Faro
pág. 30

Conclusão da Crónica da
Viagem à Terra Santa
pág. 36



**Farmácia
Gonçalves**

f/FarmaciaGoncalves.Melgaco

✉ farmagoncalves@sapo.pt

Rua de Galvão, s/n | 4960-549 Melgaço

Mais que uma Farmácia...

Crie já o seu Cartão Cliente e conheça
todas as suas vantagens!

Venha conhecer os nossos serviços.

☎ 251 418 183



A ilusão do mérito!



O Município de Melgaço em cerimónia solene, realizada no passado dia 13 de agosto, fez a entrega de títulos honoríficos a 88 personalidades melgacenses, mas fê-lo de forma arbitrária, precipitada e sem qualquer rigor. O acto de homenagem aos nossos melhores deve ser profundamente refletida e consensualizada entre os vários decisores políticos para que o reconhecimento do mérito dos nossos concidadãos não seja algo controvertido ou tenha qualquer cariz de natureza político-partidário. Daí que o autor de uma proposta com este objectivo deve ser sensato, sensível e hábil na sua apresentação. Ora, à proposta apresentada na reunião da Câmara Municipal do dia 10 de Agosto para a atribuição de títulos honoríficos faltou tudo. Faltou sensatez, sensibilidade e habilidade e, por essa razão, a reunião teve que ser repetida no dia 12 seguinte para que os homenageados não ficassem sem homenagem para a qual já estavam convidados. Uma trapalhada perfeitamente evitável e que afectou, desnecessariamente, a oportunidade e o sentido da homenagem.

Na referida reunião de 10 de Agosto, tive a oportunidade de manifestar a minha oposição ao

caminho que estava a ser seguido e proferi a declaração de voto que a seguir se transcreve:

“Em primeiro lugar, não poderei deixar de manifestar a minha perplexidade pelo facto de já se encontrar prevista a cerimónia solene para entrega dos títulos honoríficos daqui a três dias, integrada no programa “Melgaço em Festa”, sem que a Câmara Municipal, previamente, se tenha pronunciado sobre a respectiva atribuição, o que não posso deixar de interpretar, como um sinal de manifesta desconsideração pelo órgão que integramos.

Em segundo lugar, manifesto estupefacção pelo número de menções honoríficas atribuídas: 88.

Na verdade, não havendo tradição no município de Melgaço da entrega de títulos honoríficos, passamos, de um momento para o outro, do 8 para o 80. Não é sensato!

Dantes não se reconhecia nada, agora reconhece-se tudo, correndo-se o risco da banalização das respectivas distinções, podendo-nos levar a cair no quadro definido por Almeida Garrett, a propósito do reinado da D. Maria II, “foge cão que te fazem barão, mas para onde se me fazem visconde?”, tal o ritmo alucinante com que distribuíam títulos honoríficos, naquele tempo.

Em terceiro lugar, no momento em que aprovamos o Regulamento de Atribuição de Títulos Honoríficos, alertei para a necessidade de os títulos a atribuir

serem o mais consensualizados possível, de forma a ser-lhes retirada qualquer conotação político-partidária.

Para o efeito, entendia que a atribuição de qualquer título honorífico deveria ser precedida de uma reflexão profunda, frontal e séria, o que não aconteceu na atribuição em apreço, em virtude do órgão se ver, agora, confrontado perante um facto consumado. Inabilidade pura!

Em quarto lugar, justifica-se a atribuição destas 88 menções a Presidentes de Câmara Municipal e Presidentes de Junta de Freguesia, como acto simbólico para assinalar 40 anos do poder local.

Também entendo que os 40 anos do poder local merecem ser assinalados, mas teria que ser desta forma?

E então os Presidentes da Assembleia Municipal e das Assembleias de Freguesia e os restantes membros de ambos órgãos não contribuíram para a afirmação do poder local?

E os empresários e os dirigentes das diversas organizações sociais, culturais e económicas do nosso concelho não contribuíram para a afirmação do poder local?

Só os Presidentes de Câmara Municipal e de Junta de Freguesia é que merecem ser destacados?

Em quinto lugar, (pronto!) foram estes os escolhidos, mas em obediência a que critérios? No caso concreto, apenas se conhece um: foram estes os escolhidos

porque sim, ponto. Pobreza franciscana na imaginação e criatividade!

Entendo que os critérios deveriam ser objectivos, claros, rigorosos, transparentes, para além de, naturalmente, serem discutidos e apreciados no/pelo órgão Câmara Municipal.

Porventura, bastará ser-se eleito, para de imediato, ter-se direito a merecer a distinção de “Cidadão de Mérito”? Com efeito, os critérios têm que ser mais exigentes, sob pena de, como já disse, banalizarmos os títulos honoríficos.

Em sexto lugar, a atribuição dos títulos honoríficos tal com se apresenta na proposta em análise, representa um acto de grave injustiça.

Injustiça para alguns dos “premiados” porque ficam com a ilusão de um mérito que efectivamente não possuem.

Injustiça para os merecedores das distinções porque se vêm acompanhados de cidadãos sem mérito algum e que embaciam o brilho da dignidade merecidamente recebida.

Por fim, porque entendo que a atribuição de títulos honoríficos deverá corresponder a um acto de genuíno reconhecimento do mérito real e efectivo, a um acto justo, digno e nobre, o que não acontece na proposta apresentada, o meu voto é, obviamente, contra.”

Manuel Fernandes
Vereador Independente

Bodas de Prata

Em 13 de Agosto, Maria Odete Gomes Soutelo e Luís Fernando Ferreira Soutelo, residentes em S. Pedro de Merelim, Braga, celebraram os 25 anos de união matrimonial com uma Eucaristia na igreja paroquial e um almoço com familiares e amigos, no restaurante “Flor do Sal”, em Palmeira.

Desejamos aos nossos prezados amigos e assinantes que daqui por 25 anos possam festejar ainda com mais alegria as Bodas de Ouro.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes

João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:

Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Arminda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
Pe. Manuel Domingues – Chaviães
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:

AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

O Fim do Calvário

No passado dia 20 de agosto, em cerimónia pública, com as presenças do primeiro-ministro de Portugal e ministro da saúde, foi anunciado a abertura da Unidade de Cuidados Continuados de Melgaço.

Depois de um longo calvário, de mais de quatro anos, com falsas promessas ou promessas não cumpridas por parte do anterior Governo, eis que o actual primeiro-ministro cumpre uma promessa feita durante a campanha eleitoral, ocorrida em Outubro 2015. Nunca a afirmação “palavra dada, palavra honrada” teve tanta correspondência com a realidade, para bem de Melgaço e dos Melgacenses. E, com efeito, foram precisos, apenas 10 meses, para honrar a promessa então feita. Louvável! Um político não tem que ser um mentiroso. Eis um exemplo que



todos os políticos da nossa praça deveriam ter em conta.

Na verdade, a “geringonça” precisou de, apenas, 10 meses para fazer o que aquela “coisa” que nos governou durante 4 anos e meio não foi capaz de fazer por falta de vontade política, por incompetência, por inércia e por deslealdade.

Alguns políticos andam a anunciar ao País que “o diabo

vem aí”, entretanto, em Melgaço, “deus chegou aqui”. Depois de tantas promessas não cumpridas, finalmente a Unidade de Cuidados Continuados de Melgaço abriu, passando a ser gerida pelo Instituto S. João de Deus, instituição com provas já dadas na área da saúde. Melgaço está feliz!

Manuel Fernandes
Vereador Independente

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de “A Voz de Melgaço”

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Festa de Santa Bárbara em S. Gregório 19 de Agosto



Procissão de Velas na noite de 18.

Sábado, 19, Missa solenizada pelo grupo Coral Santa Bárbara, com a Dra. Manuela Lobato ao órgão, homilia pelo Padre Manuel Domingues, que presidiu, procissão com 10 andores.

Convívio ao fim da tarde e noite, animado por conjuntos musicais.

Parabéns à Elisabete (na foto à esquerda) principal dinamizadora da festividade.

Filme português "A Toca do Lobo" entre os premiados no festival Filmes do Homem de 2016

Realizador chinês Zhao Liang ganhou na categoria de melhor longa-metragem internacional com "Behemoth"



"A Toca do Lobo" (Portugal), de Catarina Mourão, foi o filme vencedor na categoria de Melhor Documentário Português, na terceira edição do Filmes do Homem – Festival Internacional de Documentário de Melgaço, que decorreu de 2 a 7 de Agosto.

O júri, composto por Manuela Penafria, Margarida Cardoso, Renato Athias, Tiago Afonso e Xurxo Chirro, premiou o documentário de Catarina Mourão por revelar "um universo pessoal e íntimo, através de uma abordagem cinematográfica e poética, ao mesmo tempo que apresenta uma reflexão profunda sobre tempo e memória".

No filme, Catarina Mourão, ao confrontar-se com os álbuns de família, procura respostas no presente sobre o passado, inquirir a mãe, procura a tia, tentando descobrir as histórias e as relações familiares com o avô Tomaz de Figueiredo, poeta português que chegou a estar internado num hospital psiquiátrico.

"Behemoth" (China / França), o filme de Zhao Liang, apresenta a exploração de emigrantes da Mongólia em condições de trabalho sub-humanas, para alimentar a moderna e agressiva economia da China. A relevância do tema apresentado e o registo estético e ético, com a apresentação de uma problemática social assente em relevantes qualidades formais das imagens, sons e montagem, cativou o júri do prémio Jean loup Passek e venceu na categoria de melhor longa-metragem internacional. "O filme coloca a arte numa relação direta não apenas com a vida tal qual ela é mas, sobretudo, com a sua transformação a partir de valores que dignificam o ser humano", considerou o júri.

Na categoria de curta ou média-metragem, a realizadora Iris Zaki venceu o prémio internacional com o filme "Women in Sink" (Reino Unido/ Israel). A partir de um cabeleireiro em Haifa, Israel, a realizadora conversa com as clientes, israelitas e palestinianas, enquanto lhes lava o cabelo. Margarida Cardoso, em representação do júri, destacou a originalidade do dispositivo fílmico que permitiu à realizadora uma narrativa envolvente e risível, à medida que nos revela um mundo em conflito.

A terceira edição do Festival Internacional de Documentário FILMES DO HOMEM encerrou com a projeção ao ar-livre de "Volta à Terra", de João Pedro Plácido, na torre de Melgaço. Durante seis dias passaram pelo festival quase quatro dezenas de filmes, 27 deles a concorrerem ao prémio Jean Loup Passek.

Com forte presença de realizadores oriundos de países tão diversos como a Austrália, Israel, Irão, Alemanha, Inglaterra, França, Espanha e Portugal, um total de 19 realizadores apresentaram os seus filmes e responderam às perguntas do público presente nas sessões um pouco por todo o concelho, em ambiente descontraído e de grande confraternização.

O festival Filmes do Homem é organizado pela Câmara Municipal de Melgaço em parceria com a AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual, e pretende promover e divulgar o cinema etnográfico e social, refletir sobre identidade, memória e fronteira e contribuir para um arquivo audiovisual sobre a região.

João Martinho



ESTHETIC SMILE
HEALTH CARE

CARTÃO CONSULTA

CUSTA MENOS
SORRIR MELHOR



INFORME-SE E ADQUIRA PARA
BENEFICIAR DE PREÇOS ESPECIAIS
E VANTAGENS EXCLUSIVAS
DURANTE TODO O ANO

Em AGOSTO a Esthetic Smile vai pôr
MELGAÇO A SORRIR!

Em parceria com os Comerciantes haverá
a distribuição de Cartões Consulta aos
Consumidores que prestigiem o
COMÉRCIO LOCAL...

Veja através do Facebook as Lojas Aderentes



MEDICINA DENTÁRIA

Implantes com Cirurgia Guiada
Sedação Consciente
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)
DSD (Dental Smile Design)
Estética Facial (toxina Botulínica e Ac. Hialurónica)
Ozonoterapia
Plasma e Fatores de Crescimento
Banco de Ossos
Tratamentos Convencionais



+351 251 404 002
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!
Travessa de Santiago nº 67
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no Facebook:
<https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco>

Filmes do Homem: A marca do cinema feito em Melgaço já surge na tela

Pedro Sena Nunes diz que a participação estrangeira traça "uma espécie de nova etapa"



Entre 29 de Julho e 7 de Agosto, quinze novos técnicos de imagem e som recolheram em Melgaço a matéria que vão trabalhar para mostrar na edição de 2017 do Filmes do Homem - Festival Internacional de Documentário de Melgaço.

A proposta aos jovens, alguns a terminar a sua formação superior nas mais diversas escolas de comunicação e imagem, vem desde a primeira edição do festival e apresentou a 2 de Agosto a sua segunda entrega e estreia de filmes documentais gravados em Melgaço e as histórias de melgacenses como objectivo.

As equipas de trabalho formadas a cada ano são novas e de diferentes origens, mas a orientá-las para os quase dez dias de trabalho no terreno está uma das figuras que é também a cara deste projecto.

Pelo terceiro ano consecutivo, o festival Filmes do Homem contou com Pedro Sena Nunes, realizador, programador cultural e professor na área da criação artística, para a orientação das equipas da residência cinematográfica Plano Frontal.

Com a matriz daquilo que é a razão de ser do festival documental de Melgaço sempre presente – identidade, memória e fronteira – nesta terceira incursão pelas histórias de quem vive em Melgaço, as equipas de cinema não tiveram um tema concreto para gravar. Um "risco" que Pedro Sena Nunes considera ter sido desafiante para os doze jovens, alguns vindos de países como a Itália, Colômbia, Áustria e Holanda, ou mesmo alguns jovens portugueses que estão a pôr em prática aquilo que vem aprendendo em escolas superiores de Londres.

Aos participantes da residência através do registo de fotografia coube retratar através do seu olhar os temas Paisagem/Lugar, Trabalho e Família.

Não muito longe destas temáticas estão as equipas que estrearão em 2017 os seus documentários, já que é com uma visão no mundo tradicional mas a apontar para o futuro que focam as objectivas. A transumância, a mudança e as vivências



de quem vem de outro continente para viver em Melgaço são parte da nova abordagem que poderemos esperar em 2017, como garante o orientador, "confiante" nesta nova etapa.

Como vem sendo habitual a cada ano, quisemos saber como olha para este desafio de dez dias em Melgaço, uma prova de fogo para muito dos jovens realizadores, e que contribuição está o festival Filmes do Homem a dar para o cinema documental português.

A Voz de Melgaço (AVM) – Terceiro ano de Plano Frontal, oito filmes concluídos, dois anos de exposições em sala. A esta altura, já há bases para se perceber uma linguagem própria do documentário feito em Melgaço?

Pedro Sena Nunes (PSN) – A força da natureza humana aqui da região começa a ficar mais vinçada. São oito agora, serão doze para o ano, começa a haver densidade, mas ao mesmo tempo há esta diversidade de olhares que enraizam nas formações que cada uma destas pessoas têm. O contributo que dou talvez aproxime algumas coisas, mas não tendo a fazer isso, porque o que exploro é que eles façam aquilo que procuravam.

AVM – O que não impede que passe sempre algo e haja algo de si nestes produtos, como uma impressão digital...

PSN – Poderá haver, na afinação. Eu não imponho nem conduzo, procuro a diversidade, mas também não intensifico as diferenças. Tem a ver com o que cada grupo procura por si.

AVM – Sobre os documentários estreados nesta edição do festival, algo que é comum nestes filmes é a crueza da imagem, o dramatismo, como se fosse uma linha orientadora...

PSN – Isso acho que tem a ver com o que cada grupo procura e o que cada personagem também lhes dá. Temos três retratos focados em memória dramática. O último

desta apresentação ["Para Além da Fronteira", de José Santos] tem a ver com o quotidiano, dá uma dimensão mais rica daquilo que é o mundo actual, mas todas as histórias vão beber muito ao passado e não conseguimos filmar o passado. Portanto as imagens que há ou é pela palavra escrita num jornal ou pelas fotografias, e não são suficientes para sustentar a história.

AVM – Sim, mas também é verdade que quase todos vão às ruínas, ao que resta de físico do tempo do contrabando. Casas, carreiros...

PSN – Acho que há um fascínio das pessoas que estiveram cá na última residência por esse universo. O dramatismo que está colocado é uma opção estética do grupo, não é minha e eu tenho de respeitar isso. Posso dar a minha opinião, corrigir, mas tendo a que as coisas sejam mesmo diferentes.

AVM – Sente que há uma maturidade da fórmula e no que pretende ser este projecto?

PSN – Neste terceiro ano está a crescer ainda mais, porque o facto de termos mais pessoas inscritas permite fazer uma selecção mais apurada. Com os participantes estrangeiros há uma espécie de nova etapa. Quisemos perceber o que tudo isto pode trazer. Alguém que vem das Filipinas para fotografar algo num meio em que nem a língua percebe, nem o interveniente não sabe falar inglês, é interessante perceber como é que, no caso da fotografia, se pode produzir imagens através de uma linguagem quase corporal. Foi um risco, mas vamos ter resultados.

AVM – Como foi trabalhar com estas equipas, este ano?

PSN – Foi fantástico. São pessoas com formações muito diversas. Pela primeira vez esta dimensão internacional do festival, alocado à dimensão internacional da residência, era um risco que tinha de ser vivido. Estamos a entrar por caminhos novos e fascinantes porque

são pessoas incríveis. Cada grupo tem tido interesses tão distintos que eu é que tenho de me adaptar e perceber o processo deles. Nas nossas reuniões nocturnas fazemos este exercício, o mundo das ideias aqui dentro é como uma nuvem de todos, lança-se a ideia e cada um vai buscar o que quiser.

AVM – Dez dias continua a ser o máximo estipulado. É o prazo suficiente, ou se houvesse mais cinco dias podiam sair produtos mais elaborados?

PSN – Há casos que são absolutamente notórios que com mais tempo poderiam ser mais aprofundados, podiam melhorar. Mas até este momento ainda não foi negociável o alargamento. Quando se chega, para alguns parece muito tempo, mas depois há quem chegue aos últimos dois dias e ainda tenha de fazer muita coisa, portanto tem de dar tudo por tudo, agarrar o que conseguiu até ali e às vezes a pressão é boa, ajuda a resolver.

AVM – Quando pega numa câmara e faz algo seu, aproveitando o conhecimento que já tem do local?

PSN – Já pensei em vir mais cedo ou acabar mais tarde, mas é um exercício muito exigente conseguir desmultiplicar-me. Para filmar e para ter a disponibilidade de uma equipa para filmar comigo, só é possível se for fora do festival. Neste período não, porque posso ser solicitado e não posso dizer que não porque estou a filmar. E não temos um horário concreto, temos um fluxo de 20 ou 22 horas sempre a correr, porque há grupos que vão filmar de madrugada, outros que se deitam de dia, estão sempre a acontecer coisas. E fazer alguma coisa só para dizer que estou a fazer não vale a pena.

PLANO FRONTAL QUE FILMES SÃO ESTES? CONHEÇO ALGUÉM?

A edição de 2016 do Filmes do Homem – Festival Internacional de Documentário de Melgaço, somou mais quatro filmes ao espólio documental registado em audiovisual. A cada ano as equipas escolhidas somam sempre mais quatro filmes ao acervo, mas que obras são estas e do que falam as obras apresentadas na edição de 2016 do festival?

Leia as sinopses e, quem sabe, talvez conheça os protagonistas destes registos ou mesmo identificar-se com as vivências aqui relatadas.

SE não teve oportunidade de ver as obras na sala da Casa da Cultura na primeira apresentação ao público, saiba que todas as obras resul-

tantes da residência Plano Frontal poderão ser visualizadas no espaço Memória e Fronteira.

ÁGUAS PASSADAS

Ana Costa, Portugal / 2016 / 20'

Imagem: Sara Santos; Som: Jorge H. Carrilho; Montagem: Sara Santos

Avelino e Amélia recordam os tempos idos do Contrabando. Ambos ganharam as suas vidas graças à fronteira, contudo desempenharam papéis completamente opostos: ele fora guarda-fiscal e ela contrabandista. Neste "jogo do gato e do rato" descobrimos algo maior que estes dois eternos antagonistas.

FRONTEIRA(S)

Sérgio Miguel Silva, Portugal / 2016 / 15'

Imagem: Adriana de Melo; Som: Mariana Vasconcelos; Montagem: Sérgio Miguel Silva

Houve um tempo em que entre Portugal e Espanha existia toda uma economia paralela de contrabando, um tempo onde o bem e o mal não se definiam por uma fronteira e do qual restam as memórias das gentes raianas como o senhor Amadeu Pereira, que nos fala de como Melgaço costumava ser.

NOITE LONGA

Ivan Markelov, Portugal / 2016 / 10'

Imagem: Bibiana Nunes; Som: Daniel Ferreira Lopes; Montagem: Ivan Markelov

O filme explora memórias de um contrabandista da velha guarda que passou a sua juventude a atravessar o rio Minho que divide Portugal e Espanha vezes sem fim. Uma das memórias mais claras dele transporta-nos para um momento trágico da morte do amigo.

PARA ALÉM DA FRONTEIRA

José Santos, Portugal / 2016 / 17'

Imagem: Fernando Bento / José Santos; Som: Carlos Neves

Maria Emília, ex-contrabandista, desvenda o susto de que se livrou graças a um guarda fiscal. Durante quinze anos, mesmo enquanto grávida, Emília atravessou a fronteira entre Portugal e Espanha, contrabandeando géneros alimentares para subsistência, para vender no seu café e porta-a-porta.

Ao longo do tempo, depois do contrabando, a vida de Emília foi-se moldando à nova realidade. O perigo acabou, dando lugar à tranquilidade. Sobrando apenas as memórias do contrabando que, de vez em quando, lhe vêm à memória enquanto trabalha no campo.

O contrabando é revisto numa viagem como uma memória explorada pelas suas palavras e reencontros inesperados que resultam de encontros inesperados.

A produção escrita de António Luís Vaz CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo V A Grande Aventura (2ª parte)



Os judeus aproveitavam o mar revolto, a anarquia que adivinhavam iminente para lucubrações de todo vãs: especulações cabalísticas, filhas do neo-platonismo, da gnose ou de Filo, se é que não oriundas das filosofias orientais, quando em contacto com elas, durante o cativeiro da Babilónia.

Admiravam Pitágoras e Platão, mas eram implacáveis com Aristóteles.

Enojados com a filosofia, sonhadores e fantasistas, alguns alemães desta época divagavam sobre especulação de números pitagóricos, entregando-se com entusiasmo à astrologia, à alquimia, à magia e ao influxo da Cabala.

A subserviência do espírito clássico fez renascer as escolas filosóficas da antiguidade: o estoicismo, o epicurismo, a escola jónica. Os estoicos chegaram a pensar em tornar a sua doutrina elemento-base da filosofia cristã...

Nada trouxe digno de relevo, a não ser o ódio à filosofia tradicional: a Escolástica.

Pobre Aristóteles, que mal podia aguentar-se de pé, às chicotadas que ia recebendo de todos os lados, em tantos anos de luta e de ódio...

A imagem que pretendemos oferecer relativamente ao panorama da filosofia nesta época não seria perfeita, se não lembrássemos a filosofia metafísica, de base protestante e que foi divulgada por elementos dos mais salientes daquela religião. Destacaremos Miguel Servet e Jordano Bruno: aquele mandado queimar vivo por Calvino; este, pela Inquisição, em Veneza, depois de ensinar em vários países da Europa.

Aceitou com o maior entusiasmo a doutrina de Copérnico e deu largas à sua fantasia, no domínio do pensamento. A teoria heliocêntrica do capitular polaco oferecia largo campo de ataque à Escolástica. A Terra e o homem, no conceito geral medieval, são, por assim dizer, o centro da acção divina e dos acontecimentos universais. Ora os próprios olhos diziam que realmente assim deveria ser, porquanto os astros caminhavam todos à volta da Terra e não esta em redor do sol! Afinal dava-se o contrário..., pensava Jordano Bruno.

Influuiu grandemente em Spinoza e Leibnitz, dando ao primeiro a unidade panteísta; ao segundo, o monismo. Por outro lado, a visão de primário na interpretação do facto religioso medieval

tornou-o particularmente elogiado pelos inimigos da Igreja, que não suportam vê-lo queimado pela Inquisição.

Os românticos deixam-se cativar bastante pela sua fantasia rica e pitoresca.

Ainda não falamos dos naturalistas, que deixamos para último lugar. No entanto, o que vai dito elucidou-nos a propósito da crise filosófica dessa idade. Em face disto, era legítimo: o cepticismo e o ecletismo, Vives e Afonso Sanches.

Onde lançar as âncoras do pensamento, se a Escolástica se debatia na crise revolta das ondas, por sobre um pélogo sem fundo?

Como ver claro no desvaio filosófico da época? Qual a melhor doutrina, se tantas se digladiavam entre si?

Uns optaram pelo ecletismo: examiná-las a todas a fim de escolher os princípios tidos por melhores; outros mergulharam na dúvida.

Temos, assim, Luiz Vives, Gomes Pereira, o português Isaac Cardoso, Francisco Vallés e Fox Morcillo.

No cepticismo, destacamos Miguel Montaigne e Francisco Sanches. Aquele pelos «*Essais*» mostra conhecer a filosofia do tempo e exerceu duradoura influência nos meios cultos da Europa. Digam-no Bacon, Locke, Montesquieu, Pascal e Rousseau.

Esvaziou de conteúdo real e absoluto a ideia de Deus, da moral e das leis. Uma vez aceite a identidade biológica entre o homem e os brutos, e com ela a unidade com os restantes seres, já o homem fica privado da valorização cristã e a moral cristã deixa de ser a única verdadeira.

Francisco Sanches arvora-se em inimigo radical da Escolástica, da metafísica e do silogismo. Não podemos aferir o valor exacto das suas afirmações no livro «*Quod nihil scitur*», por se terem perdido as que precisavam melhor o seu pensamento: «*Método Universal das Ciências*», «*Examen Rerum*» e «*Tractatus de Anima*».

Por entre a bruma da erudição que alastrava, os filósofos naturalistas firmavam pé em cada dia que passava.

É curioso notar que eles continuavam a linha de estudos experimentais dos escolásticos do século XIII, nomeadamente de S. Tomás, de S. Alberto Magno, célebre naturalista, e do

franciscano inglês Bacon.

A tradição prolongou-se séculos em fora e teve na universidade de Paris excelentes colaboradores, até que foi subvertida pelo ocanismo e pelo gosto das matemáticas.

É pena registar como a tradição da Igreja, por culpa dos que a serviam no domínio intelectual, veio a tornar-se em poderosa arma contra ela, quando era legítimo esperar o contrário.

Precusores de Rogério Bacon, Descartes, Spinoza, Leibnitz e Kant, os naturalistas desta época preanunciam o advento daqueles e concorrem imenso para o descrédito da Filosofia Escolástica.

A base do sistema, a verdade fundamental para eles é: a zona de investigação filosófica desloca-se para o fenómeno, analisa-o e, por indução, formula os princípios e as leis. O objectivo consiste em descobrir as forças da natureza a fim de melhor as dominar.

Alguns nomes ao acaso, os melhores: Leonardo da Vinca, Copérnico, Galileu, Bernardino Telésio, Tomás Campanella e Francisco Patrizzi.

Leonardo da Vinca, artista primoroso, é também filósofo e naturalista. Nos seus manuscritos, deixou interessantes observações a respeito de mecânica, fisiologia, botânica etc.. Recomendou o método experimental para a filosofia e achava que os fenómenos deviam estar ligados entre si por uma regra eterna.

Copérnico sugeriu a hipótese heliocêntrica, baseado tão só no princípio de que era mais fácil o sistema astral girar em torno do sol do que em volta da terra.

João Kepler, com a «*Nova Astronomia ou Física do céu, em comentários sobre os movimentos de Marte*», deixou-nos as leis do movimento planetário. Substituiu a ideia animista da natureza pela da força. Não admite que o processo natural seja orientado para um fim divino anteriormente fixado. Admite como única razão explicativa dos fenómenos a causa eficiente. Põe de lado a concepção qualitativa do universo para a substituir pela da quantidade. «*Onde há matéria, há geometria*», diz ele. É indispensável, portanto, analisar os factos e depois formular matematicamente as leis que os regem.

Galileu é o inventor da balança hidrostática, aperfeiçoou o telescópio, achou a lei da queda dos

graves, descobriu as manchas do sol, as montanhas na lua etc..

Adversário intransigente da Escolástica, como Bernardo Telésio – o verdugo da Escolástica... –, como Francisco Patrizzi – inimigo irreconciliável de Aristóteles –, como Tomás Campanella – amigo íntimo de Dasseti e que privou com Descartes, na Holanda –, são dele as palavras, em carta ao Príncipe Gesi, a 12 de Maio de 1612: «*Julgo que estas descobertas serão os funerais ou antes o fim da condenação da pseudo-filosofia pois revelam manchas no sol e na lua. O que não vão dizer os peripatéticos para defender a incorruptibilidade dos céus!*»⁽¹⁾

Recorde-se o incidente com a Santa Sé, a condenação posterior, a exploração malévola que os inimigos do catolicismo fizeram e teremos a ideia exacta do que representou para a época e para a Escolástica o nome do sábio.

Hobbes refere numa das suas cartas o seguinte: «O meu primeiro cuidado em Londres foi procurar os «*Diálogos*» de Galileu. Quando, na despedida, me comprometi com V. Ex.cia a comprá-lo, supus tratar-se de um assunto fácil. Noto, porém, que se V. M. insistisse em obrigar-me a cumprir o prometido me veria em maus lençóis, já que é de todo impossível achar o livro comprando-o. Por um lado, chegaram poucos livros e as pessoas que os adquiriram não os dispensam de maneira nenhuma. Por outro lado, oiço dizer que ele é apreendido na Itália, sob pretexto de se tratar dum livro que faz mais prejuízo à sua religião do que todos os escritos de Lutero».⁽²⁾

Hobbes não tardará a manifestar-se como filósofo materialista, um dos grandes responsáveis do cataclismo francês. Voltaire, Di-

derot e os enciclopedistas ficar-lhe-ão a dever imenso.

Pobre razão atirada ao mar revolto das ideias, sem rumo e sem norte!

Deixara os caminhos do Alto pelos trilhos ínvios da matéria.

Ao voo nas alturas, sucedeu o estrebuchar dos pântanos...

Podemos afirmá-lo com orgulho: o mundo precisava de nós, do nosso trabalho, da inteligência dos nossos mestres, dos braços e da rija ténpera dos nossos navegantes.

Que seria hoje o mundo, sem a época gloriosa das Descobertas?

Que seria da Europa, sem a acção notabilíssima dos portugueses e espanhóis no Concílio de Trento?

Aonde pararia o protestantismo, se a Península o não detém na barreira dos Pireneus e lhe não vai dar combate nas universidades da Europa?

No momento em que a inteligência tresvaira em especulações de todo fora da tradição católica, a Península rivaliza com as melhores universidades do continente, disputa-lhes a ouro os mestres, apreende com sagaz espírito as magníficas lições que nos oferecem e, mal rebenta a fúria iconoclasta da heresia, arremete com ela, trava prélios ensandecidos e vá de fixá-lo atrás de fronteiras bem definidas e onde a pureza doutrinária das escolas por vezes tanto deixou a desejar...

⁽¹⁾ G. Sortais, em *La Philosophie Moderne depuis Bacon jusque à Leibnitz*, Paris, 1912, pg. 369.

⁽²⁾ *Tomas Hobbes*, de Fernando Tonnies, Revista de Occidente, Madrid, 1932, pg. 40.

MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS
LINHAS DIREITAS – CLÁSSICOS
MACIÇOS – E AVULSO



Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92
Tels. 251 402 965 – 251 404 791 | VILA – MELGAÇO

Os primeiros sapatos

A família era pobre de bens materiais mas muito rica de princípios e de orgulho. A mãe recusou um casamento desejado pelos pais, quase combinado pela sua própria mãe e uma vizinha muito querida. Ambas tinham crescido em casas contíguas, noivaram, casaram e tiveram os primeiros rebentos ao mesmo tempo, com diferença de poucas semanas. Por mor de uma grande febre, ficou a mãe da Dorinda sem o seu primogénito, salvando-se o menino da amiga. Para a aliviar da dor da perda do anjinho, a vizinha entregava-lhe muitas vezes o filho para ela tomar conta dele. Para atenuar o desconforto no peito causado pelo leite a estiar, quiçá para mitigar a dor que lhe enchia o coração, a mãe em luto pôs o menino ao peito e deixou-se tomar de amores, como se fora seu, mas sem disso dar sinal a quem quer que fosse. A amizade entre as duas mulheres saiu reforçada desta proximidade e a natureza voltou a brindá-las com nova gravidez em simultâneo. A mãe do Manuelzinho (só ela o tratava assim, para todos os demais era o Nelo) planeou que se a amiga tivesse uma menina a casariam com o filho. Este ensejo assim verbalizado chocou os ouvidos da vizinha, que olhava para o menino quase como se fosse seu filho, mas com o tempo apoderou-se ela também da ideia, uma amizade tão grande como a que unia as mães só poderia gerar um grande amor entre os filhos. Não ouvira já dizer que quando se quer muito uma coisa ela se torna realidade?

Nasceram duas meninas que batizaram de Dorinda e Deolinda. Queriam que crescessem juntas como irmãs e viam na semelhança dos nomes uma simulação de igualdade que só existia nas suas cabeças, pois apesar de a riqueza estar arredada daquelas paragens, o certo é que quem possuía terra tinha nome e nesse contexto a diferença entre as famílias era real. Os homens que não se aventuravam a ir para o Brasil, emigravam para as Astúrias ou para a Beira Alta em busca de mais uns escudos para aliviar o quotidiano frugal, para comprar umas courelas ou substituir o colmo por telha e colocar umas janelas com vidros nas casas humildes. As mulheres, sozinhas, ou com a ajuda de pais e sogros cansados, faziam o que podiam para criar os filhos e administrar o lar, dentro e fora de portas, sempre à espera que os seus homens chegassem para as aliviar por algum tempo das tarefas que a eles incumbiam.

A cada regresso correspondia muitas vezes uma gravidez e os filhos iam nascendo e crescendo como a natureza determinava. As duas amigas tiveram cada uma mais dois filhos, mas em épocas distintas e a proximidade de recém-casadas foi-se esbatendo com o tempo. Porém, por ocasião de uma qualquer festa ou convívio da vizinhança, o casamento do Nelo com a Dorinda não raramente surgia nas conversas. A "prometida" não achava graça nenhuma ao assunto, dizia que haveria de escolher quem quisesse e era categórica na sua recusa de se casar com o irmão de leite. Desde pequenina que se revelou voluntariosa e incapaz de dar o braço a torcer.

Tinha vinte anos e na ladainha do Senhor São Brás foi abordada por um quase desconhecido que lhe pediu para a acompanhar a casa depois de recolherem à capela. Vira-a e os seus olhos não podiam desviar-se; com todo o respeito que o local e o evento lhe mereciam, fora o santinho que a pusera no seu caminho; não poderia ir-se embora sem chegarem à fala. Também ela dera pela presença do rapaz, por ser invulgar, por ser o único jovem na procissão e, não menos importante, porque era uma estampa!

Foi o início de um namoro que haveria de durar algum tempo, mais do que ambos desejavam, mas os motivos do pretendente à mão da Dorinda eram de peso. O Eurico queria acabar de fazer a sua própria casa, tinha o terreno e a ideia do que pretendia, mulher sua não viveria num tugúrio como aquele em que ele nascera e crescerá. Trabalhava há anos nas minas das Astúrias, finalmente ganhava bem e apenas para realizar aquele ensejo. A mãe da Dorinda não aprovou o namoro e ganhou o pai para as suas hostes, filha sua não casaria com um pobretanas sem eira nem beira, tinha à porta de casa pretendente à altura, o seu dever era fazer o que os pais lhe mandavam. Se persistisse, não contasse com a ajuda deles para o que quer que fosse.

Não havia nada a fazer, não aceitavam a sua escolha, ia-se embora sem a sua bênção, *quem casa quer casa*, ia para a sua com o homem eleito do seu coração, sabia que era a decisão certa e a vida estava do lado deles, eram jovens, tinham braços para trabalhar, não queria arrepende-se um dia de ir contra o que lhe ditava o coração. A natureza deu uma ajudinha e mal a Dorinda sentiu que um novo ser crescia no seu ventre, mudou-se para a casa em

construção, casaram-se apenas com duas testemunhas e manifestaram ao padre a sua vontade de lançar os banhos de imediato.

A vida só lhes podia sorrir e assim foi durante os primeiros anos. Labutavam com a força que tinham para que em casa nada faltasse e a vontade imensa de fazer ver à família dela que a razão estava com eles. É verdade que a vida não era fácil, mas não era fácil para ninguém naquela época sobretudo quando rebentou a guerra na Espanha. Ficar na terra agradava ao Eurico e à mulher mas sobretudo aos três filhos que adoravam o pai. Este levava-os para todo o lado e ensinava aos rapazes como desencantar ninhos e tocas de coelhos, a fazer físgas e armadilhas para tudo o que mexia na natureza. Falava-lhes das suas idas e vindas para as minas, de como eram diferentes as gentes de lá, da guerra que assolava o país vizinho. E à noite tinha um hábito muito peculiar: lia para a família inteira qualquer coisa que lhe chegasse à mão. Quando não havia nada de novo, pegava num livro velho e lia vezes sem conta as mesmas histórias, à luz trémula do candeeiro de petróleo na cozinha aconchegante.

Como não há bem que sempre dure, o azar bateu-lhes à porta através da doença do chefe de família. Começou por uma tosse insidiosa que parecia querer fazer-lhe saltar os bofes pela boca. Quando aqueles ataques o assaltavam, o pobre do Eurico ficava sem forças, coberto de suor e pálido como um lençol. A pouco e pouco foi ficando sem forças, tornando-se uma sombra do homem elegante por quem a Dorinda se enamorara. Os médicos que consultou disseram-lhe a mesma coisa: o trabalho nas minas dera-lhe conta dos pulmões, nada havia a fazer a não ser alimentar-se bem, descansar e respirar o ar puro da montanha. A mulher não se conformava, não era nenhum velho para a malina se ter apoderado assim das suas entranhas. Poderia até ter sido contagiado por um companheiro, os cuidados a ter eram exigentes, o doente não devia partilhar a loiça com os familiares e a roupa devia ser corada e bem seca ao sol e, no inverno, separada da do resto da família.

O dinheiro que deviam ao tio Manuel Barreira deixou de ser uma preocupação, o vizinho condeou-se da má sorte da Dorinda e disse-lhe que pagaria quando pudesse, tratasse de cuidar do seu homem, valia mais acudir aos vivos do que cumprir contratos pecuniários. O mesmo não pensou outro abastado proprietário



a quem tinham recorrido para as obras finais da casa e que lhes foi buscar o gado e a colheita quase inteira de batatas e cereal do ano. A Dorinda só pensava na fatura que havia na casa dos pais em contraste com a sua. Depois de muitas voltas à cabeça, encheu-se de coragem e foi bater à porta onde nascera. Era para os filhos e para um doente que pedia, só para eles, e não aceitava um não como resposta. O seu homem não estava em condições de trabalhar, com o calor do verão melhores dias chegariam, mas até lá tinha de pôr comida na mesa para os quatro. Foram escassas as palavras e foi a mãe que as disse: não sairia de mãos vazias, mas escusava de voltar, o que a ela pertencia por direito recebê-lo -ia quando a lei natural da vida quisesse, ou seja, quando os pais morressem. A irmã, que ouviu como ela, ainda quis intervir mas foi serce calada pela progenitora. A Dorinda engoliu as palavras e voltou com o que pôde levar consigo e a promessa de lhe fazerem chegar a casa com que cozer algumas fornadas de pão e batatas para comer e semear. Chorou durante o caminho todo entre os dois lugares, não sabia se de raiva pelo orgulho da mãe, se de humilhação se de desgosto pelo futuro, que ela previa muito mais negro.

O Eurico ficou durante longos meses confinado ao grande escano face ao lume acolhedor que não se apagava de manhã até à noite. A Dorinda, com a ajuda dos dois filhos mais velhos e quase sempre a contragosto do pai, que os queria na escola, ia fazendo o que podia para tocar a vida para a frente. A menina, de seu nome Sofia, ficava ao cuidado do doente, enquanto este viveu e, apesar da tenra idade, recorda-se de como ele lhe falava de mansinho entre os ataques de tosse que o comiam por dentro. A última recordação que a Sofia guarda do pai é de estar a brincar no pátio, num dia de sol radioso, o doente deitado em cima de uma manta, e pedir-lhe para ir chamar a vizinha. A tia Teresa chegou e

ela continuou a brincar sozinha enquanto os adultos conversavam. O inevitável aconteceu e o que devia ser o pilar da família finou-se, ficando os vivos entregues aos azares da vida.

Não tiveram tempo de parar para chorar o marido e o pai amantíssimo. Ao fim de dez anos de um casamento cheio de amor, encontrou-se a Dorinda viúva, cheia de dívidas, sem saber como cumprir a promessa feita ao seu homem: mandar os filhos todos à escola e criá-los para uma vida mais desafogada do que a que ele não pudera dar-lhes mas que lhes era devida. Os rapazes, sobretudo o Alberto, o mais velho, foram tomados por uma revolta enorme, viviam em luta permanente, porque queriam aprender como o pai lhes pedira e a mãe exigia, mas queriam trabalhar. O Berto sentia-se o homem da casa e a ele competia tomar conta da família, dizia à mãe, quando estava em desacordo. A Sofia ainda nem entendimento tinha para aceitar as roupas negras com que a mãe a vestiu depois de ter tingido tudo o que conseguiu. De nada serviu a tia Teresa dizer-lhe que a menina era muito pequenina, que não fazia sentido pô-la que nem um corvo, por certo que o pai não estaria de acordo.

A vida não se compadecia da dor da mãe e o tempo não ajudava, parecia que os invernos eram mais rigorosos, as colheitas menos produtivas e os recursos da família cada vez mais escassos. O Alberto queria ir para o contrabando, a mãe não o autorizava mas também não lhe sabia explicar porque já não matavam um porco, porque é que a sopa não tinha gosto nenhum, só quando a tia Teresa ia meter na panela, às escondidas, um naco de toucinho ou uma chouriça. Os meninos adoravam a mãe mas não se conformavam com a fome que era maior, muito maior do que eles, e também lidavam mal com o conformismo dela, sempre a dizer que a sorte haveria de mudar e que se o sol nascia para alumiar a todos por igual,

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

o dia deles estava guardado, só tinham de esperar. Entretanto dominava-os a fome, o frio, as lágrimas da mãe, que ao Berto se lhe entranhavam até ao mais íntimo da sua alma de menino pobre e triste sem tempo para ser menino.

As carências nunca se desvaneceram por completo na alma daquelas crianças nem da mãe, mas quando os dois meninos saíram debaixo das saias da mãe e começaram a ganhar algum dinheiro, a vida de todos melhorou. Devagariño, jornada a jornada, ao lar desprovido de quase tudo ia chegando um pouco de carne, de açúcar, de café e até de chocolate e bacalhau. Voltou a haver um porco para a matança e todos puderam comer até se fartarem, antes de separarem as carnes destinadas ao fumeiro. Não era ainda a fartura que a mãe prometia quando sofriam a miséria mais extrema, mas o início de uma nova era, disso estava convicto o Berto.

Tinha dezoito anos quando chegou para uns dias de férias e para a festa da padroeira. Na maleta onde transportava os seus pertences, levava prendas para a mãe e para a irmã e rebuçados para a criancada da vizinhança. A Sofia nem queria acreditar no seu presente: uns sapatos de fivela que brilhavam ainda mais do que os da filha da professora quando foram fazer a primeira comunhão! Abraçou e beijou o irmão vezes sem conta, de palavras para agradecer não precisava, o seu rosto era a prova viva da alegria genuína e desinteressada. Experimentou os sapatos, o irmão insistia para ver se lhe serviam, não deviam ser grandes, mas pequenos é que não, feriam-lhe os pés e depois nem sapatos nem socos, ficava manquinha. Riam-se ambos, o irmão grande estava tão contente como a pequena Sofia que nessa noite dormiu agarrada

da aos sapatos, como se de uma boneca se tratasse.

A roupa nova que vestiu para ir à festa não condizia com os sapatos de verniz, qualquer um podia ver, mas isso não importava à pequena Sofia, era o seu dia de glória, sentia-se mais bela do que uma princesa e a custo levantava os pés do chão, só tinha olhos para os seus primeiros sapatos. Quando chegaram ao adro da capela já mal disfarçava o esforço que fazia para andar. Durante a procissão ia encolhida junto das outras crianças que seguiam o andor, todas ufanas e compenetradas. No regresso a casa após a festa religiosa, a Sofia coxeava e não era capaz de acompanhar as outras pessoas. O Alberto deu-se conta e quis saber o que se passava. Calada e cabisbaixa, a menina deixou correr duas lágrimas furtivas pela face morena e agarrou-se ao irmão, estava cansada, confessou, num murmúrio. Chegou a casa às cavalitas e foi a correr tirar os sapatos. Os dedos dos pés estavam em sangue, as meias todas sujas! Não foram precisas palavras: os sapatos eram pequenos, não lhe serviam!

Não soube ou não quis explicar por que razão tinha dito que lhe serviam quando, visivelmente, eram dois números abaixo do que devia calçar. Compreendendo o valor que aqueles primeiros sapatos tinham para a mana, o Alberto prometeu que quando voltasse lhe daria outros, não a queria triste, não valia a pena chorar por uns sapatos. E teve uma ideia para dar serventia àqueles, não os iam deitar fora. Com todo o cuidado, pegou numa faca e abriu a frente dos sapatos, permitindo que os dedos ficassem livres. Não eram tão bonitos mas serviam, eram mais próprios do que os socos de todos os dias. E lá foi a Sofia, toda feliz novamente, para a festa da Senhora da Paz.

Olinda Carvalho

É tempo de “pensar a floresta de forma diferente” antes que o PNPG perca o seu ‘pulmão’

Manoel Batista diz que o Alto Minho deve ser diferenciado nos apoios à preservação da floresta

“Nesta reunião, ficou o compromisso de fazer do Parque Nacional da Peneda-Gerês um exemplo de gestão da floresta e vamos começar a trabalhar já”, afirmava categoricamente o Ministro do Ambiente, João Pedro Matos Fernandes, em Arcos de Valdevez, numa reunião presidida pelo Primeiro-Ministro, António Costa e que contou com a presença dos autarcas dos concelhos do distrito de Viana do Castelo.

Arcos de Valdevez foi, por sinal, um dos mais afectados pelo incêndios que deflagraram no Alto Minho na primeira quinzena de Agosto, mas os alertas soaram um pouco por todos os concelhos da região que, além da economia assente na paisagem e na produção agrícola, tem ainda que cuidar da paisagem e da mais-valia que é o Parque Nacional Peneda-Gerês (PNPG).

Como olha o município de Melgaço para esta ameaça que a cada ano vai consumindo manchas florestais que demoram anos a criar-se, desvalorizando a matéria prima, mas também a paisagem de um concelho voltado para o turismo?

Em 2016 recordamos 2013, “duro” para a floresta melgacense e para as manchas florestais que estavam a ganhar forma. Manoel Batista, à altura candidato à Câmara Municipal de Melgaço, referia a este jornal que a floresta seria uma das preocupações do seu mandato. E a aposta, garante-nos cerca de três anos depois, não está esquecida.

“Não a esqueci. A aposta na floresta é algo em que o país tem de pensar. Tem de haver uma concertação de vontades para que a floresta volte a ser uma riqueza”, reitera, notando que em 2013 se perdeu uma oportunidade que já vinha a ser discutida entre a Comunidade Intermunicipal do Minho-Lima (CIM Alto Minho) e o Ministério da Agricultura que previa a transferência das competências de gestão da floresta dos municípios do Alto Minho para a CIM Alto Minho e assim, “de forma coordenada e com capacidade financeira, poder fazer com todos os parceiros uma outra gestão da floresta”.

Após uma ideia sem aplicação, segue-se um “Quadro [Comunitário] que nasceu completamente torto” e que “não tem considera-



ção as realidades concretas dos municípios”, atira o autarca.

Saber como aproveitar os recursos da floresta e criar estratégias que motivem a limpeza da floresta serão factores determinantes para que a floresta deixe de arder desta forma, considera Manoel Batista. “Enquanto não encontrarmos uma valorização económica para os resíduos florestais, sobretudo para a biomassa, que cresce de forma espontânea, não vamos conseguir resolver este problema da floresta. Quando eles forem economicamente rentáveis, então haverá apetência para ir lá limpar, para aproveitar porque se ganha dinheiro com isso”, nota.

Até lá, é conveniente que os proprietários dos terrenos percebam que a capitalização da floresta não está só no corte, mas a missão destes propósitos chamará para já os baldios e Juntas de Freguesia.

“Com o repovoamento correcto, a floresta pode dar dinheiro de muitas maneiras. No nosso município temos outras formas, mas temos de a considerar como paisagem, porque se não tivermos uma floresta sadia não temos paisagem, que é uma dimensão rentável pela aposta forte no turismo de natureza”, indica o autarca melgacense.

A legislação promete ser mais exigente com os proprietários de parcelas ‘abandonadas’, mas Manoel Batista não considera ser esse um grande problema no concelho, até porque “os privados terão todo o interesse em manter as suas propriedades”. O apelo vai antes para a gestão dos baldios, que “terão de pensar de forma diferente a floresta”, acautelando a paisagem e a sua mais-valia para o território.

Um plano que, admite o edil, deveria ser mais apoiado pelo Governo já que é nesta região que reside parte do ‘pulmão’ do país.

“Municípios como o nosso e os que estão aqui ao nosso lado, que tem uma faixa de floresta enorme, deveriam ser diferenciadamente financiados para esse trabalho na floresta, porque é dela que nasce o ‘pulmão’ que vai tornando o país respirável”.

Em 2016, os incêndios que afectaram principalmente as freguesias de montanha do concelho, tiveram origem em áreas de concelhos vizinhos. Em Castro Laboreiro, onde o incêndio com origem na zona da Peneda (Arcos de Valdevez) acabou por chegar, o autarca garante que a equipa de sapadores para aquela zona foi eficiente na prevenção.

A equipa de sapadores de Melgaço, desactiva durante alguns meses, já trabalhou a prevenção. Manoel Batista diz que as equipas estão a melhorar as condições de prevenção e a autarquia apresenta-se como um apoio neste matéria, no âmbito do qual há já um projecto aprovado para criar acessos a pontos de água, que servirão de acesso à floresta para a manutenção.

Mas a floresta não deverá assentar só a preocupação local. Para que o tema da floresta seja pensado tendo presente uma “visão mais vasta da floresta de todo o distrito”, o autarca de Melgaço nota que o homólogo e Arcos de Valdevez, João Manuel Esteves já terá solicitado ao Governo e ao organismo gestor do PNPG para que as entidades de conservação da natureza sejam “mais abertos às intervenções no espaço do parque, porque não interessa que haja restrições exageradas no sentido de o preservar quando depois, pelas restrições, não se fez a limpeza adequada do mesmo e vem o fogo e limpa tudo”, conclui.

João Martinho

Allianz

Liberty Seguros

LUSITANIA
Grupo Montepio

AXA

MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 966747834

Protocolos de Seguros

Forças Militares (GNR, PSP, etc)
Professores, Função Pública
Médicos, Dentistas, Veterinários

Legalizações automóveis

Regime Geral
Regime de emigrante
Pergunte sobre o seu caso em especial

FLASHS DO CICLO Do Peso à Abeleira

Como sou de opinião que o Peso e a Abeleira seriam os locais que melhor conquistavam o turismo em Melgaço, desde há anos que tenho escrito neste Jornal sobre esse tema. Assim, devo dar os parabéns à Junta da Gave, pelo que tem feito, em prol do enriquecimento daquela magnífica Branda, apesar das limitações dos seus poderes. Vale a pena visitar. Se realizarem um concurso de brandas, por aquilo que eu conheço, não tenho dúvidas que a Branda da Abeleira seria a Rainha. Com respeito ao Peso, é precisamente o contrário. Com efeito, poderia ser considerado Rei, olhando ao seu parque e à sua localização. Porém, só podia receber o título de "O REI VAI NÚ". Efectivamente tem um magnífico parque, bem localizado, junto ao Rio Minho e a poucos metros de Espanha, mas para a autarquia nada valeu. Ao contrário das outras autarquias, que possuíam termas, pelo que, muitas eram simples aldeias, mas foram todas promovidas a vila, com a ajuda da EU, só Melgaço é que preferiu o desprezo pelas termas, deixando que o Peso chegasse ao estado lamentável em que se encontra. Mas, no Ano 2009, quando a Unicer, proprietária das termas de Melgaço, Vidago e Pedras Salgadas, havia feito um contrato Programa, com a Câmara de Chaves, em que a empresa ia gastar mais de 60 milhões, nas termas de Vidago e Pedras Salgadas e a Câmara responsabilizou-se pelo arranjo de toda a zona circundante, bem como, promover a sua divulgação, eis que surge a notícia que a Câmara de Melgaço iria fazer um contrato com a mesma empresa, assumindo os encargos de renovar os balneários, bem como os seus anexos, gastando Milhões, ficando na posse dos mesmos por um limite de anos. Verdadeiro negócio da China. Alguém acreditava que tal negócio seria útil a Melgaço? Duvido.

Mas para melhor esclarecimento, julgo pertinente transcrever o que então escrevi neste Jornal do dia 1 de Dezembro de 2009: - "A revista" EDIÇÕES INÉDIA 2, reportando-se ao acordo de Chaves, terminava da seguinte forma: É precisamente a pensar no esforço desta oferta turística estratégica para o futuro, que surge em Vidago um projecto, ou melhor dizendo, um conjunto de projectos, públicos e privados, que vai injectar uma nova dinâmica à vila e trazer de volta os tempos áureos da velha colónia termal. Desta vez são operadores privados do grupo Unicer, que estão a tomar a dianteira nalguns projectos emblemáticos, como a recuperação do mítico Palace Hotel de Vidago, a expansão do Campo de Golf e a reabertura das Termas. Mas a Câmara Municipal de Chaves não deixa os seus créditos por mãos alheias e está por isso a investir, no seu próprio projecto termal, associado à requalificação da vila e à dinamização dos empresários locais. E se é certo, que muitas das intervenções se vão prolongar, no tempo, a verdade é que, no final deste ano, já muita coisa terá mudado em Vidago.

É efectivamente lamentável que a empresa gaste mais de 60 milhões no que lhe pertencia e a Câmara de Chaves gastou o que pode no que era da sua responsabilidade e em Melgaço, a Câmara gasta 5 milhões a melhorar o património da Empresa e despreza o que devia proteger. Pobre terra que tais mandões tem. Depois todos pagamos a factura."

Arménio Melo

"Habemus vinum" VIII (IIIª série) Uma escapada ao Alentejo



O meu destino de férias este ano, durante todo o mês de Julho, ficou dividido em duas semanas de praia, passados em Vila Nova de Cerveira e Moledo, e a última semana do mês, com uma ida ao Alentejo, para participar no "Encontro Nacional dos 2 CV" que o clube de Portalegre, destas "estimáveis viaturas", organizou em boa hora e levou a efeito durante quatro dias, com a concentração de todos os clubes do país, em Castelo de Vide.

O acontecimento teve lugar na semana anterior ao festival das Andanças, e felizmente nada aconteceu aos estimados "dois cavalos", num total de 130 viaturas, vindas de várias regiões do país, para além de outros entusiastas destes automóveis, vindos de paragens como Barcelona, San Sebastian e até de França.

Aproveitei também para dar uma saltada a Espanha, com uma ida a Olivença e também a Mérida, onde nos esperaram uns bons 43º graus de temperatura!

Na agenda do programa, estava uma visita a Campo Maior, onde se encontra o complexo da empresa de cafés Delta e a Herdade das Argamassas, do grupo Nabeiro.

Posso dizer que a visita proporcionada aos visitantes excedeu bem a expectativa. O Centro de Ciência do Café, único na Europa, é um espaço bem estruturado, bonito de se ver, onde é proporcionada ao visitante uma experiência interactiva da origem e da história do café que, para muitos que não sabem, é a segunda bebida mais

consumida em todo o mundo.

Mas, não vamos falar hoje do café, mas do vinho que o senhor Comendador Nabeiro, produz na Quinta das Argamassas.

Antes de mais, umas bonitas instalações desenhadas pelo arquitecto Siza Vieira, marcam a sua presença no monte alentejano, onde se encontra o centro de vinificação, engarrafamento e a guarda de balseiros e barricas onde estagiam os vinhos da Quinta. É uma imagem de marca que já corre fronteiras, já não só pelo prestígio do desenho do arquitecto nortenho, mas pelo enquadramento onde se encontra.

A adega, toda ela branca, contrasta com o verde das vinhas, onde o mármore branco alentejano marca a sua imagem no conjunto do projecto arquitectónico.

Após as visitas efectuadas pelos visitantes, divididos em dois grupos, ao Centro da Ciência do Café e à Adega, teve lugar nas instalações da Herdade, um almoço para todos os convivas.

Foram servidos os vinhos da gama "Caiado", branco e tinto, durante a refeição, os quais não desmereceram e obtiveram bons comentários, já que se trata dos vinhos correntes da gama corrente deste produtor.

Segundo inquiri na ocasião, na loja de vendas existente na quinta, o enólogo Paulo Laureano, que esteve desde o início deste projecto do Comendador Nabeiro, já não presta lá os seus serviços, o que me surpreendeu.

Devo dizer que tenho por este

enólogo que conheço, uma boa consideração, não só por colocar no mercado os seus vinhos alentejanos com boa qualidade/preço, mas essencialmente por fazer gala de só utilizar nos seus vinhos castas portuguesas.

É caso para dizer: se temos boas castas portuguesas, porque é que vamos importar e fazer vinhos com castas vindas de fora, adulterando e descaracterizando os nossos vinhos?

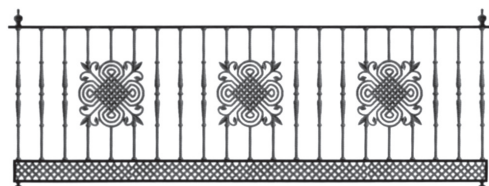
Todos sabemos o desenvolvimento que o Alentejo teve nos últimos dez anos, para não dizer há mais. O Alentejo sempre foi um grande produtor de vinho, com marcas sobejamente conhecidas pelos enófilos mais antigos, como a casa agrícola José Sousa, da família Rosado Fernandes, Tapada do Chaves, Abreu Calado e Herdade de Estremoz. Surgiu depois o projecto da Herdade do Esporão, e a partir daí, a visibilidade do Alentejo, subiu de tom com o aparecimento dos vinhos da Cartuxa e de outras tantas herdades e montes alentejanos, muitos deles na posse de estrangeiros que se radicaram no nosso país, a produzir vinhos. Não quero deixar de mencionar que os brancos alentejanos, mormente os da zona da Vidigueira, Cuba e Alvito, eram excelentes para os apreciadores de brancos, os quais caíram depois de moda, e passaram a ser os tintos os mais apreciados. Contudo, nos dias de hoje, estão a ser arrancadas vinhas de tinto, para voltarem a plantar de novo vinhas para brancos.

Ainda não foi neste artigo que falei da Bairrada, conforme já prometi, mas ficará para o próximo mês, já que ao regressar do Alentejo, com destino ao Porto, fiz o "obrigatório desvio", para ir comer o tradicional leitão, acompanhado por um bom espumante, depois de uma longa viagem de Nisa, até à Bairrada.

Está prometido, e até lá, boas férias para todos aqueles que as estão a gozar.

António Jorge Tavares
Jornalista
(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

SERRALHARIA BOAVISTA DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista - Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

A paixão 'bimmer' assinalou-se em Melgaço pela quarta vez



A 13 de Agosto, as estradas de Melgaço voltaram a ser passadeira para o desfile de várias dezenas de carros da marca BMW. O mote era o 4º Encontro de BMW, promovido pela BMWEnthusiastsPT, que tem já na vila alto-minhota um dos seus pontos de referência. De Madrid (Espanha), Barcelos, Viana do Castelo e, naturalmente, Melgaço, nomeando as proveniências mais expressivas, os destinos confluíram para o complexo do Centro de Estágios, que já vem

sendo o ponto de encontro a cada edição.

Cerca de 70 pessoas reuniram-se à mesa do restaurante Mira Castro, em Castro Laboreiro, permitindo aos entusiastas das máquinas 'bimmer' apreciar um percurso rico em paisagem e uma gastronomia rica em sabores.

Francisco Ranhada, entusiasta e organizador do evento destacava a referência que o encontro vem sendo na agenda dos eventos temáticos, este ano com mais es-

pectadores em redor do parque onde houve provas de perícias, mas com menos participantes do que em 2015. Recorde-se que o terceiro encontro, a 15 de Agosto do ano transacto, foram quase cento e trinta convivas, distribuídos por cerca de uma centena de carros.

"Em termos de organização e qualidade cresceu, mas não superou os números de 2015. O ano passado deu um salto muito grande", reconhece Francisco Ranhada.

Realizado com o apoio da Câmara Municipal de Melgaço e do Centro de Estágios e patrocinado pelas empresas Soalheiro e Melgaço Radical, o evento vem conquistando públicos, mas não se propõe a outras dimensões, como esclarece o organizador.

"Estamos a utilizar o espaço ao máximo, não dá para mais. Fazer algo mais além, teria de ser no centro da vila, noutra altura. Este encontro foi criado para ser assim e será sempre assim", indica.

Dois pilotos de Melgaço no pódio do "Troféu Drift" 2016

Fábio Cardoso e Sérgio Marques brilharam no Troféu Drift 2016, disputado no circuito de Guilhabreu, Vila do Conde, nos dias 4 e 5 de Junho.

Além de Fábio Cardoso (em 2º lugar) e Sérgio Marques (em 3º), também o melgacense Francisco Ranhada ficou entre os dez primeiros da sua classe competitiva, ficando em 8º, em competição com 28 pilotos.

Além dos pilotos em prova, a equipa melgacense fez-se representar em expressão, entre patrocinadores, equipa técnica e claque de apoio, os resultados surpreenderam a comitiva, que saiu vencedora ao consagrar-se entre os primeiros desta prova. Note-se que o "Troféu Drift" é uma competição de Drift licenciada pela FPAK, organizada pelo Slalom Clube de Portugal com o



apoio da ADT-Eventos, onde geralmente competem alguns dos melhores pilotos de drift do país.

Fotos da prova "Troféu Drift" 2016 de Ruffin Domingues (Digitus), patrocinador da participação melgacense.

João Martinho

eprami escola profissional do alto minho interior

"UMA ESCOLA ÚTIL PARA A VIDA"

António Sérgio

ano letivo

2016 | 2017

cursos

PROFISSIONAIS

inscreve-te em

eprami.pt

Apoios:

- Alimentação
- Transporte gratuito
- Alojamento/Residência de estudantes
- Bolsa de material de estudo
- Bolsa de estágio
- Seguro escolar
- Isenção de propinas
- Projetos e Estágios Internacionais
- Apoio aquisição pc portátil



PAREDES DE COURA

- // TÉC.de LUZ, SOM e EFEITOS CÉNICOS
- // MECATRÓNICA
- // ESTÉTICA



MONÇÃO

- // MECATRÓNICA AUTOMÓVEL
- // TÉC.de MASSAGEM de ESTÉTICA e BEM ESTAR
- // RESTAURANTE/BAR



MELGAÇO

- // ASSISTENTE DENTISTA
- // INFORMÁTICA de GESTÃO



Declaração Patrimonial da Branda da Aveleira (2016) – Gave – Melgaço

No dia 6 de Agosto de 2016, em que celebramos festivamente o Dia do Brandeiro, renovamos a Declaração Patrimonial de 7 de Setembro, 1996.

Os brandeiros que comungaram com estes pedaços de terra, onde cada espaço está denso de permanência e universalismo, foram protagonistas e construtores de uma trama espessa e indissolúvel, em que os factores geográficos, ecológicos, económicos e de adaptação operaram uma constante simbiose que contribuíram para a coesão social, neste conjunto harmonioso de montanha.

Célebre no âmbito ecológico ficou a Carta do chefe Seattle, escrita em 1854 e endereçada ao então presidente americano Franklin Pierce como resposta à proposta de compra de uma grande extensão de terra índia, feita pelo grande Chefe branco de Washington:

“... Por fim, talvez sejamos irmãos...”

... Cada parcela desta terra é sagrada para o meu povo...

... Somos parte da terra e do mesmo modo ela é parte de nós próprios. As flores perfumadas são nossas irmãs, o veado, o cavalo, a



grande águia são nossos irmãos; as rochas escarpadas, os húmidos prados, o calor do corpo do cavalo e do homem, todos pertencemos à mesma família...

... A água cristalina que corre nos nossos rios e ribeiros não é somente água; representa também o sangue dos nossos antepassados...

... Que seria dos homens sem os animais? Se todos fossem exterminados, o homem também morreria de uma grande solidão espiritual. Porque o que suceder aos animais, também sucederá ao homem. Tudo está ligado.

Devem ensinar aos vossos filhos que o solo que pisam são as cinzas dos nossos avós. Ensinem aos vossos filhos que a terra está enriquecida com as vidas dos nossos semelhantes, para que saibam respeitá-la. Ensinem aos vossos filhos aquilo que nós temos ensinado aos nossos, que a terra é nossa Mãe.

Tudo o que acontecer à terra acontecerá aos filhos da terra.

Propomos para o espaço geocultural da Branda da Aveleira:

– Que a mesma seja classificada como paisagem protegida;

– Que se proceda a uma floresta equilibrada com espécies autóctones e protegidas, como o carvalho, o videeiro, o castanheiro, o azevinho e outras;



– A criação de um eco-museu em que as cardenhas ocupem um lugar de destaque;

– Aproveitar a Branda para o turismo serrano e cultural, mas moderado;

– Que se promova todos os anos o Dia do Brandeiro, aproveitando para o convívio e contributo valioso para a resolução dos problemas que os preocupam e para a preservação e promoção destes espaços;

– Fomentar a educação patrimonial para “olhar o futuro do passado”.

Acrescentamos à Declaração de 1996:

De acordo com a Carta da Terra (2000) “transmitiremos às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, a longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológica da Terra;

Perspectivamos “adoptar em todos os níveis, planos e regulamentações ao desenvolvimento sustentável que façam com que a conservação e a reabilitação ambiental sejam parte integral de todas as iniciativas do desenvolvimento;

Sugerimos o objectivo do Ano Internacional das Montanhas (2002) que preconiza “incrementar a consciência e o conhecimento dos ecossistemas de montanha, suas dinâmicas, seu funcionamento e sua importância decisiva em proporcionar alguns bens e serviços estratégicos para bem estar dos habitantes das terras altas e das terras baixas, tanto no contexto urbano como rural, particularmente o fornecimento de água e segurança alimentar”;

Conforme doutrina expressa na Encíclica “Laudato Si” (Sobre o cuidado da casa comum) (2015), do Papa Francisco: “integraremos a história, a cultura e a arquitectura de um lugar, salvaguardando a sua identidade original”.

Esta Declaração Patrimonial do ano 2016 vai ser assinada pelas autoridades presentes, pelos representantes de instituições e por todos os participantes no festivo Dia do Brandeiro.

*Branda da Aveleira,
6 de Agosto de 2016*

RESTAURANTE “O Adérito”

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

Encontro Anual dos Padres Megacenses

Acedendo ao amável convite do Padre Carlos Vaz participamos no encontro anual dos padres naturais de Melgaço, dos que aí exercem o ministério pastoral, bem como aqueles que passaram pelas terras melgacenses.

No dia 4 de Agosto podíamos dizer que todos os caminhos foram dar a Braga, à Igreja de Nossa Senhora-a-Branca no V Centenário da instituição da Irmandade.

De Castro Laboreiro esteve presente o P.e César; de Parada do Monte o P.e Raúl; de Chaviães o P.e Manuel; da Vila de Melgaço o P.e João Paulo, Arcipreste; de Alvaredo o P.e Domingues; de Parada do Monte o P.e Zeferino; de Passos o P.e Lobato; o amigo da Senhora -A- Branca P.e G. Fontes; P.e Sousa Fernandes foi capelão da igreja; de Rouças: o P.e A. Esteves, o Cónego José Marques; da Gave, o Monsenhor F. Caldas, reitor do Colégio Português em Roma; o P.e Vasco, que paroquiou Parada do Monte; e os anfitriões P.e Carlos Vaz e Júlio também oriundos de Rouças.

Após o acolhimento seguiu-se a solene concelebração presidida pelo P.e Carlos Vaz, capelão que dá continuidade pastoral aos seus tios Cónego António e P.e Júlio.

Ao órgão o P.º Júlio emprestou mais solenidade ao acontecimento litúrgico.

Os sacerdotes vinculados a terras melgacenses vivenciaram à volta da mesa do altar a comunhão da "fracção do pão".

"Fazei isto em minha memória"...

Houve a beleza que é a epifania do mistério.

O presidente da concelebração proferiu uma homilia adaptada, rica e emotiva, fornecendo aos concelebrantes dados históricos da Igreja de Nossa Senhora -a-Branca.

MEMÓRIA

Assim, sublinhou que "uma das referências mais antigas da Igreja é de 1319. Do arcebispo João Martins de Soalhães. Antes havia uma capela, denominada de Nossa Senhora da Carreira, por estar à margem da estrada romana Braga-Astorga.

Dom João Afonso de Brito, depois arcebispo de Lisboa, terá deixado no seu testamento: "60 libras de ouro à Ermida da Se-



nhora das Neves, a Branca, junto a São Victor."

Sobre essa ermida, em 1522, Dom Diogo de Sousa mandou edificar a pequena igreja de que há vestígios por detrás da Tribuna e que aparece desenhada num mapa de Braga de 1594.

Merece especial destaque o Sacrário do Altar da Tribuna, desenhado por André Soares em 1751.

O actual azulejo do interior da igreja é do final do século XIX. O da fachada é de 1903. O azulejo do coro alto, do corredor de acesso e da sacristia é seiscentista. Foi colocado nesta em 1711 afirmando-se que era azulejo velho."

São ainda de referir o altar do Santo Nascimento, instituído em 1639, e o altar dos Reis que se encontra de frente do Altar do Presépio.

O P.e Carlos Vaz, capelão da Senhora -A- Branca pensa apresentar no próximo mês de Dezembro uma monografia respeitante à Igreja, resultado de investigação que vem desenvolvendo ao longo do tempo.

SESSENTA ANOS DE SACERDÓCIO

O motivo que ajudou a tornar ainda mais festivo o encontro dos participantes foi o facto de o P.e António Esteves, pároco de Rouças e S. Paio, celebrar sessenta anos de sacerdócio.

O P.e Esteves com o seu cabelo branquinho fazia lembrar um patriarca de terras melgacenses.

Natural de Rouças, paroquiou Couso, vindo posteriormente exercer o ministério sacerdotal na terra da sua naturalidade.

Passados alguns anos, assumiu a responsabilidade de presidir á comunidade de S. Paio.

São sessenta anos de serviço às paróquias melgacenses que

merecem admiração e o devido registo.

Os sacerdotes presentes manifestaram estima e grande amizade, incluindo o condiscípulo, P.e Luís Guerra Fontes que também celebrava 60 anos de sacerdócio.

ALMOÇO CONVÍVIO

O almoço convívio foi concretizado no Seminário de Nossa Senhora da Conceição que quase todos frequentaram.

Foram vividos momentos de grande amizade, acompanhados pelos aperitivos e no almoço servido com qualidade e de grande fidalguia. Não podia faltar o precioso alvarinho da "Casa Cerde-

do", de Rouças, que mereceu ser saboreado como vinho bíblico.

O tal vinho fruto de "solo, sol, sabedoria, sofrimento e sossego".

SERENIDADE E LUZ

As intervenções arquitectónicas na antiga capela do Seminário Menor mereceram uma visita pormenorizada e atenta.

É de destacar que a intervenção realizada teve o contributo de várias artes, desde os tecidos passando pela pintura à escultura.

"A serenidade é uma das dimensões de qualquer espaço que tenha um programa religioso ou litúrgico, tal como a luz..." A. Andresen

Aliás é de referir a Carta aos Artistas de João Paulo II, bem como citar o documento "Para uma Pastoral da Cultura" (1999).

"Chamar os artistas a participar na vida da Igreja, significa convidá-los a renovar a arte cristã. Uma relação confiante com os artistas, feita de escuta e cooperação, permite valorizar tudo aquilo que educa o homem e o eleva a nível superior de humanidade, por uma participação mais intensa no Mistério de Deus, beleza soberana e suprema."

O próximo encontro dos padres com alma melgacense será em Viana do Castelo.

José Rodrigues Lima



Mãe Rosa da Purificação: A carícia feita oração!



Lidar com a morte de uma mãe é sempre doloroso, mas pode ser uma soberana ocasião de saber ler na sua vida as lições que nos deu e que permanecem vivas e actuaes em nós.

Filha de um modesto casal de agricultores, nascida no lugar denominado Aldeia, a olhar para Santa Rita, a santa dos impossíveis, completou a 4ª classe com distinção, casou-se aos 19 anos, e aos 28 já tinha os cinco filhos. Mas amamentou 6, porque nosa única prima, então com três meses, teve de ficar privada do leite materno por doença do tifo na sua mãe e nosa tia materna.

Pelo casamento com João Baptista Vaz, ficou cunhada de 3 sacerdotes: os padres Carlos, António e Júlio Vaz. 12 anos depois, pôde estreitar casa nova, onde habitou até que a doença a impediu de lá estar, para a podermos cuidar com o carinho e atenções que são felizmente nosso apanágio. Refiro-me aos cinco últimos anos de vida. Além do parkinson, sobretudo uma fortíssima pulmonia bilateral em Junho de 2012, debilitou-a e tornou-a totalmente dependente dos cuidados médicos e de enfermagem, em que nós, seus filhos, com a ajuda de algumas almas de eleição, também nos fomos especializando para a podermos ter connosco sempre que a pudéssemos libertar do hospital. Mesmo aí, esteve sempre acompanhada por alguém de família ou muito próximo.

Foi no estado de total dependência dos cuidados a prestar por outros que emergiu a grandeza, melhor, a apoteose da humildade na fragilidade. Nem um queixume mais agreste, uma sã resig-

nação perante as severas limitações, inclusive de poder falar e se fazer entender, e sempre com o olhar enternecedor e agradecido, que tanto nos embeveceu e nos ajudou a olhar para estes últimos 4 anos como uma das carícias maiores que Deus nos fez através de nosa mãe. E éramos nós que aproveitávamos para a cobrir de beijos, desferrando-nos de ter vivido a mais de 100 klm durante tantos anos, sem possibilidade de a visitar com a frequência que desejávamos. E vinham-nos sempre à lembrança as palavras que ela referia terem sido ditas pela empregada que serviu na sua e nosa casa de Melgaço durante 25 anos. Uma vez atingida pela doença, não quis ir para casa de familiares. Sugeriu ficar em nosa casa. Minha mãe aceitou e passou a cuidar também dela. Por vezes, de noite, ela descobria-se. Minha mãe, então já viúva, ficava no quarto ao lado, levantava-se e ia-a cobrir. E a senhora Maria dizia-lhe com imensa ternura: «Deus a cubra de beijos como a mim me faz com a roupa». E esta 'profecia' cumpriu-se na perfeição: nós cobrimo-la de beijos. Ela respondia-nos com um olhar tão sereno e docemente radiante que nele tínhamos a mais saborosa das respostas. Foram estas 4 anos-extra da sua vida – pois em 2012, os médicos deram-na como morta em poucos dias – que denomino de «carícia feita oração». Sim, porque beijar nosa mãe não era um ritual. Era um balbuciar: «obrigado ó Pai pelo dom de mais um dia de vida de nosa mãe.».

Há uma frase do Cónego João Aguiar no poema 'Inquietação' que diz: «E ter sobre a mesa / o pão cozido dos dias que me deste». Metáfora perfeita para minha mãe como dona de casa: o cuidado que punha no fazer do pão: a escolha criteriosa e debulha das espigas, o recolher dos melhores grãos de milho; a presença durante a moagem, varrendo bem a pedra antes de lançar o milho, a escolha da farinha mais fina e a separação do farelo; a transformação da farinha moída em massa a ir ao forno, com um ritual feito oração, tantos os cuidados nela postos, condição maior para um pão de qualidade. E o pão que nosa mãe fazia era realmente único. Ainda hoje, falar de pão é falar do pão de nosa mãe e

do seu delicioso sabor. Cuidado que passava para as pessoas de família e para o trato com os outros, com uma predilecção pelos mais pobres. Cuidado em confidenciar ao filho sacerdote: «Olha, eu não rezo muitas orações. Eu digo apenas e a cada momento: 'Obrigado meu Deus por tudo quanto me dás e eu não mereço'». E a minha resposta: «Ó mãe, mas que belíssima oração essa!». Ela que frequentava a eucaristia com alegria e não como obrigação; que rezava o terço com unção e piedade, que participava, fervorosa, noutros actos de piedade.

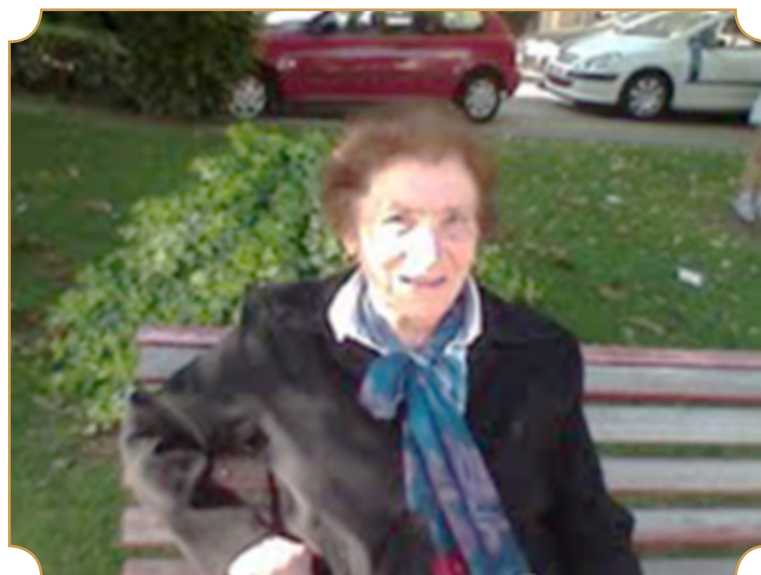
A eucaristia exequial na Senhora-a-Branca foi uma autêntica epifania de louvor agradecido pelo dom da vida de nosa mãe. Cito as palavras do condiscípulo de seminário, o José Pedro Marques, com bons conhecimentos de música e regente de dois grupos corais em Vizela: «O padre Júlio, seu filho, disse no poema/oração de despedida que 'de certeza a mãe estava contente no céu a ouvir-nos e a ver-nos'. Acredito piamente que sim. Se até eu, ali, me sentia no céu! E quando eu morrer, de certeza que eu também de lá de cima do céu ficaria contente se na Eucaristia da minha morte fossem cantados os mesmos cânticos».

A colaboradora e amiga, d.ra Teresa Táboas, reconfortava-nos com estas palavras: «De certeza que o cheiro a Céu irradiou quando a porta se abriu para ela entrar». Sim! É isso mesmo que sentimos. Essa porta abriu-se maneira especial nos três momentos grandes da despedida: eucaristias exequiais em Braga e em Rouças, e eucaristia de 7º dia na Senhora-a-Branca, no dia 29, dia em que seu marido João Baptista cumpria 102 anos de vida, e este seu filho Carlos Nuno cumpriu 51 anos de Missa Nova

Aos nossos amigos dizemos: «mais que pêsames e condolências, unam-se a nós no louvor e acção de graças pelo dom da vida de nosa mãe. Um aperto de mão, um abraço, um beijo dizem mais e melhor que as palavras habituais e de circunstância.

Da nosa parte, com toda a verdade e sinceridade: «Muito obrigado pela vossa presença e as vossas orações.

Carlos Nuno Vaz.
carlosnunovaz@gmail.com



À mãe, na hora da despedida

Que posso eu dizer-lhe, mãe,
agora,
que se quebrou o fio
que tenuemente a prendia
a este lado da vida?
Que a amo?
Que a amamos todos muito?
Sim! É verdade!...
Mas isso bem no você sabe, mãe,
Não tanto pelas vezes que lho dissemos,
(somos de poucas palavras, nós...)
Mas pelos inúmeros,
incansáveis gestos
de carinho,
de ternura,
de proximidade,
de entreatada,
com que a cercámos,
ao longo da vida,
mas, muito especialmente,
na dura ponta final
desta sua caminhada peregrina.
Sim, mãe,
nesta dura ponta final,
em que,
gostosamente,

amorosamente,
todos nós,
cada um a seu jeito,
fomos sendo um pouco
as suas mãos,
os seus pés,
a sua voz,
a sua vontade,
o seu tempo,
a sua vida...
Mesmo assim, mãe,
é isso que eu sinto necessidade
de dizer-lhe, aqui e agora:
que a amo,
que a amamos todos muito,
como só pode amar-se a mãe...
A mãe querida, generosa,
a mãe terna, meiga, amorosa,
que velou a nossa frágil meninice;
A sábia mãe
paciente,
que amparou a nossa infância traquina;
A mãe generosa, abnegada,
que, em silêncio, sofreu
o nosso crescimento distante;

A mãe humilde, discreta,
sempre presente,
acalentando os nossos sonhos,
encorajando os nossos projectos,
incentivando as nossas realizações,
saboreando, feliz, os nossos sucessos,
contendo as nossas emoções,
temperando o nosso entusiasmo...
A mãe sempre mãe.

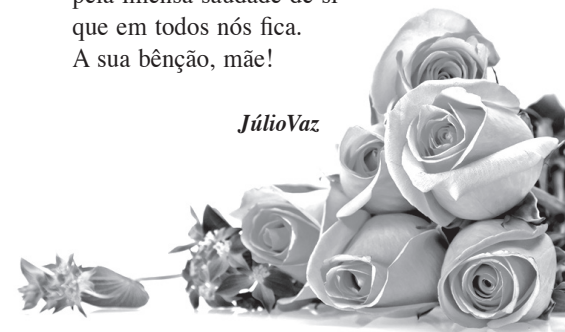
Não podia deixar de lhe dizer isto, mãe,
nesta hora de despedida!
Ah!... E que vamos ter,
- Já temos,
já íamos tendo,
à medida que a chegada deste momento
se anunciava -
vamos ter muitas, muitas saudades suas...
Saudades das suas oportunas palavras preocupadas,
dos seus amorosos conselhos orientadores,
da sua suave voz, harmoniosa e afinada.
Saudades dos seus cânticos preferidos,
das suas improvisadas quadras oportunas,
das suas saborosas rimas bem-humoradas.
Saudades, sobretudo, mãe,
daquele seu ímpar sorriso agradecido,

irradiador de felicidade,
compensador de todos os gestos,
a paga multiplicada da nossa amorosa dedicação.
Agora, mãe, chegou a hora
de regressar à casa do Pai,
que, de braços abertos, a espera
para a acolher no seu amoroso regaço
e lhe dar a justa recompensa
pela sua vida simples, discreta,
abnegada, pacífica, generosa.

Agora, mãe, chegou o dia
de abandonar-se no colo do Pai
e perder-se, enfim, sem temor,
na brancura infinita
do Seu infinito amor.

Obrigados, mãe,
pelo gratuito amor que nos deu,
pelas gratas recordações que nos deixa,
pela imensa saudade de si
que em todos nós fica.
A sua bênção, mãe!

Júlio Vaz



Um funeral singular

Fui ontem ao funeral da mãe do meu amigo e condiscípulo, o sacerdote Carlos Vaz. De nome Rosa. Rosa: nome de sabor a campo, a lavoura, de sabor a POVO. Flor do campo. De aroma do milho, do centeio e de azevém e trevo e milho. Com voos de melros e pombas e rolas e aves canoras e o cantar dos grilos. Flor à mistura com as margaridas brancas e as maríadas de flor amarela e as espigas de fuso, rubras, do trevo florido e da papoila. Do aroma e sabor das sachas e das mondas e das cantigas ao desafio. De aroma aos cordões dos castanheiros e baques dos ouriços dos castanheiros. De sabor ao vinho vindimado nas videiras enroscadas nos choupos. Do aroma do ordenhar das toiras e do tosquio das ovelhas. Do aroma das ceifas e das esfolhadas. Como também das malhas do milho e do centeio e do feijão. Do aroma do piso das uvas no lagar de sabor a mosto e às cantigas ao som do cavaquinho, dos ferrinhos, da viola e do violão e do tambor. De sabor e odor a romaria. Do sabor ao chiar dos carros de bois no regresso das bouças com o mato roçado. Do sabor das lavadeiras nos pisões do rio Telheiro e das leiteiras de cântaro de folha apoiado na anca e de canado na mão a levar leite de porta em porta. Do sabor e cheirinho das forçadas de pão em fornos de lenha com a porta betumada com bosta de boi... Mas também do sabor e aroma dos caminhos enfeitados de folhas de palmeira e flor de granja e dos extensos cordões de flores de papel, pelas missas-novas dos sa-

cerdotes acabadinhos de serem ungidos para o Senhor e do beija-mão das suas mãos perfumadas. Neste caso, numa família de muitos sacerdotes. MULHER com nome de ROSA e com velório na igreja da Senhora-a-Branca, da qual o P. Carlos Vaz é o capelão.

Na missa de corpo presente, presidida por D. Francisco bispo auxiliar da arquidiocese e concelebrada por 41 sacerdotes, mais os dois filhos e o bispo auxiliar, esteve presente o grupo coral da Senhora-a-Branca, no qual me integrei também. O Salmista desempenhou com muita sensibilidade e qualidade melódica, num timbre de voz muito doce. Tem os meus parabéns. Foi uma Eucaristia de leveza de cânticos, sem as tradicionais melodias "pesadas" de um "dai-lhes, Senhor, o Eterno Descanso..." ou mesmo de um "Felizes os mortos que morrem no Senhor". Não senhor! Foram cânticos de Esperança e de Ressurreição. No epílogo da ansiedade e da sede de Deus, na expressão de Isaías e do Agostinho de Hipona ao exclamarem "Só em Vós, Senhor, descansa a minha alma". Sem, ainda, o peso negro do luto; mas sem impedimento do peso roxo da dor nas vestes litúrgicas de todos os sacerdotes. Então, os cânticos, para a minha sensibilidade, foram fonte de onde jorrou água da rocha do Horeb para refrigério da sede espiritual que nos atormenta (a mim, por vezes!)... "Eu venho, Senhor, à Vossa presença, ficarei saciado... Protegei-me à sombra das Vossas asas (...) Mereça eu contemplar a

Vossa face e saciar-me com a Vossa Imagem"...

Até o "requiem", na tradução da "Luz Terna" foi um cântico doce. De sabor à água doce das aguadeiras de cântaro de barro à cabeça e sobre rodilha, de cá para lá, nas tórridas tardes das festas e romarias... "Luz terna, suave no meio da noite, leva-me mais longe. Não tenho aqui morada permanente (...) Que importa se é tão longe para mim a praia onde tenho de chegar, se sobre mim levo poitada constantemente a clara Luz do Teu olhar? (...). Luz terna, suave, leva-me mais longe (...) Basta-me um passo para a Ti chegar". É evidente que se este cântico, para mim, teve a saudosa e irrepitível recordação do canto da cotovia, certa madrugada luarenta no pinhal contíguo à minha casa, não deixou também de recordar e me trazer ao pensamento as belíssimas e transcendentemente melodias, na sua unção balsâmica, dos "requiem" de Mozart, Domingo Bomtempo e de Berlioz ou de Fauré. Para não recordar outros. Estes são eternos: vieram das melodias cantadas pelos coros dos anjos e que estes compositores predestinados conseguiram captar, mesmo sendo Berlioz agnóstico! E tivemos ainda "eis-me aqui, Senhor! Aqui estou! (...) Esperei no Senhor com toda a confiança. Ele ouviu o meu clamor (...)". "Meu Senhor, eu Vos amo! Vós sois a minha força, o meu abrigo, o meu libertador! (...) Vós me salvais!". Cânticos de amor de filho ao Pai e à Mãe.

Foi para mim surpreendente o

cântico da "Salve, Rainha" na sua evolução melódica agridoce: nem sempre triste no percurso dos seus tons menores, nem exuberante nas passagens pelos modos maiores. Num equilíbrio de desalento e de esperança. Gostei muito. Parabéns ao compositor Júlio Vaz, filho do meu amigo e condiscípulo Carlos Vaz. E não me delongo nos demais cânticos. Ouvi lá a afirmação - creio que na despedida do P. Júlio da sua mãe, já no fim da Eucaristia, de que ela, de certeza que estava contente no céu a ouvirmos e a ver-nos. Acredito piamente que sim. Se até eu, ali me sentia no céu! E quando eu morrer, de certeza que eu também de lá de cima do céu ficaria contente se na Eucaristia da minha morte fossem cantados os mesmos cânticos.

"ROSA DO CAMPO": De Ti (com maiúscula, sim!), em mim ficou este encanto de nome de simplicidade e beleza das coisas simples e humildes. Como do lírio do campo do Evangelho e do perfume da violeta discreta nas valetas e da madressilva nos muros velhos dos caminhos. E durante a Eucaristia do Teu corpo presente, este imaginário eu vivi sem me distrair do essencial: do louvor a Deus pelo dom da Vida, assim tão fecunda como foi na Tua. E o que me entra na alma pelos olhos e medra no coração, logo me sai pela boca em palavras. Como estas de agora também. Sei que já descansas em Deus, no corolário da invocação feita atrás, quando evoquei Isaías e Sto Agostinho. E contigo e para

Ti, cantei, com todos os presentes, o cântico-oração que, pelo que me foi dado ouvir também, ensinaste aos Teus filhos pela maneira como ele te inebriava. Cântico deveras tão lindo também e tão cheio de Esperança:

*Eu quero, Senhor, amar-Te
Amor mais forte que a noite e o dia
Eu quero dizer-te sempre
És minha vida, minha alegria
Eu quero amar-Te sempre mais
Confio em Ti, Senhor
Eu quero seguir teus passos
Crescer na vida, crescer no amor...*

A minha avó, mesmo sem este dom de sabedoria desta "ROSA DO CAMPO", em pequenitos, ensinou-nos a rezar assim:

*Senhora do Carmo,
Estrelinha de luz!
Salvai a minha alma!
Levai-a a Jesus!*

Hoje, posso não rezar mais nada. Mas nunca me deito sem que meus lábios balbuciem esta prece.

Como se diz noutra belo cântico mariano: «Foi nossa mãe da terra / quem ensinou a amar-Vos, Mãe do Céu/. Todo este amor que o peito encerra /Foi nossa mãe quem no-lo deu».

Amor senti em toda a celebração. E paz, serenidade, alegria interior. É a isto que denomino de vida em Deus, no Céu.

Que bom poder escrever assim e unir-me no louvor.

Zé Pedro

Chegou a energia eléctrica ao monte de São Tomé

População comemorou com convívio e arraial

A Comissão de Festas de São Tomé (Penso) contou este ano com um apoio que, garantem, poderá trazer mais vida, interesse turístico e dinâmica àquele que é um miradouro privilegiado para o território da Freguesia, o rio Minho e a vizinha Galiza.

No fecho do segundo ano consecutivo na gestão das actividades e obras em prol da capela de São Tomé, a confraria viu ser descerrada a placa que marca a chegada do abastecimento de energia eléctrica ao recinto de São Tomé no dia da festa do apóstolo, a 20 de Agosto.

Para o efeito, a EDP Distribuição colocou em exploração um novo posto de transformação na freguesia de Penso para alimentar as infraestruturas do recinto da capela de S. Tomé. Para que a energia chegasse ao local, além do Posto de Transformação, de 100 kVA, foram ainda construídos cerca de dois quilómetros de rede de média tensão e 0,1 quilómetros de rede de baixa tensão, envolvendo um investimento total de 65 mil euros.

O momento festivo, contou com a presença do presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, do director de Redes e Clientes Norte da EDP Distribuição, Mário Guimarães, Junta de Freguesia de Penso e demais representantes de organismo locais.

“Pela primeira vez há corrente eléctrica e já sobem os carros”, dizem com satisfação Manuel Pereira e Paulo Marques, dois dos quatro membros da Comissão de Festas que se prepara para assumir um terceiro ano de gestão.

A sua prolongada permanência em funções deve-se, como já noticiamos este ano, à abertura de uma estrada desde o centro urbano da freguesia até ao recinto de São Tomé, até ao momento acessível apenas a pé ou por estradas que atravessam outras freguesias e num percurso mais longo. A despesa da empreitada, dependente apenas das doações da população e apoio da Junta de Freguesia de Penso, é um compromisso que a comissão de festas quer ver pago na totalidade a breve trecho.

Enquanto isso, foi tempo para agradecer. “Este convívio



foi pensado em jeito de agradecimento às pessoas que tem ajudado a que se tivesse feito este acesso. Quisemos agradecer a confiança que tem depositado em nós, as contribuições que tem dado, e esta foi a forma que entendemos”.

Mais de uma centena de pessoas terá passado pelo recinto durante os dois dias em que a festa durou para lá das horas de sol, celebrando-se a chegada da energia eléctrica ao cimo do monte. E os responsáveis pela iniciativa, congratulam o povo pela adesão a este desafio que dizem ser em benefício de todos.

“Temos a obrigação de arranjar forma de pagar a quem fez o acesso, por isso ficamos mais anos. É uma excepção, mas também o trabalho em relação à anterior comissão é uma excepção”.

Este ano, no dia 20, a procissão saiu da igreja de Penso em direcção ao alto do monte, como habitual, mas lá em cima foi diferente. Antes, o acto religioso, com missa na capela, era o único momento das festas. Pela primeira vez, o dia festivo juntou acordeonistas e até um conjunto musical, que animou o povo presente.

“Deveria continuar assim ou se possível melhorar, porque é um local com potencialidades para ser promovido de outra maneira, mas para isso não se pode resumir ao trabalho de três ou quatro pessoas”, refere Manuel Pereira.

A partir daqui, só com apoios de maior dimensão poderá propor-se pavimentar a estrada de terra, o arranjo das valetas ou até na área junto à capela, mas os membros da Comissão de Festas admitem que se tem dado grandes passos na afirmação daquela capela, hoje em dia sob atenção redobrada. “A iluminação alerta as pessoas que,

mesmo de longe, vêm a luz e se conhecerem o local, sabem logo que é em São Tomé.

E já que é a luz que se celebra, os organizadores dizem que a tradição antiga de “alumiar a São Tomé” se manterá forte a cada 20 de Dezembro e que poderá ser até motivo de interesse para gente de fora da freguesia que se queira juntar nesta pitoresca tradição onde o queimar do ‘colmo’ e os dizeres, gritados para que toda a freguesia possa ouvir, criam um cenário único naquela povoação.

Texto: João Martinho
Fotos: Gabriel Carvalho

Há sempre um Ir e Voltar?!...

O Amor mata a fome e a sede de viver e ajuda a construir uma caminhada alegre e divertida, mesmo quando surgem obstáculos e paragens tortuosas!...

Na claridade do dia o Sol promove o bem estar da Natureza que nos brinda e presenteia com sua luz e calor abençoando tudo e todos!...

Quando a noite cai o silêncio convida à interiorização que busca o sentido do percurso que nos impele a querer seguir em frente!...

O medo, quando se instala dentro de nós, rouba a voz da dignidade e culpabiliza os sinais da vergonha que se faz sentir no infortúnio das relações que nos cercam!...

A beleza da lua cria um romantismo pitoresco que nos faz sentir nostálgicos a atenuar a escuridão que nos silencia os sentidos!...

Quando perdidos no meio da dor as lágrimas são um balsamo que percorre os "rios" da alma e ameniza os "trilhos" do coração e da mente!... E quando as lágrimas escasseiam?!... A seca suga o que há de melhor e, como se diz, depois virá o que há de vir!...

Enquanto há vida há Esperança. E, se a Fé move montanhas, quando a Luz de Deus ilumina os caminhos dos menos aventurados, nada nem ninguém ouse calar a voz da oração.

Cair e levantar faz parte do crescer!... Feliz daquele que aprende com seus erros e sabe pedir desculpa!... Feliz de quem ousa despojar-se de mal entendidos e orgulhos mal interpretados e deixar entrar no seu mundo quem verdadeiramente precisa de si!...

O Amor é a semente e o pão da vida que faz de nós famílias de acolhimento sem esperar recompensa alguma!...

A mulher grávida tem o dom da vida e a felicidade de respirar amor!...

O Homem Pai tem nas mãos a construção de um novo Mundo onde suas relações são humanizadas!...

A criança é um ser abençoado quando voa como os pássaros e respira amor por todos os poros!...

O velho é a sabedoria que não ousa julgar e espera somente que o mundo respeite suas mãos calejadas e sua visão cansada!...

A Família é o ninho que sustenta o presente e cria laços de protecção num futuro incerto mas ávido de coisas boas!...

O tempo é esse Senhor que nos leva a melhor estando sempre presente e que cria a magia de que o que é importante a nós compete preservar!...

O Amor perdura para além da morte no coração de quem um dia teve o privilégio de receber, de dar e de cultivar!...

A saudade levanta o véu dos momentos doces e agradáveis que foram vividos em plenitude na sua consciência de que "é dando que se recebe e "é perdando que se é perdoado"!...

Aquele grito agudo que se cala nas cordas vocais mas que extravasa através do olhar enfeitiçado pelo sentir é a dor ensanguentada que move o espírito das trevas!...

O calor da amizade que dá sentido às águas mansas dum solitário ergue suas preces e tenta chegar aos degraus da caminhada sem que a tempestade tolha seus passos!...

Bendito todo aquele que teve o privilégio de amar e ser amado e que nunca se preocupou em pesar e medir o valor do seu património de causas!...

Dizem que há um ir e um voltar!... Mas o que é certo é que existe um nascer e um morrer em que a lei dos mais justos tem sua razão de existir!...

Às vezes, sem entendermos bem o porquê, damos connosco a divagar sobre o que é mais improvável!... As certezas raramente são entendidas como tal!... E é tão nobre dar a mão à palmatória!...

O Amor é uma porta aberta para a vida e uma Luz para a eternidade!

Helena Matos

MEMÓRIAS (X) A recusa...

"Que um fraco Rei faz
fraca a forte gente"

Os Lusíadas, Canto III

Aquela operação era feita a nível de Batalhão com duas Companhias directamente envolvidas: a 457 e a 459 estacionada no Quixico (terra de Chico) no caminho para Quipedro (terra de Pedro). Esta, por sinal, numa baixa rodeada de morros, o que do ponto de vista estratégico tornava o local completamente desaconselhável... A pista de aterragem ficava a cerca de quatro quilómetros e era lá que o dono da fazenda aterrava, de tempos a tempos, com os indispensáveis camarões para a Companhia. Cabia-me comandar a Companhia 457 (a primeira do primeiro...), em substituição do respectivo Comandante que se encontrava doente. As duas Companhias encontrar-se-iam em dois pontos: ponto A e ponto B.

Como era normal, saíramos muito cedo do quartel (5 horas da manhã) e tínhamos já umas horas de andamento, que naquela Região as "portas da guerra" ficavam um pouco longe, quando ouvimos o primeiro tiro. Era uma sentinela que fizera o velho Menga atirar-se para o lado e largar um cheiro pestilento. Porque nós levávamos dois guias: o Silva e o velho Menga, (um chão que nunca dera uvas), que estavam em Nambuanguongo há muito tempo. O velho Menga não falava português sendo o Silva o seu intérprete. O Comandante arranjava-lhe duas mulheres, mas nem assim. Dizia-se até que com o batalhão do Totobola que nos precedera, e numa altura em que Nambuanguongo fora atacada, ele dera vivas à UPA.

Passada essa primeira dificuldade, fomos ao encontro da Companhia de Quixico no ponto A, onde nos encontramos com o Capitão A., trocámos uma conversa de circunstância, para cumprir calendário, e retomámos a nossa rota, fazendo um alto pelas dez horas.

A dificuldade foi na terceira paragem. Cerca do meio-dia. Quando, depois de uma paragem para descanso, dei a ordem de "passa para trás, vamos continuar", veio a resposta: "meu Alferes, detrás dizem que não vêm". Em face disso, tentei uma outra estratégia: "então vamos nós". "Nós também não vamos". Parecia que estavam combinados. Era uma coisa inacreditável, inteiramente absurda, que nunca me tinha acontecido e eu pensei não ser possível. Eu sabia que havia quem estivesse habituado a, depois de as viaturas voltarem para o quartel, se amotarem próximo da estrada e fazerem horas para voltar a chamá-las, e houve até um dia em que o Comandante da Companhia pôs dois Alferes (um deles a comandar agora um dos grupos integrantes da Companhia), diante da carta ordenando-lhes que explicassem como se tinham aproximado dos objectivos e estes não foram capazes de dizer, porque não tinham ido lá. Agora preparavam-se para me obrigar a fazer o mesmo levando à recusa o meu próprio Pelotão! O Capitão A. esperava-me no ponto B e eu tinha de lá ir, custasse o que custasse. Obedecer-lhes era impossível, além de que o princípio de Autoridade ficava em causa. De modo que disse: "passa para trás e diz-lhes que eu vou sozinho e responsabilizo-vos pelo que me possa acontecer". Seguidamente, pus o Silva e o Menga à minha frente e segui de arma aperada. Mas, andei apenas uns 40 a 50 metros, encontrei um robusto embondeiro com dois caminhos e resolvi sentar-me encostado à árvore com os guias aos meus pés. Eu sabia que depois do que eu fizera, eles não deixariam de seguir-me. De facto, não tardou que o resto da Companhia viesse rogando pragas à minha caturrice. Quando chegaram junto a mim, levantei-me e disse-lhes: "É por aqui". Ainda bem que o fiz. Tínhamos acabado de subir um morro e fomos atacados furiosamente desde a base. Não tardou que encontrássemos cubatas

e celeiros cheios de milho e cestos com ginguba (amendoim). Foi nessa altura que a avioneta apareceu no ar levando a bordo o Capitão de Operações e que nos mandou continuar sendo encontrados outros aldeamentos, após o que se retirou deixando - nos entregues a nós próprios, contrariamente ao que me tinha prometido. Completamente, ficou posta de parte o encontro com a Companhia 459 no ponto B., de cuja passagem víamos ao fundo o fumo das queimadas evolvar-se por cima das árvores. À nossa frente desdobravam-se campos de lavra a perder de vista, e, enfim, chegámos a uma mata impenetrável, pelo que tivemos que dormir ali. Ao longe, na estrada, as viaturas, que tinham ido buscar-nos, de faróis acesos, mas não arriscámos. Atravessar a mata, em tais circunstâncias, era arriscar-me a perder alguém, coisa de que a Companhia tinha más lembranças. O que mais recordo é que em nenhuma altura falámos na recusa em caminharem. Nem naquela altura, nem depois, no Acampamento, já que, em 16 de Janeiro do ano seguinte (1964), os dois alferes envolvidos foram para Luanda em 15 de Janeiro aproveitando a boleia da avioneta do Dr. Pequito Rebelo, um senhor que, com os seus mais de oitenta anos, e sofrendo da doença de Parkinson, exercitava o seu voluntariado pelos quartéis do norte de Angola: um, com duas entorses muito mal explicadas e outro com um quisto sacro - coxígio a que não foi operado, nem o impediu em Luanda (disse quem viu) de se passear na lambreta das primas. E lá se mantiveram ambos até o mês de Julho, data em que o Batalhão saiu de Nambuanguongo para Malanje, uma zona dita recuperada e aprazível. Com a maior desfaçatez. E nada lhes aconteceu. Ninguém lhes disse nada. Nem os comandos, nem os soldados. Afinal, ambos tinham feito pela vida, safando a pele. Não era o que (quase) toda a gente fazia? Quem podia ir contra isso?

Alberto Pereira de Castro

VENDE-SE Em Monção

QUINTINHA:

Casa para restaurar,
Eira e Canastro
Terreno de cultivo/
/alvarinho (± 7000 m²)
Água e mina corrente,
junto à ex-EN304

Contacto: 251 652 146

ARTES *Centro de Artesanato*

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril

PORTUGAL

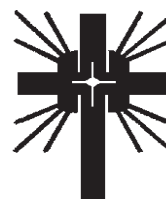
Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com



Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Melgaço e Arbo solidários com os Bombeiros Voluntários

Comunidade e municípios vizinhos unem-se para apoiar a associação humanitária de Melgaço

Num momento em que os Bombeiros do país abraçavam a enorme missão de evitar que o país perdesse a sua floresta e os espaços verdes, a população reuniu-se para apoiar das mais diversas formas as corporações locais.

Melgaço não foi excepção. Sardinhas, aulas de Zumba, consultas de fisioterapia, dança e até actividades de perícia cavalariça foram mote para prestar um serviço, juntar gente e angariar fundos para apoiar a corporação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço nas mais diversas necessidades.

A localidade vizinha de Arbo (Galiza), associou-se às iniciativas promovidas do lado de cá, mas também se destacou como organizador de eventos cujo valor angariado revertia para a Associação Humanitária dos Bombeiros de Melgaço.

A autarquia de Arbo tem promovido sessões de agradecimento pelo apoio que a corporação melgacense tem dado à localidade galega, de que já demos nota em anteriores edições, no entanto, entre 27 e 28 de Agosto, as comunidades galega e portuguesa uniram-se para abrilhantar a programação de um fim-de-semana solidário.

O Festival Móvete, a 27 de Agosto, que contou com a partici-

pação de cantores, artes marciais, e grupos de dança de Melgaço e de Arbo; e a I Xuntanza Cabalar, no dia 28, foram momentos altos promovidos pelos vizinhos galegos em prol desta associação e de uma comunidade cada vez mais próxima e de espírito solidário.

Num momento em que a corporação melgacense recebeu uma Ambulância para transporte de doentes não urgentes e terá de fazer face ao compromisso financeiro, as actividades desenvolvidas em Arbo ajudarão a suportar a factura.

Por cá, a comunidade melgacense também vem somando iniciativas de apoio. A 13 de Agosto, Vítor Ribeiro, instrutor de Zumba, em parceria com o grupo "Os Caminhantes da Terra", promoveram um fim de tarde de actividades na parada dos Bombeiros de Melgaço, com um master de Zumba, seguida de sardinhas e animação, cuja verba reverteu para a corporação.

No momento do combate às chamas, os comerciantes e empresários de Melgaço quiseram contribuir com aquilo que entenderam imperial para aliviar a aflição dos soldados da paz.

Cátia Afonso, directora técnica das clínicas Osteo+, entregou a corporação de Melgaço, para usufruto dos Bombeiros, vinte consultas de Fisioterapia Respiratória e sessenta embalagens de soro fisiológico para hidrata-

ção ocular. "As unidoses de soro são ideais para levar nas viaturas de combate aos fogos, pois permitem um uso rápido e eficaz na limpeza dos olhos magoados pelo fumo", esclarecia, disponibilizando-se para ajudar os bombeiros que necessitem "ainda que os vales esgotem".

Também por altura em que as saídas para o terreno eram diárias, os bares de Melgaço uniram-se para dar a sua ajuda aos Bombeiros Voluntários de Melgaço. Garrafeira, Alameda Bar, Cova do Leão, LC Café, Bar das Termas, Bar 1964 e Rios Bar doaram géneros alimentares, necessários aquando das longas permanências no combate às chamas.

João Martinho



Espumante

Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em
LONDRES

O manjar dos Deuses

Toda a gente reconhece um chocolate quando o vê, esteja ele em barras, derretido ou em forma de bombons. Já o cacauero, a árvore que produz a matéria-prima desse doce tão



desejado, não é tão conhecida nem tão pouco relacionada com esse "manjar dos deuses", significado religioso que, provavelmente influenciou o botânico sueco Carolus Linneu (1707 – 1778), ao denominar a planta. De acordo com os historiadores, o cacauero, era considerado sagrado. No México, os Astecas acreditavam que era de origem divina e que o próprio profeta Quatzalcault ensinara ao povo a cultivá-lo tanto para o alimento, como para embelezar os jardins da cidade de Talzitapec. O seu cultivo era acompanhado de solenes cerimónias religiosas.

O cacauero é uma pequena árvore perene que pode viver mais de cem anos, começando a frutificar com cerca de três anos. Cresce em zonas de vegetação densa e produz finas folhas lustrosas de até 40 cm. O tronco apresenta casca escura e os ramos, em forma de galhos, formam uma grande copa. As flores pequenas, amarelo-avermelhadas e sem cheiro, nascem unidas ao tronco. É delas que se originam as bagas ou frutos, que medem até 25cm de comprimento e adquirem, quando maduros, tonalidade esverdeada, amarela ou roxa. Cada fruto contém trinta a cinquenta ou mais sementes, envoltas numa polpa viscosa e esbranquiçada que é doce e levemente ácida, mas comestível, sendo matéria-prima de geleias e sucos.

O cacau, substância da qual se produz o chocolate, é naturalmente amargo, sendo por isso, confeccionado adicionando-lhe açúcar e outros ingredientes tal como leite e frutos secos. Para ser considerado chocolate, segundo as normas europeias, deverá conter no mínimo 25% de cacau, contendo o chocolate negro um mínimo de 70%.

O chocolate é constituído por mais de 300 substâncias químicas, que induzem a libertação de vários neurotransmissores como as endorfinas, hormonas que reduzem o stress, diminuem a dor e induzem satisfação, a serotonina com efeitos antidepressivos e a feniletilamina, que leva a alterações no nível da pressão arterial e glicose, induzindo sensação de excitação e aumento do nível de alerta. O chocolate também contém anandamida, substância com ação semelhante a um dos constituintes da marijuana, que induz a libertação de dopamina, neurotransmissor responsável pela sensação de bem-estar. Outra substância encontrada no chocolate é a teobromina, que induz relaxamento físico e intelectual, funcionando como um estimulante idêntico à cafeína.

Vários estudos demonstraram que uma das substâncias constituintes do cacau, os flavonoides (polifenóis), desempenha um papel relevante na redução da pressão arterial e do risco cardiovascular. Os flavonoides causam vasodilatação arterial pelo aumento do calibre das artérias.

Aos amantes do chocolate é necessário lembrar que a quantidade ingerida deve ser controlada, pois não é qualquer chocolate que faz bem, dependendo muito da quantidade ingerida e do tipo escolhido. O amargo traz mais benefícios à saúde porque é feito com cacau puro e sem a gordura do leite. Então, deve-se dar preferências àqueles com mais de 70% cacau para obter todos os benefícios para a saúde. É recomendado ficar longe do chocolate de leite e do branco que têm maior concentração de açúcar e gordura saturada.

Para mim, o chocolate faz-me recordar os meus tempos de infância, pois a minha saudosa mãe deslocava-se muitas vezes a S. Gregório para nos brindar com as "pastas" de chocolate espanhol. Quando aos dez anos rumei a Braga para estudar, o chocolate espanhol acompanhava-me. À noite, para ajudar a emagrecer as saudades de casa, saboreava uma "castanha" de chocolate, sempre cortada religiosamente da pasta, para poder render até às próximas férias quando vinha matar saudades e recheir o meu pequeno armazém de chocolate, para mais um longo período de ausência.

Teresa Tábuas

O país arde e os ministros vão a banhos!

O comentário mais ouvido, sobre os vastos incêndios no nosso país, é o seguinte: "todos os anos é sempre a mesma coisa!"

É, uma realidade indesmentível o que acontece todos os anos, devido essencialmente à negligência de quem comanda os destinos deste pobre país, onde até esse bem essencial da natureza que é a floresta arde, e é pertença de todos, deixando em cada ano um rasto de destruição e de terra queimada, deixando-nos cada vez mais pobres.

Então este ano, esta calamidade dos fogos, atingiu números nunca vistos segundo a previsão dos técnicos da matéria. Arderam mais hectares este ano, do que nos últimos dez anos.

O que pensar de tudo isto? A falta de vergonha, de responsabilidade dos nossos governantes que numa situação de calamidade, aparecem na televisão com declarações descabidas sobre um problema para o qual nada trataram com a devida antecedência. Era visível para todos que esta onda de calor, iria provocar estragos nas nossas florestas, ainda muito antes dos fogos eclodirem.

Trataram da prevenção e da limpeza das nossas florestas? Nada. Fizeram uma campanha nas televisões para sensibilizarem as populações para terem os campos em redor das casas que habitam limpos, para evitar os fogos? Nada. Fizeram campanhas pelas escolas do interior do país, para que os jovens andassem atentos e pudessem vigiar a floresta, caso vissem movimentos suspeitos? Nada.

Cada ano que passa a situação de irresponsabilidade nesta matéria é cada vez maior. Se até o próprio Estado não limpa as suas florestas, como é que podem exigir aos privados que o façam?

Para além de tudo isto, é vergonhoso o senhor primeiro-ministro António Costa, estar a banhos no Algarve, assim como a ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa, quando os fogos estavam a consumir as casas de muitas aldeias e os pequenos haveres delas, se banhavam tranquilamente no Algarve, num brutal desrespeito para com essas populações, e com os bombeiros deste país que com esforço combatiam os fogos.

Qualquer político com um mínimo de verticalidade e de decência, só lhe restava pedir a demissão num caso tão flagrante de desrespeito pela povoação pre-

judicada nestes incêndios. Também o Ministro do Ambiente, fez declarações desastrosas antes dos fogos; as declarações do ministro da agricultura, Capoulas Santos, roçam o ridículo quando quer comparar os nossos fogos, com os fogos que assolaram o Canadá e a Austrália.

A Madeira ficou devastada em grandes áreas, onde pela geografia do seu terreno, era difícil o combate às chamas. A região de Arouca e de São Pedro do Sul, tiveram vários dias com o fogo, o que acabou por dizimar toda uma grande área de vegetação e de pastagens, deixando nessa região um manto negro.

Contudo, aparecem agora os relatos, onde são denunciado os interesses obscuros porque alguns incêndios acontecem. No rescaldo dos fogos, a TV do Correio da Manhã, denunciava interesses da empresa Everjets, proprietária de helicópteros que combatem os incêndios, propriedade do empresário bracarense Domingos Névoa, que arrecadou já 48 milhões para combater os incêndios, o que levou a investigações por parte do DCIAP.

Também os incendiários que estão referidos – e são conhecidos –, em vez de estarem em prisão, andaram à solta, para voltarem a fazer os incêndios. Imagine-se que até um bombeiro da corporação dos bombeiros de Oliveira de Azeméis, ateava os fogos, para depois ir apagá-los e estava referenciado. Como é possível?

Para quando também, a denúncia dos interesses dos madeireiros para quem os incêndios interessam?

Também, corre por aí que os incêndios acontecem porque é necessário que os helicópteros e os aviões que "acodem" aos mesmos, são de empresas que precisam de facturar depois esses serviços, na casa dos milhões. Seria bom que se soubesse a quem pertencem, assim como os custos dessas operações.

São perguntas que merecem resposta para todos nós, chocados com as imagens de devastação que os incêndios provocaram neste último mês.

No dia em que escrevo, ainda se encontram em fase de rescaldo os incêndios, e o primeiro-ministro António Costa, veio afirmar que ia abrir um inquérito, a propósito do atraso ao ataque pelos meios próprios ao incêndio de S. Pedro do Sul. O Presidente da Câmara desta

localidade, lamentou que estivessem abandonados durante quatro dias à sua sorte. Já sabemos o que acontece a estes inquéritos.

O prejuízo destes incêndios é brutal e deixo a pergunta: porque não se investe na prevenção antes do verão, dando condições para as autarquias fazerem o seu plano de prevenção. Para que servem os vereadores que têm o pelouro da Protecção Civil nas autarquias. Estão lá só para serem representativos e acudirem no caso das tragédias.

Mais uma vez, também o Parque Nacional da Peneda-Gerês, foi vítima de mais um incêndio.

Também as autoridades poderiam exercer maior vigilância nas florestas, pois desse modo persuadiam os incendiários a não atearem o fogo. Isso, não é feito, e cito como exemplo que na zona que voltou novamente a arder de Vila Nova de Cerveira, a qual já tinha ardido o ano passado, uma pessoa residente no local, garantiu-me que não se lembra de ver a GNR alguma vez nesses locais. Torna-se mais fácil, passar multas a viaturas mal estacionadas, num parque de um supermercado, como o fazem ("Pingo Doce", passe a publicidade), ou então, estarem à sombra estacionados na rotunda do final da A 28 (o que é proibido por lei, sem estarem sinalizados), a mandarem parar algum condutor que por infracção a contorne mal. Por isso, é que o nosso país, tem tantas rotundas...

Gostaria de recordar que a propósito dos incêndios, e com toda a cobertura que os meios de comunicação têm dado a uma questão tão grave e importante para o nosso país, quer pelos prejuízos para a natureza quer de ordem económica, que causam, tanto o Bloco de Esquerda como o Partido Comunista, não se tenham manifestado, preferindo "meter a viola no saco", numa clara demonstração de alinharem com o Governo.

Uma palavra de louvor a todos aqueles que combateram os incêndios, desde o simples aldeão de balde na mão, arriscando a sua própria vida, até aos inúmeros bombeiros voluntários que com grande abnegação e coragem, estiveram na linha da frente a combater o fogo. Obrigado.

António Jorge Tavares

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Associação "A Batela" comemorou 3º aniversário e recebeu elogios

Equipa dinâmica trouxe vontade associativa a uma freguesia "onde até as festas iam acabando"



No dia 13 de Agosto a Associação Recreativa, Cultural e Desportiva "A Batela" voltou a reunir na sua sede, em Alvaredo, sócios e amigos para a festa do seu 3º aniversário.

Na cerimónia de abertura deste momento festivo, animado pelo Grupo de Concertinas "Os Magníficos" (de Monção), presença desde o primeiro ano de comemoração, marcaram presen-

ça o presidente da Junta de Freguesia de Alvaredo, Paulo Cerdeira Rodrigues, e o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, habitualmente convidados para o evento.

No seu discurso, o edil melgacense recordou os primeiros passos de uma associação que viu (re)nascer em 2013, em condições e perante um espírito associativo "muito diferente do que é hoje".

"Foi um privilegio acompanhar o trabalho que a Associação fez e "A Batela" é claramente uma das associações que se des-

taca no panorama das associações de Melgaço", frisou Manoel Batista, parabenizando o grupo directivo pela "capacidade de mobilização de pessoas e criação de eventos".

O presidente da Junta de Freguesia de Alvaredo enalteceu a "equipa dinâmica que trouxe para Alvaredo muitas coisas que dantes não existiam", num contexto social onde não havia, até à altura, o hábito associativo, onde "até as festas [religiosas] iam acabando com o tempo". "Olho para vós com carinho, não imaginai a alegria que tenho em saber

que há estes convívios", reforçou Paulo Cerdeira Rodrigues na sua intervenção.

Diogo Castro, presidente da associação, recordou todos aqueles que tornaram possível o ressurgimento da associação com espírito renovado e os que ainda trabalham para que a regularidade das actividades continue a primar pela diferença e interesse dos associados.

"Temos todas as comodidades: Internet, bilhar, matraquilhos, cozinha equipada, temos a sede aberta todos os dias, ginástica três vezes por semana e dez

actividades durante todo o ano. Mas não queremos parar por aqui", atenta Diogo Castro, sem desvendar eventuais projectos para a associação a curto prazo.

Há três anos, a antiga Escola Primária da Freguesia era apenas um edifício abandonado, tendo a associação "A Batela" reunido apoios da Câmara Municipal de Melgaço, da Junta de Freguesia de Alvaredo e do IPDJ para concretizar os projectos de readaptação do espaço que hoje lhe dá o conforto e vontade associativa que a torna referência no concelho.

João Martinho



Moradia em fase final de construção composta de rés-do-chão, 1º andar e águas furtadas com uma área de 170m², anexos e terreno de cultivo de 2500m². Localizada junto ao centro de estádios de Melgaço
Prado, Melgaço.

[Sob Consulta] M029/2016



Excelente moradia em pedra para restauração. Lugar sossegado a beira rio e com ótimas paisagens.
Castro Laboreiro, Melgaço

isenção

[45.000€] M031/2016



Moradia V4 de r/c e andar mobilada e equipada, possui terraço, garagem com capacidade para 4 carros, compartimentos amplos. Excelente localização.
Moradia com três frentes.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M023/2016



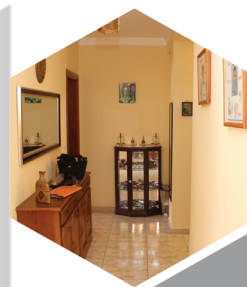
Lotes de terreno para construção em plena vila de Melgaço, em zona calma e fácil acesso.
Lote 1 = 441 m²
Lote 2 = 468 m²
Lote 3 = 441 m²
Lote 4 = 468 m²
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M030/2016



Excelente terreno para construção com 4000m² de área, com possibilidade de construção de 4 lotes, com bom acesso. Boa localização e boa exposição solar. Bom investimento.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M022/2016



Apartamento T3 no centro da Vila de Melgaço, com boas áreas e com garagem fechada.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M040/2016



Moradia V2, para recuperação com área coberta de 153 m². Localizada num local calmo, bom investimento.
Área total de terreno 226m².
Castro Laboreiro, Melgaço

[80.000€] M031/2016



Excelente moradia T4, mobilada e equipada, possui divisões amplas, aquecimento central, garagem e rossios. Detém 4 frentes, é uma propriedade fechada, a área útil é de 150m², a área total é de 500m².
Cristóval, Melgaço

[Sob Consulta] M033/2016



Contabilidade

Informática

Administração de Condomínios

Imobiliária



Boletim Cultural volta seis anos depois para "recolher o pensamento" de gente ligada à terra

Interrompida desde 2009, o município de Melgaço volta a publicar aquela que era uma publicação de referência no plano cultural do concelho. A edição Nº 9 do Boletim Cultural de Melgaço, apresentada no dia 13 de Agosto após a cerimónia de entrega de medalhas de mérito, traz de volta à periodicidade anual um compêndio sobre Melgaço nas mais diversas temáticas.



A edição que marca o regresso da publicação foi apresentada pelo padre José Marques, professor catedrático da Faculdade de Letras da universidade do Porto, que assina também o seu estudo sobre o Foral de Melgaço, um apontamento histórico de que já tinha dado nota em 2013, em palestra comemorativa dos 500 anos do Foral Manuelino atribuído a Melgaço.

Este volume, que José Marques considera ser um contributo

para a história de Melgaço, é um foco sobre a vida melgacense a partir de várias áreas, desde a ciência às tradições, chamando a esta edição os mais diversos pensadores e dinamizadores do território.

O padre e historiador melgacense diz que esta compilação de temas "é uma forma de ir descobrindo Melgaço em vários aspectos. O problema da demografia, o isolamento dos idosos, mas também saber sobre aquele

que foi o problema da peste, o que era o juiz de fora", enumera, de entre outras participações de rigor científico.

Pensado com o propósito de compilar a cada ano os estudos ou temas mais relevantes, o formato agrada aos que participaram nesta edição de regresso, inclusive a um dos seu notáveis colaboradores, que se mostrou disponível para voltar aos arquivos à procura de um bom tema para contar no Boletim

Cultural de 2017. "Se a tempo e hora me anunciarem, procurarei algo relacionado com Melgaço", afirma José Marques, acrescentado que ainda há muito na documentação histórica de Fiães e de Paderne que poderá dar um novo trabalho de análise e reflexão sobre a história do concelho.

"É importante que os municípios promovam a realização e publicação de documentos históricos, que serão fundamentais

para a história do nosso povo de futuro", observava o presidente da Câmara Municipal de Melgaço nesta sessão.

Inicialmente prevista para ser lançada em 2015, esta edição surge no momento festivo do concelho e assume a missão de "recolher o pensamento que é feito por muita gente ligada à nossa terra", indicou.

João Martinho



MAJOTEC
Construções Técnicas Lda

- * Caldeiras a Pellets
- * Aquecimento Central
- * Ar Condicionado
- * Energia Solar
- * Aspiração Central
- * Artigos Sanitários
- * Electrodomésticos
- * Fogões a Lenha
- * Bombas de Calor
- * Piscinas
- * Sistemas de rega para vinha e jardins

Reduza os seus custos
PRODUZA A SUA PRÓPRIA ENERGIA

Autoconsumo Residencial



Caldeira a Pellets



Fogão a Lenha



Recuperador de Calor

**Urb. Quinta do Peixe Frio
Loja 18
4950 - 401 Monção**

**Tlf: 251 653 508
Tlm: 966 503 669
969 024 741**

www.majotec.com

Empresários melgacenses apresentaram Associação Empresarial Minho Fronteiriço Projecto arrancará após eleições a 7 de Novembro



Constituída a 5 de Julho, a Associação Empresarial Minho Fronteiriço apresentou-se aos empresários e população em geral no final do mesmo mês, em sessão decorrida na Casa da Cultura de Melgaço.

Um grupo de empresários melgacenses reuniu-se para dar forma e elaborar, enquanto comissão instaladora, o plano do que será a associação empresarial, com vocação para lá do tecido empresarial do concelho.

Com sede em Melgaço mas com estatutos e nome que englobam o território minhoto até ao limite das suas fronteiras, sem esquecer a Galiza (cujos municípios mais próximos não tem até ao momento qualquer organismo que represente as suas empresas), o projecto começa agora a dar os primeiros passos na cativação do interesse empresarial e popular.

Na sessão, a comissão instaladora deu nota das datas do processo para a formação da equipa que irá representar os associados. Assim, até 10 de Outubro decorre o período de entrega de listas candidatas e a 17 de Outubro serão apresentadas as listas que concorrerão à eleição, marcada para 7 de Novembro.

A designação da associação, de propósitos abrangentes, foi consensual e elogiada por populares, empresários e pela autarquia, foi motivada em parte pela vontade associativa de empresários de fora do concelho, como conta Paulo Afonso a este jornal. "O nome foi escolhido de forma a poder englobar mais concelhos vizinhos e também os espanhóis, para que possam identificar-se com a associação e queiram integrar a equipa de trabalho. Precisávamos de um nome que não restringisse este trabalho", notou.

"O tecido empresarial melgacense está bastante rejuvenescido. Cabe-nos a nós dar a volta à situação e fazer a diferença"

Sobre o interesse que o projecto cria fora de portas, o empresário dá nota das suas percepções. "Tenho conversado com empresários de Monção que estão tão descontentes com a associação de Monção como estávamos nós, em Melgaço. Surpreendeu-me saber que os monçanenses estavam tal como nós, e foi o pedido deles que nos levou a fazer esta abertura para poderem entrar nesta associação", esclareceu.

Assegurando poder vir a ser uma ferramenta de apoio na agilitação de instrumentos de apoio financeiro, jurídico ou nas bolas de emprego, a associação quer congrega esforços para poder trabalhar.

"O tecido empresarial melgacense está bastante rejuvenescido. Demo-nos conta, com as tertúlias que temos feito, que nos últimos vinte anos os empresários são jovens. Cabe-nos agora a nós dar a volta à situação e fazermos a diferença. Esta união nunca existiu até agora, e as novas mentalidades podem fazer a diferença toda neste projecto", observou o membro da comissão instaladora, Paulo Afonso.

A Associação Empresarial Minho Fronteiriço já tem site, em aemf.pt, assim como página na rede social Facebook, onde serão divulgadas novidades e acções a desenvolver.

João Martinho

Melgaço homenageou figuras do poder local dos últimos 40 anos Controvérsia na distinção de presidentes de Junta, mas autarquia diz que são "a génese do poder local"

A Câmara Municipal de Melgaço levou a efeito, no dia 13 de Agosto, a entrega de medalhas de mérito, este ano especialmente vocacionada para homenagear os cidadãos que se destacaram pelo seu contributo em prol do poder local.

No ano em que se celebram os 40 anos do poder próximo das populações (as primeiras eleições autárquicas livres após a Revolução de 25 de Abril de 1974 realizaram-se a 12 de Dezembro de 1976), o município melgacense decidiu homenagear os ex-autarcas municipais, mas também os presidentes de Junta, o que gerou alguma discussão e controvérsia no momento da necessária aprovação junto do executivo. Uma polémica que o presidente da Câmara Municipal de Melgaço assume não compreender, considerando que nesta homenagem ao poder local, "são eles [presidentes de Junta] o primeiro rosto, o primeiro político com quem as nossas populações contactam".

"Homenagear o poder local e esquecer os era negar a génese do poder local! É para este executivo uma grande honra e um enorme prestígio deixar como legado esta atribuição de títulos honoríficos aos Presidentes de Junta hoje aqui homenageados", venceu Manoel

Batista na sua intervenção.

No entanto, antes da homenagem aos autarcas das freguesias, foram ainda distinguidos Rui Solheiro e Jean Loup-Passek com o título de Cidadão de Honra, um galardão atribuído a cidadãos que ao longo da vida se distinguiram "por feitos excepcionais em qualquer ramo da atividade humana, pelo seu extraordinário valor e exemplo como pessoa ou cidadão, por notáveis atos de coragem cujo nome tenha ficado ou esteja ligado à vida ou à história do município".

Ausente por motivo de férias, mas representado pela filha, Verónica Solheiro, o ex-autarca foi recordado como "um nome que se confunde com Melgaço" e a quem o município deve a sua evolução, "porque não há projecto, conquista ou obra implementada que de uma forma directa ou indirecta não esteja associada ao nosso ex-presidente de Câmara", garantiu Manoel Batista.

Jean Loup Passek, mentor do Museu de Cinema com o seu nome no coração da vila melgacense, foi o segundo Cidadão de Honra condecorado. Com um espólio "cobiçado internacionalmente por museus de renome", o cineasta acabaria por ceder ao município de Melgaço todos os seus mate-

riais ligados ao cinema, alguns deles expostos no museu criado para o efeito.

Terá sido por altura em que filmava um documentário sobre a imigração, no início da década de 1970, que Jean-Loup-Passek contactou com vários membros da comunidade portuguesa, entre eles dois habitantes do concelho de Melgaço, com quem viria a estabelecer laços de profunda amizade.

O título de Cidadão de Mérito, atribuído a cidadãos "que se distingam por actos que resultem benefícios públicos muito significativos para o município", homenageou os antigos presidentes de Câmara, Manuel Bento Sousa Silva e Carlos Augusto Alves e ainda, a título póstumo, o vereador Dario Humberto Lourenço Barata, representado nesta sessão pela família e a quem foi entregue a distinção.

A cerimónia de entrega de medalhas de honra e de mérito a cidadãos que se distingam por acções relevantes manter-se-á em periodicidade anual, a realizar a cada mês de Agosto, numa altura em que "estamos cá todos", frisou Manoel Batista, procurando envolver a população melgacense emigrante que neste período visita Melgaço, as festas e eventos da sua terra.

João Martinho

Lista de homenageados com o título de Cidadão de Mérito:

Alvaredo: José Augusto Fernandes Pinheiro, António Carlos Lopes, António Augusto Alves dos Santos, Arias António Gonçalves, António da Ascensão Alves Lima.

Castro Laboreiro: Adelino Esteves.

Chaviães: José Augusto Rodrigues, José António Pinto, António Luís da Ascensão Reinales, António Esteves Alves.

Couso: Nuno Domingues Coelho, António Afonso, Alfredo Esteves, Fernando Afonso, Agostinho Pereira, Manuel da Cunha Machado Coelho.

Cristóval: António Joaquim Domingues de Sousa, Jorge Rodrigues, António Manuel Vieira, Armando Justino Esteves, Manuel Francisco Domingues.

Cubalhão: Manuel José Rodrigues, Manuel de Jesus Domingues, José Luís Domingues das Neves.

Fiães: Carlos Alberto Domingues, António Rodrigues Bravo, Manuel Henriques.

Gave: Justino Alves, Hugo Fernandes, José Maria Rodrigues.

Lamas do Mouro: José Augusto Pereira, Virgílio Domingues

Paços: António Augusto do Souto, Arnaldo Francisco Fernandes, Augusto Alves, Abílio Martins.

Paderne: Rui Manuel Nóvoas de Pinho Gonçalves, Alfredo José Cordeiro de Morais, José Joaquim Pereira de Castro, Amílcar Jorge Fundinho, Manuel António Gomes, Ismael Fernandes Pires.

Parada do Monte: Manuel Cândido Afonso, Manuel Domingues, António de Jesus Domingues, José Pires, José Pereira Júnior, José Afonso.

Penso: César Luís Fernandes Alves, Manuel Avelino Rodrigues, José Henrique Rodrigues, Júlio Luís de Castro Rodrigues.

Prado: Maximiano José Calheiros Gonçalves, Manuel Abílio Rodrigues, Jorge Manuel Salgado Soares, Manuel José Morais, Manuel José Salgado, Salvador dos Anjos Soares.

Remoães: José Rui da Costa Carvalho, Eduardo Augusto, Justino Vieites.

Roussas: José Manuel Alves da Costa, António Fernandes, Manuel Torres Gonçalves, Artur Anselmo Dantas.

S. Paio: José Afonso, Manuel José Vaz Pereira, António Augusto Carpinteiro, António Augusto Táboas, André Manuel Domingues, António Cândido Sérvio.

Vila: Augusto José dos Santos Fernandes, João Rodrigues Nabeiro, Raúl Arménio Gomes de Sousa.



Medalhas de Mérito 2016

AGRADECIMENTOS

||||| AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Maria do Consuelo A. Rodriguez Paços

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Palmira de Jesus Rodrigues Roussas | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Luísa Augusta de Abreu Paderne | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Ofélia Maria Rodrigues Vila | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Luís Modesto da Silva Correia S. Paio | 26 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Lurdes da Rocha Vila - Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António do Nascimento Carpinteiro S. Paio | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Elisabete Maria Carpinteiro Pinto Chaviães | 49 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Ana Domingues Paderne | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António dos Reis S. Paio | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Olívia Augusta Cerdeira Vila | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Luís Guilherme Pereira da Silva Alvaredo | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Aurea dos Prazeres Lourenço S. Paio | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



||| CENTRO FUNERÁRIO ALTO MINHO

Filomena da Glória Caldas Carreira - S. Paio | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Alice Rodrigues U.F. Vila e Roussas | 74 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António Augusto de Lima Tortim - Cristóval | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



|||| AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Esperança Afonso Porteiro - Lamas de Mouro | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/09/2016

A cargo da Conservadora, em funções notariais, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 29 de julho de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas treze e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **ANTÓNIO FERNANDES**, NIF 143 753 070, e mulher **MARIA FERNANDA GONÇALVES DA COSTA**, NIF 111 331 650, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Aldeia, titulares dos cartões de cidadão respetivamente números 01876094 5ZY4, válido até 05/04/2021 e 02805006 1ZZ6, válido até 09/04/2019, fizeram as seguintes declarações:

Que, são **donos e legítimos possuidores com exclusão** de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, denominado "Valados da Costa de Cima", sito no lugar de Aldeia, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura arvensis de regadio e vinha em ramada, com área de **trezentos e noventa** metros quadrados, a confrontar a norte com Margarida Saraiva Pereira, sul Vontade Secular, S.A., nascente herdeiros de Venozinda de Almeida, e poente com estrada municipal, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **5730**, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **38,28 euros**, ao qual **atribuem o valor de 2000,00 euros**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que, o mencionado prédio veio à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e sessenta e seis, quando, António Baptista Rodrigues e mulher Jalsemina Gomes da Silva, residentes que foram no lugar de Aldeia, da mencionada freguesia de Paderne, lho ajustou vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o, tratando da vinha, utilizando-o na pastorícia do gado, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma **posse pacífica**, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 29 de julho de 2016.

A Conservadora, com funções notariais,

Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/09/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e compra e venda, lavrada no dia onze de agosto de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas vinte e nove e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **JOSÉ ANTÓNIO DE CARVALHO**, casado, natural da freguesia de Remoães, concelho de Melgaço, residente no lugar de Pontilhão, freguesia de Paderne, deste mesmo concelho, que outorgou na qualidade **procurador** em representação de: **ANA MARIA DE SOUSA**, NIF 181 193 912, divorciada, natural da freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, residente no lugar de Carvalheira, freguesia de Alvaredo, deste mesmo concelho, fez as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas:

DECLAROU O PRIMEIRO OUTORGANTE, na invocada qualidade:

Que, a sua representada indicada na alínea a) é **dona e legítima possuidora** do seguinte bem:

Metade indivisa do prédio rústico, denominado "Campos da Gaia", sito no lugar de Gaia, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultivo e uma corte, com a área de mil

Continua na pag. seguinte

Continuação da pág. anterior

cento e vinte euros inscrito na respectiva matriz sob o artigo **5285**, com o valor patrimonial tributário de **672,19 euros** e o correspondente à referida metade indivisa de **336,09 euros**.

Que o referido prédio **já se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço sob o número **novecentos e setenta e sete**, daquela freguesia de São Paio, com registo de aquisição de metade indivisa a favor da sua representada indicada na alínea b), Saudade de Sousa, pela apresentação dois de trinta de março de dois mil e cinco, e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome das suas representadas.

Que o mencionado bem veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e um (ainda no estado de casada com Sérgio José Lourenço Rodrigues, sob o regime da comunhão geral de bens, de quem se encontra atualmente divorciada, tendo já precedido à partilha judicial dos bens comuns do casal no ano de 2012, transitada em julgado), quando, com os demais interessados, procedeu à partilha dos bens deixados por óbito de sua mãe, Ilda dos Prazeres Esteves, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de partilha.

Que, no entanto, desde essa data, entrou na posse do referido bem, num espírito de comosse com sua irmã, Saudade de Sousa, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o, colhendo seus frutos, suportando as respectivas despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado bem, em nome próprio, uma **comosse pacífica**, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica, em nome da sua representada, a sua aquisição de metade indivisa pela **usucapião**, que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, onze de agosto de dois mil e dezasseis.
A Escriutária Superior,
Maria Duarte Alves Dantas

**Notariado Português
CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/09/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Mar-tinha Alves Gonçalves Pereira
CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e doação lavrada no dia 12 de agosto de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 32 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **SILVINO AFONSO EIRA VELHA**, NIF 159 864 046 e mulher **MARIA AMÉLIA FUNDINHO**

EIRA VELHA, NIF 137 716 672, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Paderne, onde residem no lugar de Granjão; ela da freguesia de Vila, titulares, respetivamente do cartão de cidadão número 03122019 3ZY8, válido até 09/02/2019, e do bilhete de identidade número 3666564 de 10/05/2007 emitido pelos S.I.C., em Viana do Castelo, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa, que com esta se compõe de cinco folhas:

Que são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, das quatro verbas constantes de um documento complementar elaborado de harmonia com o número um do artigo sessenta e quatro do Código do Notariado, o qual faz parte integrante desta escritura, cujo conteúdo perfeitamente conhecem, pelo que dispensam a sua leitura.

Que os referidos prédios **não se encontram descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontram-se inscritos na respectiva matriz, quanto às verbas um e quatro em nome Jaime da Silva; quanto à verba número dois em nome da herança de Manuel Luís Gomes e quanto à verba número três em nome de João de Jesus Palhares.

Que os referidos prédios vieram à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos noventa e cinco, quando as ajustaram comprar a Jaime da Silva e mulher Isabel Armanda da Silva, residentes que foram no lugar de Peso, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, quanto às verbas um e quatro; a Manuel Luís Gomes e mulher Maria das Dores Gonçalves Gomes, residentes que foram no lugar de Ferreiros, da indicada freguesia de Paderne, quanto à verba número dois; e quanto à verba número três a João Palhares e mulher Maria dos Anjos Esteves Caldas, residentes no referido lugar de Granjão, da mesma freguesia de Paderne, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar as respectivas escrituras públicas de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse dos referidos prédios, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimentos como seus donos e por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, cultivando-os e colhendo os seus frutos, tratando da vinha, suportando as respectivas despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre os indicados prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião** que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, doze de agosto de dois mil e dezasseis.
A Escriutária Superior,
Maria Duarte Alves Dantas

BENS IMÓVEIS

Sitos na Freguesia de Paderne
Concelho de Melgaço

VERBA NÚMERO UM

Prédio rústico denominado "**Formiga**" composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de **trezentos e qua-**

renta metros quadrados, sito no lugar de **Granjão**, a confrontar de norte com Silvino Afonso Eira Velha, de Sul com Manuel Luís de Pinho, de nascente com Maria Soares, e de Poente com Maria das Dores Gonçalves, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **1533**, com o valor patrimonial tributário de **vinte e três euros e oitenta e dois cêntimos**, com igual valor atribuído.

VERBA NÚMERO DOIS

Prédio rústico denominado "**Formiga**" composto de terreno de cultivo e vinha, sito no lugar de **Granjão**, com a área de **duzentos e noventa metros quadrados**, a confrontar de norte com João de Jesus Palhares, de Sul com Eduardo Pereira Afonso, de nascente e poente com Jaime da Silva, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **1534**, com o valor patrimonial tributário de **vinte e sete euros e trinta e cinco cêntimos**, com igual valor atribuído.

VERBA NÚMERO TRÊS

Prédio rústico denominado "**Formiga**" composto de terreno de cultivo e vinha, sito no lugar de **Granjão**, com a área de **quarenta metros quadrados**, a confrontar de norte com caminho público, de Sul com Jaime da Silva, de nascente com Silvino Afonso Eira Velha, e de poente com caminho público, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **1535**, com o valor patrimonial tributário de **quatro euros e catorze cêntimos**, com igual valor atribuído.

VERBA NÚMERO QUATRO

Prédio rústico denominado "**Formiga**" composto de terreno de cultivo e vinha, sito no lugar de **Granjão**, com a área de **sessenta metros quadrados**, a confrontar de norte com caminho público, de Sul com Eduardo Pereira Afonso, de nascente com João de Jesus Palhares e de poente com estrada camarária, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **1536**, com o valor patrimonial tributário de **seis euros e dezasseis cêntimos**, com igual valor atribuído.

**Notariado Português
CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/09/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Mar-tinha Alves Gonçalves Pereira
CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 19 de agosto de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 43 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **AVELINO ESTEVES**, NIF 124 313 574 e mulher **MARIA ISABEL ALMEIDA GOMES ESTEVES**, NIF 124 313 710, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Alvaredo, onde residem no lugar de Ferreiros de Baixo, ela da freguesia de Paderne, titulares dos cartões de cidadão respectivamente números 03768700 0ZY8 até 13/07/2020 e 07525506 5ZY3,

válido até 15/04/2020, fizeram as seguintes declarações:

Que são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico denominado "Bessadas", sito no lugar de Ferreiros de Baixo, freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de dois mil e trezentos metros quadrados, a confrontar a norte e poente com Manuel Luís Fernandes Lourenço, sul José Esteves de Castro e Maria Clotilde Pereira Lima e nascente estrada municipal, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **1907**, ingorando o artigo da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário **330,31€**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que o imóvel veio à sua posse, já no estado de casados, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e dois quando, Manuel Joaquim Pereira e mulher Maria dos Anjos Pires, residentes que foram no lugar de Pinheiro, da mencionada freguesia de Alvaredo, lho ajustaram vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podando e sulfatando a vinha, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam para fins de Registo Predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 19 de agosto de 2016.
A Escriutária Superior,
Maria Duarte Alves Dantas

**Notariado Português
CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/09/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Mar-tinha Alves Gonçalves Pereira
CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 24 de agosto de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 45 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **JOSÉ LUÍS FERNANDES DE AMORIM**, NIF 182 540 278 e mulher

MARIA DE FÁTIMA RODRIGUES GONÇALVES, NIF 184 233 461, casados sob o regime de comunhão DE ADQUIRIDOS, naturais, ele da freguesia de Cristóval, concelho de Melgaço; ela da freguesia de Cebola, concelho da Covilhã, residentes no lugar de Travesa, freguesia de São Paio, deste mesmo concelho, titulares respectivamente dos cartões de cidadão números 03403727 6ZY8 e 04344226 9ZY3, válidos até 26/11/2019 e 07/04/2019, fizeram as seguintes declarações:

Que são **donos e legítimos possuidores** com exclusão de outrem, do seguinte bem:

Metade indivisa do prédio rústico, denominado "**Monte da Granja de Cima**", sito no lugar de Carpinteira, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, composto por terreno de mato, com a área total de seiscentos metros quadrados, **descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço sob o número **trinta e sete**, daquela freguesia, com o registo de aquisição de metade indivisa a favor dos mesmos outorgantes, pela apresentação quatro de doze de fevereiro de mil novecentos e noventa e sete, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **5560**, o qual corresponde ao artigo 297 da anterior matriz, com o valor patrimonial tributário total de 4,20€ e o correspondente à fração de 2,10€.

Que o prédio, encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que o referido bem, na proporção de metade indivisa, veio à posse dos justificantes, em data correta que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e cinco, quando, Amândio José Colmeiro e mulher Isaura de Lourdes Alves, residentes no lugar de Carpinteira, da referida freguesia de São Paio; e Vitorino Domingues Colmeiro, casado com Maria Vaz, no regime de separação de bens, residente no lugar de Ferreiros de Baixo, freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, lho ajustaram vender, não tendo contudo, chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido bem, em nome próprio, sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como **seus donos** por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, roçando o mato, utilizando-o na pastagem de animais, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado bem, em nome próprio, uma **posse pacífica**, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição por **usucapião**, que invocam para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que **atribui** a este ato o valor de **dois euros e dez cêntimos**, igual ao valor patrimonial correspondente à fração indivisa ora justificada.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 24 de agosto de 2016.
A Escriutária Superior,
Catarina Maria Vilas

GAZETILHA

Tricas & Dicas

Alto está!... Alto mora!... Todos o veem!... Ninguém o adora!...

O Ensino tem que ter uma cotação à altura e medida da sua função.

O Ensino não carece de adjectivos para ocupar o lugar que lhe é devido.

O Ensino está à vista de todos mas não pode, nem deve, estar à mercê de politiquices e politiqueiros.

O Ensino tem que ser ministrado de acordo com os reais interesses de alunos e professores.

Para quem sabe ler um pingo é letra!...

Saber ler e escrever tem sua mestria.

Saber ler e escrever exige trabalho e rigor.

Saber ler e escrever é uma arte a cultivar dentro e fora das Escolas.

Saber ler e escrever é uma função planeada e estruturada que deve estar acessível a todo e qualquer cidadão.

Quem à boa árvore se chega, boa sombra o colhe!...

O mutismo não se pode introduzir nos corredores de quem planeia e decide sobre o futuro de gerações novas e o presente dos que são mestres naquilo que fazem.

A vozeria dos sindicatos tem que encontrar eco na classe dos professores que acreditam num melhor ensino e numa boa aprendizagem.

A barretada com que muitas associações de pais se vê confrontada em nada beneficia pais e encarregados de educação.

O bardo em que alguns tentam meter as nossas crianças há muito que foi testado e continua a não merecer consensos de quem muito opina e pouco acerta.

Vale mais um a fazer, que cem a mandar!...

A teimosia de quem tudo quer abarcar não é boa conselheira para se fazer boa sementeira e melhor colheita!

No tempo da "outra senhora" provou-se que não é empurrando com a barriga para a frente que isto lá vai!

Passados 40 anos constatou-se que alguém estragou o bom ensino técnico e que ainda não se conseguiu valorizar o que de melhor nos trouxeram as novas tecnologias!

No arranque de mais um ano lectivo afiem-se os lápis e corrijam-se as vozes que "bradam aos céus" pedindo e implorando mais burocracias!

Vale mais uma hora de ciência do que cem de ignorância!...

Álvaro Carvalho

Esta Edição

A morte de minha mãe Rosa da Purificação e dificuldades inesperadas do colaborador João Martinho fizeram que este número saia com algum atraso. Pedimos a melhor compreensão.

Por absoluta falta de espaço, apesar de publicarmos 36 páginas, não foi possível inserir alguns textos e dar nota de alguns gestos de generosidade dos nossos prezados assinantes. A atualização das assinaturas só aparecerá na etiqueta com a direção na edição de outubro.

Agência Funerária Mira

DISTINGUIMO-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA,
COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO

**TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS
E DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS,
BEM COMO DESLOCAÇÃO
NOS CASOS DE CREMAÇÃO**

RUA DR. AFONSO COSTA, 42 · MELGAÇO
Tels: 963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237

O Negócio dos Incêndios



Segundo o que dizem, os governos anteriores **não prestaram** informações cabais dos contratos feitos com os privados sobre os 1.500 euros, mais iva, pagos **à hora**, a cada helicóptero. Não interessará a essas empresas que arda a maior parte da área da floresta portuguesa e por muito tempo? Com um negócio assim, claro que interessa. Quanto mais fogos e mais tempo durarem mais lucram. Sabe-se que as empresas privadas ainda há poucos anos alugavam os helicópteros no estrangeiro e agora já têm frotas próprias, hangares, pavilhões e aeródromos. Não se fala em ex-ministros, secretários de Estado e altos quadros públicos, ligados aos bombeiros, à protecção civil e às florestas, que adquiriram rapidamente fortunas, com sinais de riqueza fácil, de um dia para o outro. Perante estes fumos de corrupção, porque é que o Estado não entrega a função de apagar os fogos ao Exército e à Força Aérea, que é uma actividade sua de segurança e defesa nacional? Até aos finais dos anos 80 era a Força Aérea que **apagava com sucesso os fogos**, com baixo custo. Porque se passou esta

função para os privados com lucros milionários e se extinguiram os guardas florestais e cortaram verbas na prevenção? **Há uma firma**, em Braga, que recebeu cerca de 49 milhões de € por serviços prestados com os seus helicópteros no apagamento de fogos florestais e tem contrato do anterior governo PSD/CDS, **válido por 4 anos**. O Estado e os partidos políticos têm as mãos conspurcadas pelas cinzas dos incêndios que destroem Portugal. Tudo isto cheira a esturro! Todos os anos acontece o mesmo. Penalizam muitas vezes quem não tem culpa e os tubarões desses crimes continuam a encher os bolsos, com lucros fabulosos. A ajuda prometida às famílias não têm passado de flautisses sem significado. Numa entrevista, na tv, a um cidadão cuja parte da sua casa foi devorada pelas chamas, as coisas continuam na mesma, não sabendo o que fazer. Vive-se no reino do faz de conta e da fantasia. O pior é que as pessoas já estão habituadas à pouca sorte de um destino imerecido. A desgraça faz parte dos portugueses, sem dinheiro. Para terminar este meu artigo de hoje,

resta acrescentar que Portugal pediu ajuda externa para combater os incêndios e só a Espanha e a Itália da UE auxiliaram. A Rússia enviou duas aeronaves anfíbias, multifunções, com capacidade de 12.000 litros de água, mais do dobro do Canadair. Um deles ao abastecer-se no rio Minho para apagar os incêndios na Peneda e Castro Laboreiro, as populações locais assustaram-se, pensando ser um desastre e comunicaram à GNR, ao INEM e Bombeiros, mas felizmente foi engano.

PS-Ouvi o anterior primeiro ministro, Passos Coelho, na estância de turismo do Pontal. Pareceu-me um arlequim. Diz sempre o mesmo. Virou para a desgraça, tal com o velho do Restelo. Parece um boneco de fala mansa, sem uma ideia nova, sem carisma, não deixando perceber uma oposição séria de mudança, capaz de melhorar o país e os portugueses.

Abílio Francisco Conde
Agosto 2016



Dia do Brandeiro 2016

A 6 de Agosto, a Branda da Avelira comemorou 20 anos de um projecto que se vem afirmando na memória dos antepassados que ali faziam vida. O Dia do Brandeiro assinala a cada ano a memória das vivências da transumância, pelas tertúlias, pelo convívio e, pelo segundo ano, com um desfile de carros de bois/ vacas devidamente carregados e puxados por juntas de gado. Seis carros, puxados por vacas de raça Cachena e Barrosã, fazem-se acompanhar por dezenas de figurantes trajados a rigor, dando uma dimensão sonora e visual ao que foram os tempos do pastoreio.



Dr. José Lima, grande dinamizador do Dia do Brandeiro, congratulando-se com a declaração patrimonial da Branda, de que se dá conta mais pormenorizada na pág. 10

Campanha "Melgaço a Sorrir" continua a somar parceiros Foram distribuídos 10 000 euros em cartões consulta Esthetic Smile. Já tem o seu?

Que tal ir ao Restaurante e ganhar descontos no Cabeleireiro? Ir ao Supermercado e ganhar descontos no Dentista? Ir à Ourivesaria e ganhar descontos no Talho? Trocar os pneus e ter descontos na Óptica? Ter Consulta de Osteopatia e ter desconto na Farmácia? Comprar plantas para o jardim e ainda ter descontos na linge-rie? Comprar mais barato e ainda ter descontos nos desportos de aventura? Acampar e poder andar a cavalo com preços reduzidos? Oferecer objetos de decoração de conceituadas marcas e ainda poder usufruir de preços redu- zidos no ouro, prata e relógios?

Pois é isso que está a ocorrer em Melgaço! A campanha "Melgaço a Sorrir" é uma iniciativa da empresa Esthetic Smile, que doou para fins promocionais 10 000 euros cartões consulta Esthetic Smile, com o valor comercial de 20 euros cada e mais de cinco mil escovas de dentes para distribuição.

Através de protocolos de parceria com os comerciantes locais associados, os comércio aderentes oferecem promoções nos seus próprios estabelecimentos, mediante a apresentação do cartão ativado.

Com a aliança ao Grupo Façanha, a carteira de clientes aumentou para quase 5000 associados. Líder regional no mercado de ourivesaria (com fábrica e lojas) e decoração na

região, o Grupo Façanha uniu-se a esta iniciativa e aos comerciantes melgacenses e participa da troca.

Os comércio aderentes fornecerão os descontos em igualdade de condições aos clientes portadores do Cartão OFAC ou CARTÃO CONSULTA ESTHETIC SMILE. A rede agora denominada ESTHETIC SMILE & GRUPO FAÇANHA tem estabelecido protocolos de parceria neste sentido.

Este conceito cross-selling, apresentado pelo norte-americano Harding Ford em 2002, desenvolvido por Georg Whittmann em 2006 como alternativa aos pequenos e médios comerciantes para concorrer com as grandes cadeias (que dispõem de milhões de euros para publicidade e promoção), chegou a Melgaço e será a melhor saída para todos: A cooperação e colaboração!

Para ter acesso as promoções, o cliente poderá também dirigir-se à Clínica Esthetic Smile e solicitar o seu CARTÃO ESTHETIC SMILE CONSULTA, ou o seu CARTÃO OFAC.

Melgaço Faz Sorrir... Também na Galiza!

Para contribuir com a promoção de SORRISOS, a ESTHETIC SMILE tem distribuído milhares de escovas de dentes em nome da rede ESTHETIC SMILE & GRUPO FA-

ÇANHA para Instituições de Solidariedade e Apoio Social de ambos os lados da Fronteira e também muitas escovas tem sido oferecidas em todos os Estabelecimentos Aderentes.

Foram distribuídas escovas em Arbo, Padrenda e Creciente, onde serão distribuídas para as associações e entidades destes concelhos através das autarquias locais.

A rede, de uma forma individual, tem convocado as instituições, como o Centro Paroquial de Chaviães, o Centro de Dia Castro Solidário, o Centro Interparoquial e Social do Alto Mouro, Santa Casa de Misericórdia de Melgaço e Centro Social de Paderne para a recolha das escovas dentárias e distribuição entre os seus utentes.

O lançamento da primeira fase da campanha de distribuição gratuita de cartões decorreu no dia 28 de Julho com a presença maciça dos comerciantes portugueses e espanhóis, além de representantes da recém criada Associação Empresarial Minho Fronteiriço (AEMF).

A iniciativa "Melgaço a Sorrir", a Associação do Grupo Façanha e criação da Rede ESTHETIC SMILE & GRUPO FAÇANHA contou com a aprovação e entusiasmo de todos, que manifestaram sua criatividade fazendo sugestões tais como:

Partilhar publicidade e divulgação; criar uma página onde os

empresários possam divulgar suas promoções, permitindo que os outros também as partilhem, dando a conhecer aos seus seguidores as promoções dos seus aliados, gerando mais movimento e beneficiando a todos deste "passa-palavra" digital; sair da tradicional competição de preços que prejudica a todos e ao país (vale lembrar que este é o motivo para a inflação estar quase a metade dos 2% a 3% recomendados mundialmente, beirando uma recessão que a continuar desta forma, causaria malefícios à todos); consumir bens e serviços uns dos outros sem que seja necessário baixar preço e ainda estimulando os lucros marginais conjuntos; A aliança de todos servirá também para a difusão das melhores práticas do comércio, de serviços, de marketing e gestão.

Com a distribuição de brindes, dícticos e slogans variados, permitirá a cada comércio adequar a campanha ao seu gosto e estilo, personalizando ao mesmo tempo



em que fortalece o espírito colectivo da aliança.

Partilha, Divulgação, União, Entreadada. São estas as bases desta Parceria.

A distribuição gratuita do CARTÃO CONSULTA ESTHETIC SMILE (primeira fase) terminou a 31 de Agosto. A partir de Setembro, o mesmo pode ser adquirido na Clínica do Grupo ESTHETIC SMILE MELGAÇO, no Largo da Feira ou através do GRUPO FAÇANHA, Cartão OFAC.

Colabore! Ajude-nos a por Melgaço a Sorrir, prestigiando o comércio local!

Hebe Zamagna

UM VERÃO COM MUITA ANIMAÇÃO

Canyoning
Kart Cross
BTT

Canoagem
C. Aquática
Slide

Escalada
Arvorismo
Rapel

Todos os dias

Saídas garantidas

10h00 | 15h00 | 17h00

Camping de Lamas

GPS: 42.036032 - 8.194294

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041 • www.montesdelaboreiro.pt

**PROCURA COLABORADOR(A)
A TEMPO INTEIRO**
Tempo indeterminado
URGENTE
Contactar: **965 584 853**

PIZZARIA
Dy Michelys
RESTAURANTE

INOVAÇÃO É O QUE NOS DISTINGUE!!

T. 251 403 058 Av. Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

Clínica OSTEO+

CONSULTAS DE OSTEOPATIA
estrutural, craneal, visceral, pediátrica e obstetrícia
Dra Cátia Afonso (directora técnica)

CONSULTAS de ORTOPEDIA
Dr José Ratola Teixeira (director clínico)

PSICOLOGIA CLÍNICA | FISIOTERAPIA | ENFERMAGEM
TERAPIA DA FALA | CINESIOTERAPIA RESPIRATÓRIA
ESTÉTICA AVANÇADA | MASSAGEM TERAPÊUTICA
NATUROPATIA | HIPNOTERAPIA | REIKI

VENDA de MATERIAL ORTOPÉDICO

Clínica Osteo+ Melgaço
Av. Cap. Salgueiro Maia nº540
4960-570 Melgaço

telefone:
251 401 078

TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA

TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE
 PORTUGAL
 FRANÇA

CONTACTOS: e-mail: t.s.carpinteiro@gmail.com

FRANÇA	PORTUGAL	MORADA:
Tlm: 06 08 07 18 61	Tlf: 251 418 046 Tlm: 967 559 270 Tlm: 914 827 484	Lugar da Igreja Roussas 4960 MELGAÇO

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

António Costa inaugurou Unidade de Cuidados Continuados Integrados de Melgaço



Primeiro-Ministro diz que esta abertura é "o símbolo da reforma inteligente" que o Governo quer implementar no SNS

O Primeiro Ministro António Costa inaugurou em Melgaço a Unidade de Cuidados Continuados Integrados, que inicia actividade a 1 de Setembro com as valências de Média Duração, com oito camas, e Longa Duração, vinte e uma camas.

Inicialmente prevista para camas para os cuidados de Longa Duração, a gestão desta unidade, entregue à Casa de Saúde de S. José (Barcelos) do Instituto S. João de Deus, considerou que a opção "não tinha sustentabilidade".

Encerrada desde 2012, a unidade abre cerca de quatro anos depois de concluída e equipada, empregando neste início de actividade vinte e sete profissionais, dispo de Médicos, Enfermeiros, Fisioterapeuta, Terapeuta Ocupacional, Terapeuta da fala, Assistente Social, Psicólogo, Animador Sociocultural, Empregados Auxiliares, Nutricionista, Administrativos e Capelão.

António Costa fez-se acompanhar por alguns elementos do Governo, entre eles o Ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, o Ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues e pelo Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Fernando Araújo.

No acto de inauguração, o Presidente da Unidade Local de Saúde do Alto Minho (ULSAM), Franklin Ramos deu nota das dificuldades de um processo que se começou a desenhar em 2011, segundo-se "um calvário de quatro anos, de verdadeira via sacra e de um surrealismo que me escuso comentar".

O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, congratulou o Governo de António Costa pelo "olhar diferente para a questões da saúde e da rede de Cuidados Continuados", pondo fim ao silêncio da tutela que "não recebia a Câmara Municipal" nem



dava resposta à "pressão forte" feita pela autarquia e que olhava a UCC como um "parente pobre" do sistema de saúde.

Cuidados Continuados: Mas 685 camas até ao final do ano, mais 8000 até ao final da legislatura

António Costa recordou a "situação chocante" que encontrou em Setembro de 2015, aquando da sua visita a Melgaço e à unidade agora inaugurada, à altura ainda candidato em campanha. "Era um mau exemplo do estado de abandono a que estava dedicado o Serviço Nacional de Saúde".

A concretização deste processo, que foi motivo de algumas pressões do autarca de Melgaço ao governo anterior, manifestações de impacto popular e inclusive pedido ao candidato Socialista que há cerca de um ano visitou a infraestrutura,

mereceu do Primeiro-Ministro uma resposta 'pessoal' a Manoel Batista. "É com grande satisfação que lhe posso devolver a documentação que então me deu, para que eu não me esquecesse, porque creio que não vou precisar de voltar a lembrar", brincou António Costa.

A "promessa" agora cumprida é, segundo o líder do Governo, "um símbolo" das reformas a implementar no sector da saúde e assume ter traçado uma "meta ambiciosa" para os cuidados continuados, a efectivar até ao fim da legislatura.

António Costa propõe-se "duplicar o numero de camas de cuidados continuados", o que traduzirá mais 685 camas no conjunto do país e mais 8000 até ao final da legislatura. "Quanto mais robusta for a rede de cuidados primários, mas nos diminuimos a necessidade de as pessoas irem ao hospital", observa.

A missão, assegura, "não é só libertar os hospitais", mas fazer uma "reforma inteligente" dos serviços que se traduzirá numa pou-

pança expressiva. "Uma cama de hospital custa em média duzentos euros por dia, uma cama numa unidade de Cuidados Continuados, consoante a sua natureza, custará entre sessenta e cem euros por dia, entre um quarto e metade do que custa num hospital", explica.

Reforma estrutural no sector da saúde.

A "reforma feita com inteligência" completará em Outubro a colocação de mais trezentos médicos de família ao serviço da população, num processo que tem vindo a ser implementado ao longo deste ano.

Neste contexto, António Costa afluou a importância da implementação do serviço de cuidados continuados no domicílio ou em regime ambulatorio, que considera essencial nos territórios de baixa densidade, mas esclarece que "o Estado não tem vocação nem a ambição de consumir toda a energia social" e que os serviços serão entregues às instituições e IPSS's locais.

João Martinho

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



AGENTE PRINCIPAL



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

MIRACASTRO ALBERGARIA
CASTRO LABOREIRO
Tel. 251 460 020
Fax 251 460 029

Albergaria
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.

Melgaço "celebrou a história" no dia da apresentação do Cartulário do Mosteiro de Fiães



No dia 12 de Agosto, designado este ano pela primeira vez como o Dia da Diáspora melgacense no programa cultural e de animação do município para a época, foi apresentado à comunidade melgacense o Cartulário do Mosteiro de Fiães.

Trazido ao conhecimento popular através de edição de capa dura em dois volumes (volume 1 com introdução, transcrição e índices e o volume 2 com o fac-símile daquele livro), a edição apoiada pelos arquivos da Universidade do Minho, pelo Crédito Agrícola-Caixa do Noroeste, Câmara Municipal de Melgaço e Junta de Freguesia de Fiães, apresentou-se na avenida de acesso ao Mosteiro de Fiães.

Ao acto acorreram diversas figuras de que se dá conta mais pormenorizada no texto seguinte.

O Reitor da Universidade do Minho, professor António Cunha, o Director Regional de Cultura do Norte, António Ponte e o professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Luís Adão da Fonseca intervieram na sessão ao lado do padre José Marques, reforçando a importância deste trabalho.

Para a autarquia "era uma exigência, era de toda a justiça", como sublinhou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, notando que esta obra ficará no legado do município marcando "um dia importante para a cultura e para o património cultural" de Melgaço.

Aposta no património cultural "não é um investimento muito corrente nos dias de hoje".

Rasgados elogios também do Director Regional de Cultura do Norte. António Ponte congratulou a iniciativa que visa "a valorização daquilo que é o património cultural".

As declarações de António Ponte assentam assim no desafio e

congratulação que o presidente da Assembleia Municipal de Melgaço, Artur Rodrigues, lançou, considerando o padre José Marques uma figura "que Melgaço tem de distinguir, pela sua cultura e pela sua presença sempre nos momentos altos da cultura do nosso concelho, que boa falta nos fazem".

O Reitor da Universidade do Minho enalteceu o trabalho do padre José Marques. António Cunha elogiou o "cientista e medievalista de grande prestígio", apontando-o como "um património" do Alto Minho "com um conhecimento valioso que merece ser celebrado".

O reitor e docente da Universidade do Minho sublinhou ainda a importância do documento de um local "com uma história que vale a pena ser contada" e assim "celebrar Fiães, o seu Convento e aquilo que foi nos tempos da construção de espaços e realidades geopolíticas que nos trouxeram aos dias de hoje".

Luís Adão da Fonseca, professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, reconheceu a José Marques, "historiador de amplas cronologias e geografias diversificadas" e a intelectualidade de "um homem da bibliografia, do catálogo e do reportório, das obras e das fontes documentais".

Fruto da convivência tida ao longo dos anos na Universidade do Porto, Luís Adão da Fonseca revela que a edição que José Marques agora apresenta "está pensada desde 1973", quando o professor terá ouvido ao historiador que "a melhor maneira de passar o mês de Agosto é na praia, com os pés na borda da água, numa cadeira, tendo de um lado a fotocópia dos documentos de Fiães e do outro lado o sítio de onde estamos a copiar".

Sobre a importância do cartulário agora publicado, o catedrático deixou ainda um apontamento que poderá ser um exercício para os curiosos e historiadores "Ao ver no mapa que o doutor José Marques nos fez chegar, e onde estão sublinhados a vermelho, a norte e a sul do rio Minho, os topónimos referidos no cartulário. De repente torna-se muito claro o que representa o Mosteiro de Fiães. Às vezes, os mapas dizem mais do que páginas e páginas de texto".

"Em pleno Agosto, tendo como pano de fundo as notícias de um Portugal que arde, a leitura deste seu Cartulário constituiu para a minha pessoa um momento agradável e sobretudo refrescante", concluiu Luís Adão da Fonseca.

João Martinho

Cartulário de Fiães: o sonho tornado realidade quase 50 anos depois

No cenário idílico da Alameda do Mosteiro, em dia de forte calor, mas sob a sombra frondosa da carvalheira e aliviados por uma brisa ligeira, teve lugar a apresentação pública desta importante obra, denominada «Cartulário de Fiães» e que quer dizer, segundo o Dicionário de Houaiss «registro que, conservado em antigos mosteiros, igrejas, etc., contém os títulos e privilégios de uma pessoa ou de uma comunidade, convento, igreja ou corporação». Também é conhecido por Livro das Datas ou das doações.

Não exageramos ao apelidar de idílico o local escolhido para a apresentação, no dia 12 de Agosto, data em que, por feliz coincidência, o autor, cónego José Marques celebrava os 79 anos de registo civil, ele que nasceu realmente a 11 de Agosto.

Além do Presidente da Câmara e da Assembleia Municipal, presidente da Junta de Fiães, pároco de Fiães e outros autarcas e residentes, a assembleia estava nutrida de reconhecidos professores e historiadores que anuíram ao convite da Câmara para presenciarem acto tão emblemático dos anais da cultura melgacense. De Lisboa, deslocou-se o Dr. Silvestre Lacerda, Presidente do Instituto Nacional da Torre do Tombo. Do Porto, entre outros, o Dr. António Ponte, antigo aluno do doutor José Marques, e hoje, Director da Cultura do Norte. A Faculdade de Letras do Porto esteve representada ao mais alto nível pela sua Directora, Professora Doutora Cândida Fernanda Ribeiro, bem como outros professores doutores, quer em exercício quer já jubilados: Luís António de Oliveira Ramos, Cândido Augusto Dias dos Santos; José Augusto Pizarro; Maria Cristina Cunha alegre, Paula Maria Pinto Costa, Luís Carlos Amaral e Armando Malheiro da Silva. Presen-

tes ainda, da mesma Faculdade, os doutores Maria João Oliveira e André Marques. De Lisboa, da Faculdade de Letras e Academia Portuguesa de História, o Professor doutor Armando Alberto Martins e esposa. Da Faculdade de Letras de Coimbra e também da Academia Portuguesa da História, a Prof. Doutora Maria Alegria Fernanda Marques e marido.

A Universidade do Minho esteve representada ao mais alto nível pelo seu Reitor, Doutor António Cunha, grande impulsionador da vertente cultural da instituição.

O Prof. Doutor José Viriato Capela, representava também a Universidade do Minho e a Casa Museu de Monção.

Santiago de Compostela esteve presente na pessoa do Prof. Doutor Fernando Lopez Alsina.

Outras presenças que recordamos: D.ra António Pais de Matos Reis, Henrique Pereira, Henrique Barreto Nunes (U. do Minho), José Barreto Nunes, juiz conselheiro jubilado, José Rodrigues Lima, Eduardo Martins de Almeida, de Braga, marido da Professora que estabeleceu a ligação a Coimbra para o estudo sobre a idade do Carvalho de Fiães, e que, com pena, não pôde estar presente; D.ra Filomena Cordeiro Centeno, que representava também seu marido Doutor Rui Centeno, professor da Faculdade de Letras do Porto; padres João Torres Vieira, arcepreste de Melgaço, padre César Maciel, pároco de Castro Laboreiro, Dr. Américo Rodrigues, de Castro Laboreiro, grande dinamizador do estudo sobre o cão de Castro Laboreiro, entre outros. Presentes ainda em força, os responsáveis pelos vários departamentos ligados à cultura da Câmara Municipal: a Vereadora da Cultura, professora Pinho, a d.ra Angelina Esteves

A apresentação do livro foi feita numa sessão com dois momentos. Primeiro, a abertura e a exaltação do acto que se estava a viver, nas palavras do Presidente da Câmara, Manuel Baptista Pombal, do Eng. Artur Rodrigues, Presidente da Assembleia Municipal, Doutor António Ponte, Director da Cultura do Norte, e do Doutor António Cunha, Reitor da Universidade do Minho. Todos eles exaltaram a excelência da obra que era editada e publicada, bem como o contributo que se dava para a tornar realmente acessível aos estudiosos. Já não está cativa de um Arquivo da Biblioteca Pública de Braga, mas acessível a qualquer que esteja apetrechado, sobretudo, com conhecimentos mínimos de Latim.

A segunda parte foi preenchida com a apresentação formal do Cartulário pelo Professor Doutor Luís

Continua na pág. seguinte



Continuação da pág. anterior

Adão da Fonseca. Professor catódrico Jubilado da Universidade do Porto, e o autor da obra, Professor Doutor José Marques.

Adão da Fonseca, numa amena e viva palestra de 38 minutos, deliciosa a curiosa assembleia com referências sumamente elogiosas ao autor da obra, ao seu percurso académico e à marca de cientificidade que imprime em todas as suas obras. Prova maior foi precisamente as críticas contundentes que já em 1995 fez aos autores galegos que, a coberto do grande mestre orensano Couso, a quem atribuíram a autoria da edição do que denominaram «Tumbo de Fiães», edição com enormes deficiências de vária ordem, escarpeladas nos artigos do doutor José Marques e que mais evidentes ficam a quem compulsar a edição galega a que acaba de ser publicada.

Para compreender a importância da obra, há que conhecer minimamente a história de Fiães e a sua passagem de Cluny para a obediência de Cister e do grande São Bernardo. Tudo isso está bem apresentado e sintetizado nas páginas 7 a 10 do 1º volume. Seguem-se mais 20 preciosas páginas sobre o Mosteiro de Fiães, sua origem, observâncias, complexo monástico, o Mosteiro na crise de finais da Idade Média; o couro, a evolução institucional, breve descrição do Cartulário, 4 mapas comparativos, o conteúdo propriamente dito do Cartulário, cujo conteúdo essencial «se encontra na parte dispositiva dos seus numerosos documentos: doações, vendas, compras, permutas, legados, heranças, aforamentos, cartas régias, determinações episcopais, sentenças e composições judiciais, etc., predominantemente relativas a bens rústicos». Para o autor, merece ainda uma atenção especial o caso das vinhas. Mencionam-se numerosos terrenos cujos titulares «ficavam obrigados a plantá-los de vinha, na totalidade ou só em parte, especificando-se no próprio contrato quanto deveriam apagar por ano, sendo frequentes os casos de pagamentos do terço da colheita e, embora mais raramente, de metade da produção». (pp. 28-29)

Não faltam menções de pagamentos «feitos em vinho, milho e centeio, a que crescem, por vezes, os que são feitos, na totalidade, em lampreias, no caso das pesqueiras, ou, como complementos, em vinho, cabritos, marrãs, isto é, presuntos, no vasto território por que se dispersava o património do Mosteiro de Fiães, tanto em Portugal como no Sul da Galiza, desde a zona atlântica de Baiona até às terras de Jinzo de Lima». (p. 29)

José Marques diz-nos que, com a presente obra, pretende «apenas alertar para a variedade, riqueza e potencialidades histórico-culturais do Cartulário de Fiães, que só poderá ser conhecido e avaliado, convenientemente, após um estudo exaustivo desta preciosa colecção documental, que não descarta o tratamento quantitativo dos dados e respectiva cartografia». (p. 20)

Esta obra, sonhada desde 1973 como projecto de Tese de Licencia-

tura na Faculdade de Letras do Porto, viu agora, passados 43 anos, a luz do dia. São mais de 400 documentos, devidamente organizados, assegurando os aspectos fundamentais da descrição externa e respectiva estrutura codicológica, de um Mosteiro que soube conservar tão rico acervo documental, durante séculos, até à sua extinção, em 1834.

O II Volume é a riquíssima edição fac-similada do referido Cartulário que oferece aos investigadores da Ordem de Cister inúmeras potencialidades e contributos para a história religiosa, económica, social e cultural do Norte de Portugal e da Galiza, com particular incidência na sua parte sul. (p. 4 do II Volume)

A finalizar a memorável sessão, de que os monges terão tido, certamente, uma sadia inveja de nela não terem podido participar, o Cónego José Marques referiu quanto Fiães lhe dizia, pois lá ia assistir à missa, lá frequentou o 1º ano da escola primária, recordações indeléveis na alma de quem, felizmente habituado às alturas, pede meças às águias na capacidade de sobrevoar dificuldades e de encontrar e partilhar com os outros estas divinas iguarias da mente, mas também e sobretudo do espírito.

Sempre que vou a Fiães é como se fosse a primeira vez. Meu pai e meus tios eram de lá originários. Lá tivemos propriedades, algumas bem perto do Mosteiro. Particpei em vários carros de feno. Várias vezes fui à Adedela para ajudar a trazer mel. Essa doçura de infância e juventude permanece viva. O enamoramento não esmorece. Compreendo o teu encanto e sei que foi a persistência e tenacidade que permitiram que tenhamos à disposição de todos um documento tão rico e tão raro.

Bem Haja, caro e bom amigo. E «Ad multos annos». Em 11 de Agosto de 1917 temos celebrar em Fiães os teus fecundíssimos 80 anos. Deus te proteja e Maria, sua bendita Mãe – padroeira principal de Fiães – continue a cobrir-te com o seu manto abençoado.

No oitavo dia do falecimento de minha mãe Rosa da Purificação. Lembrando que quiseste estar presente no velório, nas exéquias em Braga e em Rouças e, ontem, novamente, no 7º dia, na Senhora-a-Branca. Aqui fica o meu preito e de meus irmãos e familiares por tamanha demonstração de carinho.

Carlos Nuno Vaz

Boletim Cultural nº 9, uma mão cheia de felizes surpresas

O interregno na publicação do Boletim Cultural de Melgaço fez-se sentir. Eram muitos os que solicitavam a continuidade. Não fazia sentido gastar largos milhares de euros em conjuntos musicais para animar a assim designada «Festa da Cultura» e regatear 2 ou 3 mil euros para a publicação do Boletim.

Este número 9 é fascinante. Abre com um texto do doutor José Marques sobre o V Centenário do Foral Manuelino, ocorrido em 2013, texto

que devia ser de leitura obrigatória nas aulas do Ensino Secundário, tal a riqueza histórica que nos ajuda a perceber e a melhor entender muito que hoje temos e somos. Conclui com dois textos interessantes, também do doutor José Marques, um sobre «A Peste de 1362, na Diocese de Tui», e o último: «Vereações Municipais de Melgaço – 1819». A leitura dos dois é agradável e ilustrativa.

Um texto de José da Cunha Machado aborda «A Demografia de Melgaço no início do século XXI». Há matéria para séria reflexão. Aí se afirma que no final de 2015 as taxas de crescimento são muito negativas (- 1,30%), «fundamentalmente devido a um saldo natural muito negativo (- 112 pessoas) e preponderantemente com perda da população masculina». (p. 36) Acrescenta-se ainda que «o envelhecimento da população do concelho de Melgaço não se deve exclusivamente ao aumento da população idosa, mas também à diminuição da população mais jovens, o designado envelhecimento na base». (p. 41)

Custa a crer que seja verdade o que se afirma na página 47: «Acentua-se na população de Melgaço a não tendência para o casamento, de tal modo que nos últimos 15 anos o número de casamentos reduziu-se para quase um terço, passando de 52 em 2001 para apenas 18 em 2015». Será possível? Ou não se contam os casamentos de emigrantes que vêm casar à terra natal de Melgaço?

O artigo termina afirmando que Melgaço ainda está a tempo de reverter parcialmente «esta situação, com medidas que travem a redução da população, por exemplo, apoiando a natalidade e a saída dos jovens naturais do concelho». (p. 56) Tem de haver lapso. Não é apoiando a saída dos jovens naturais do concelho, mas fazendo tudo para que não saiam em busca do trabalho que não encontram na terra.

Segue-se um trabalho a autoria de Alide Delerue Matos, Katiusce Perufe e Cláudia Cunha sobre «Qualidade de Vida em Melgaço: as percepções da população de 60 e mais anos». Num concelho onde, para 100 jovens, existem 407 idosos, diz-se nas conclusões que os idosos de Melgaço percebem 3 dimensões fundamentais da avaliação da qualidade de vida: a) Saúde; b) a solidariedade familiar; c) o 'sentido de comunidade'. Afirma-se ainda que os entrevistados reconhecem haver condições favoráveis à promoção da saúde: qualidade do ar e da água e a tranquilidade de vida. Mas nem todos aproveitam outras oportunidades para a melhorar, como, por exemplo, a frequência, que é gratuita, às aulas de ginástica. Acrescenta-se ainda que, apesar da separação provocada pela emigração: «A solidariedade familiar, nas suas diversas dimensões, permanece intensa em Melgaço». Falta proporcionar mais ocasiões de formação aos idosos para saberem usar com proveito das novas tecnologias e da internet, reforçando o acesso gratuito à mesma. Afirma-se, quase a terminar, que há outros factores que contribuem para a qualidade de

vida: a ocupação, seja em actividade profissional, seja em voluntariado, e a participação social, embora não tão importantes como as três antes apontadas (Cf. p. 69). Estranha-se ainda que ninguém tenha referido a vivência religiosa como propiciadora de uma verdadeira qualidade de vida. Será que nem sequer colocaram às pessoas essa perspectiva e dimensão? As festas de cariz religioso e as celebrações principais do ano litúrgico, numa terra onde ainda têm vida e certo fulgor, não contribuirão com nada para a qualidade de vida das pessoas?

Alexandra Cerveira Lima e António Marinho Baptista apresentam um estudo intitulado: Um povoado alti-medieval em castro Laboreiro. É o fruto de um trabalho iniciado na década de 1970, mas que teve a campanha de prospecção, limpeza e desenho em 1994-1995. O local é o de um povoado abandonado, «implantado a meia encosta, num plateau do morro do castelo e para sudeste deste». Os materiais recolhidos estão hoje no Museu Dom Diogo de Sousa, em Braga. Outros estão no Núcleo Museológico de Castro Laboreiro, depois de terem estado bastantes anos numa dependência da sacristia da igreja paroquial de Castro. Esperam os autores do trabalho poderem promover uma sessão pública no Núcleo Museológico de Castro Laboreiro, em que possam apresentar os resultados das escavações e investigações realizadas sobre o mencionado povoado. O texto é enriquecido com 24 fotografias, sendo uma delas a do famoso do desenho de Duarte D'Armas de finais do século XVI.

Américo Rodrigues, um castrejo dos 4 costados e amigo do fiel amigo com marca registada de Castro Laboreiro, apresenta um interessante estudo, intitulado: O Cão de Castro Laboreiro: Antiguidade, rusticidade, carácter e nobreza..Brinda-nos com notas históricas da raça, reconhecimento da raça, principais aptidões da raça, a raça em Portugal, a Aparência geral do Cão de Castro, a pelagem, cuidados a ter com a mesma, temperamento, educação e treino, maturidade e reprodução, escolha do cachorro, vivenda ou apartamento?, saúde e alimentação, futuro da raça. Sobre este futuro, diz que, «Apesar de todos os atributos da raça e da sua grande versatilidade, continua à beira da extinção. Devido à brutal desertificação do seu solar, o perigo é real». Aconselha como proceder para tentar evitar o perigo real de extinção- Conclui peremptório: «O Cão de Castro Laboreiro é arqueologia viva da freguesia de Castro Laboreiro, de Portugal e do mundo. A sua preservação é uma obrigatoriedade nacional». (p. 108)

Interessante também o estudo de Susana Mendes sobre «Impacto das alterações climáticas na viticultura do Noroeste Peninsular». Destacamos as propostas finais: «Apesar das incertezas inerentes ao cenário futuro, estão previstas mudanças significativas na geografia vitivinícola da Península Ibérica». Entre estas podem estar a existência de novas regiões vitícolas acima dos 600 me-

tros e melhorias das condições actuais no noroeste peninsular e zonas costeiras. Mas, em termos globais, os impactos negativos tendem a sobrepôr-se, devido ao aumento nefasto dos efeitos cumulativos do stress hídrico (excessiva secura), particularmente no sul da Península. Estas mudanças urgem a adopção de medidas de adaptação, sejam de curto prazo – protecção das plantas contra o stress hídrico e térmico, práticas culturais e gestão do solo, «controlo mais eficaz das pragas e doenças e gestão da fertilidade – ou, a longo prazo – selecção de porta-enxertos e castas adaptadas à secura, vinhas plantadas a maior altitude – a fim de manter a produção e a qualidade dos níveis actuais». (p. 114)

As páginas 117 a 126 apresentam-nos o relatório técnico sobre a «Estimativa da idade do Carvalho do Mosteiro de Fiães, em Melgaço». Há um relatório técnico, pelo qual se conclui que a estimativa de idade para o carvalho que agora está queimado e reduzido a quase nada ronda os 465 anos.

O Dr. José Rodrigues Lima, um apaixonado por Melgaço e todo o Minho, com faro especial para tratar o que à arte e paisagem se refere, apresenta um trabalho intitulado: Rota Cisterciense Alto-Minho Galiza.

Assente no facto de que os mosteiros de Ermelo e Fiães, no Alto-Minho, e São Clódio de Leiro e Oseira, na Galiza estão vinculados pela espiritualidade, pela história, pelo canto gregoriano e pela arte românica e barroca, desafia-nos para fazermos a rota cisterciense que traça e para a qual já conseguiu a parceria dos párocos de Ermelo, Soajo, Castro Laboreiro, Parada, Fiães e Arcipreste de Melgaço para a encorajarem e ajudarem a dinamizar. Faz uma breve resenha de cada um dos 4 mosteiros da rota, e diz que «a rota cisterciense do Alto Minho tem como grande objectivo dar visibilidade ao rico património antropológico, histórico, artístico e místico, bem assinalado nas povoações com conjuntos monacais. São ainda objectivos: 1) concretizar leituras multidisciplinares na Rota Cisterciense; 2) Reconhecer o valor dos conjuntos monacais no desenvolvimento do turismo cultural e religioso; 3) Lançar um olhar humanista e místico sobre 900 anos de História; 4) Dar um contributo para o Itinerário Cultural Europeu dos Caminhos de Cister; 5) Valorizar o legado 'Ora et Labora'; 6) Ligar o Vale do Lima ao Vale do Minho pela montanha, contribuindo para o seu desenvolvimento, 7) Fortalecer os laços transfronteiriços, tendo referências memoriais e registos raianos; 8) Constatar a existência de laços antigos entre os cistercienses do Alto Minho e Galiza». (pp. 138 e 139).

Não duvidamos em afirmar que este Boletim Cultural nº 9 devia estar na casa de todos os melgacenses e ser tido como de leitura obrigatória. Vale bem os 10 euros que custa. Difícilmente se consegue tanta e tão boa e interessante informação sobre a nossa terra por tão pouco preço.

Carlos Nuno Vaz

A pé de Melgaço até Faro para apoiar a Operação Nariz Vermelho

Teresa Martins começou a caminhada a 15 de Agosto e quer terminar a 3 de Outubro

Percorrer Portugal de Norte a Sul de Nariz Vermelho é o nome da campanha – cujo nome pode procurar na rede social Facebook e seguir a evolução da caminhada através das publicações diárias que a promotora da campanha vai fazendo – mas também do objectivo traçado que Teresa Martins quer levar a efeito em cerca de um mês e meio.

Natural de Benfica, Teresa tem já algumas iniciativas solidárias concretizadas, uma das quais para apoiar esta associação, mas agora o desafio tem a dimensão de um país. Em troca, não pede muito. Na página da PPL Causas, a campanha de crowdfunding “Portugal de Norte a Sul de Nariz Vermelho” tem estabelecido um objectivo de 1000 euros, a conseguir no prazo estabelecido para esta caminhada.

O montante angariado (que se espera superior ao estabelecido por Teresa Martins) apoiará a Operação Nariz Vermelho, uma IPSS cuja missão é “levar alegria à criança hospitalizada, aos seus familiares e profissionais de saúde, através da arte e imagem do Doutor Palhaço, de forma regular e com uma equipa de profissionais com formação específica. Neste momento a ONV garante visitas semanais gratuitas, durante 42 semanas por ano, a 13 hospitais num total de mais de 40 000 crianças abrangidas pelo programa”, transcreve a promotora da campanha na página de crowdfunding.

Inspirada pela aventura de Cheryl Strayed, uma rapariga que decidiu percorrer sozinha o caminho do Pacific Crest Trail, nos Estados Unidos da América, contada no livro “Wild”, e pelo livro

“Portugal a Pé”, de Nuno Ferreira, Teresa Martins lançou-se na sua própria aventura, a que acrescentou uma preocupação solidária para lhe suportar-lhe a coragem. “Essas histórias inspiraram-me bastante, gostava de fazer o mesmo, espero que corra tudo bem”, dizia em Melgaço, na véspera da partida.

A caminhada começou na madrugada de 15 de Agosto em Melgaço. Depois alguns dias em que pernitoitou nas instalações dos Bombeiros Voluntários de Melgaço. Enquanto se preparava para a sua própria campanha, ainda ajudou na organização de uma outra campanha desenvolvida a nível local, esta a favor da corporação de Bombeiros que a acolheu nestes dias.

Conta com o apoio das instituições locais a cada dia, esperando conseguir onde pernitoitar e será assim até Faro, se o corpo o permitir. “Só tenho receio de não conseguir, ter dores no corpo que não me permitam continuar”, confessa.

A preparação, foi a possível, mas serviu para corrigir alguns erros que poderiam sair-lhe caros. “Para me preparar fiz alguns trajectos em Lisboa, de Benfica a Cascais pela marginal, durante três dias. Foi uma boa preparação para perceber que tinha os sapatos errados e que tipo de material teria de usar”, nota.

Ainda antes de Agosto se despedir, Teresa Martins já tinha percorrido mais de 300 quilómetros e



reunido 65 por cento do objectivo proposto. Para atingir a sua meta, Teresa Martins vai passando a palavra, em entrevistas e no contacto dia-a-dia com as pessoas dos concelhos por onde vai passando e qualquer um, mesmo os menos confiantes nos métodos de pagamentos pela internet, podem apoiar esta causa, já que a página PPL Causas, indicará referências multi-banco e assim contribuir para esta causa através de um procedimento idêntico ao do pagamento da água ou electricidade.

Falta cerca de um mês para o fim da campanha “Portugal de Norte a Sul de Nariz Vermelho”. Se Teresa conseguir o montante mínimo estipulado para este projecto de crowdfunding, cumprem-se assim dois dos seus sonhos.

João Martinho

Das feiras para a construção e petróleo

Já nada me surpreende com os nossos políticos.

Devo dizer que nos comentários que tenho feito para este mensário livre, interessa-me essencialmente procurar a verdade, criticar aquilo que deve ser criticado, e denunciar os “esquemas” dos nossos políticos, sejam da direita ou de esquerda.

Para tal, é necessário e indispensável uma postura cívica, essencialmente quando se tem uma Carteira Profissional de Jornalista, “mister” que exercemos há mais de 40 anos, procurando com esse exercício contribuir para o bem da comunidade a que pertencemos.

Nunca pertenci, ou estive filiado em algum partido político, do mesmo modo que “abomino” os privilégios dos “maçons”, da “opus dei” e muito recentemente desses grupelhos que dão pela sigla LBGT., para arranjar empregos, assessorias e mais benesses, o que tem vindo a acontecer nos últimos anos.

E os outros?

Somos todos nós que apesar dos nossos protestos, nos “esfolam” para pagar os prejuízos dos bancos; somos todos aqueles que agora se tiverem mais de 50.000 mil euros no banco, vão ter as suas contas bancárias devassadas, para ver se fazem parte daqueles que fogem ao fisco e são traficantes! Eles, no governo sabem, quem são os traficantes de influências e fogem ao fisco, mas não actuam.

É vê-los, nos grandes Mercedes e BMW(s) topo de gama, com os vidros escurecidos para não serem vistos, a rodarem a altas velocidades quer de dia ou de noite, aos quais os diligentes agentes de segurança (GNR e PSP), também eles de óculos escuros, não têm a coragem de fazerem operações STOP!

É esta palavra STOP, que os nossos políticos deveriam ter em consideração por todos aqueles que acreditaram nas suas promessas, quando precisaram dos votos, para governarem.

Eles, é que se governaram e governam.

O caso mais recente de um líder de um partido político, que assumiu deixar de ser líder do partido a que pertencia para exercer funções como “consultor” em empresas privadas, e se desloca a Luanda, como representante desse mesmo partido –CDS–, com outro militante, ao congresso do MPLA, em Luanda, deixa muito a desejar. Uma pergunta que merece uma resposta aos militantes do partido: qual é o papel de Assunção Cristas? Lidera ou não lidera o partido?

Paulo Portas, disse que deixava de liderar o partido, já que iria mudar de vida. Claro que o mudar de vida, foi tratar dos interesses da Mota-Engil, e agora da Pemex (a nona maior petrolífera a nível mundial), o que não deixa de ser curioso, a ida ao congresso do MPLA, já que Angola, é também um dos maiores produtores de petróleo.

Não quero terminar este meu breve comentário, pois é da maior importância para o que foquei, em relação ao antigo líder do CDS. Trata-se da manchete do “Expresso”(20/08/16), onde na primeira página, a bastonária da Ordem dos Advogados, Elina Fraga, em entrevista ao dito semanário, tem a coragem de em poucas palavras, dizer muito: “Não há vontade política de perseguir os poderosos”.

Palavras certas, assim como o título da entrevista no seu interior, onde declara que: “Há advogados deputados que veem a AR como um centro de negócios”.

É uma entrevista de coragem, onde fala do ambiente judiciário, da demora das decisões pelos tribunais, do mapa judiciário, onde denuncia o que se passou, na AR, focando o “reforço da transparência exige que haja uma incompatibilidade do exercício da advocacia com a função de deputado”.

Tenho vindo nestas páginas a denunciar esta situação, pois a promiscuidade é muita, dentro “daquela casa” com o vergonhoso acumular de funções dos muitos deputados, com escritórios de advogados.

Não é a representação da democracia, mas sim a partidocracia mais escandalosa.

António Jorge Tavares, Jornalista
(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

VENDE-SE

Apartamento T4, com quintal, em Viana do Castelo, zona da Senhora da Agonia. Bom investimento para alugar a estudantes, com ou sem mobília.

89.500 euros

Tlm 939 449 182

SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO

TELEM. 969 065 676

Melgacense Padre Manuel Lima e 3 catequistas assassinados em 1982, a caminho dos altares

Foi no jornal de Junho «A Voz da Missão» que vimos a notícia redigida pelo padre Aníbal Morgado, dando conta de que o bispo de Viana, em Angola, tinha sugerido na celebração de 4 de Fevereiro deste ano, promover entre os fiéis da diocese o conhecimento da vida do Padre Manuel Lima e seus três companheiros, assassinados quando se dirigiam para uma missão com a finalidade de ensinar a catequeses.

Pusemo-nos em campo, e depois de várias tentativas e ajudas, conseguimos que o senhor bispo, D. Joaquim Lopes, nos enviasse documentação sobre o processo que tem de ser instruído, a fim de ser enviado à Santa Sé, tendo em vista a possível declaração das suas virtudes e heroicidade até ao martírio. O primeiro passo é ser declarado venerável. Depois, de se confirmar ao menos um milagre e todo o processo estiver bem documentado, será declarado beato. Por fim, se houver ao menos mais um milagre, poderá vir a ser declarado oficialmente santo e mártir da Igreja.

No nosso jornal de 15 de Fevereiro de 1982, encontramos uma primeira notícia da sua morte, escrita pelo correspondente em Chaviães, o falecido António Reinales, com data de 10 de Fevereiro. O Padre Manuel Lima, filho do conhecido Armindo Lima, de Chaviães, tinha sido morto em 3 de Fevereiro, quando, na paróquia de Viana, a pouco mais de 100 kl de Luanda, se dirigia com mais leigos em missão de apostolado a uma das comunidades da paróquia. Com ele, foram mortos mais três: a Maria do Carmo, de 22 anos; a Maria Adriano, de 29 anos, mãe de cinco filhos e o Joveta Paulino, de apenas 17 anos.

A que então era paróquia de Viana é, desde 2007, Diocese de Viana. É feliz a coincidência de nome entre a diocese a que pertence Melgaço – Viana – e a que desde há pouco é também diocese em Angola, exactamente com o mesmo nome: Viana.

Além da notícia de 15 de Fevereiro, encontramos outra em 15 de Março, dando conta de uma missa presidida pelo arcebispo de Braga, D. Eurico Nogueira, que tinha sido bispo em Moçambique e também em Angola, celebrada na igreja da Senhora-a-Branca, a que se associara, os sacerdotes ee Melgaço residentes em Braga: Cónego António Luís Vaz, Padre Júlio Vaz, Doutor José Marques, padres António Domingues, Manuel Lobato e António Luís Esteves, e ainda os padres Carlos Nuno e irmão padre Júlio, tendo-se juntado também o senhor padre Custódio, que tinha sido pároco de Paços e estava

naquele momento na paróquia de Rendufinho, na Póvoa de Lanhoso.

Nas palavras do arcebispo Dom Eurico há algo de profético: «... não foi o bom povo de Angola que cometeu o crime, mas o ódio de alguns», tendo cantado as glórias do martírio cristão.

Precisamente para convocar todo o povo da diocese de Viana, cuja população católica anda pelos 200.000 entre os 575.000 habitantes, escreveu Dom Joaquim Lopes a Nota Pastoral de 26 de Fevereiro do ano em curso. Começa assim: «Como já é do conhecimento de toda a nossa Diocese, decidimos começar a preparar o processo de beatificação dos quatro missionários diocesanos que aos 03 de Fevereiro de 1982 sofreram o martírio mesmo às portas da cidade de Viana. São conhecidos entre nós por: padre Lima e Companheiros. Acerca deles já falámos e falaremos muitas vezes ainda e, por isso, teremos oportunidade de os conhecer um a um, assim como a história do seu martírio».

A carta pastoral tem 10 páginas. Procura explicar bem o significado da palavra «mártir», essencialmente é-o quem testemunha o Boa Nova de Jesus Cristo até ao derramamento do próprio sangue. Fala do martírio como uma graça de Deus, tendo como elementos essenciais: a) ser sinal de um amor maior; b)Seguimento enamorado de Cristo; c) Dom da sua vida; d) A verdade do Evangelho pregado e anunciado, e) Reconhecido pelo povo de Deus; f) Confirmado pela igreja.

Acrescenta: «... iremos escrever posteriormente muito mais sobre os nossos irmãos que consideramos terem dado testemunho da sua vida derramando o seu sangue por Cristo e o Evangelho e publicar pagelas (santinhos) com uma oração oficialmente aprovada pelo Bispo Diocesano. Podemos pedir ao Senhor que estes que queremos considerar mártires, se essa é a vontade de Deus, manifestem por meio de alguma intervenção celeste a sua solidariedade espiritual connosco através de algum milagre ou graça em nosso favor. Mas não podemos prestar-lhes culto de qualquer espécie. Devemos rezar também à Virgem Maria, a Rainha dos Mártires, para que nos acompanhe com a sua protecção materna neste processo e que ele chegue um dia a bom termo».

A carta pastoral termina assim: «Que os nossos mártires que, lá do Céu, junto do trono de Deus, nos acompanham, intercedam por nós para que o seu sangue, feito semente de novos cristãos, continue a fazer produzir a seara do Senhor com novos filhos para o Reino de Deus nesta diocese de Viana».



P.º MANUEL ARMINDO LIMA



CARMITA



MARIA ADRIANO



JOVETA PAULINO

O padre Lima foi ordenado sacerdote em 1963. Foi missionário em Moçambique de 1963 a 1975. De 1976 a 1981 foi formador nos seminários de Cernache e Tomar. Em 28 de Novembro de 1981 partiu para Angola. Dois meses depois era martirizado.

Publicamos em lugar próprio um depoimento do padre Manuel António Barbosa Moreira, pároco em várias paróquias de Paredes de Coura, onde relata uma graça recebida e que atribui à intercessão do padre Lima. Sabemos de uma senhora que de há muito dá o testemunho em reuniões de apostolado em que participa de que a pessoa que mais a influenciou positivamente na prática da vida cristã foi precisamente o Padre Lima. Passados 33 anos sobre a sua morte, continua a dar o mesmo testemunho.

Aos nossos leitores, sobretudo aos de Chaviães, mas também a todos os outros, entregamos esta

causa, porque é uma verdadeira causa de Deus, assim o cremos. O êxito da mesma depende muito das nossas orações e da nossa perseverança em pedir e em comunicar as graças recebidas, se se der o caso. Só assim a diocese poderá instruir devidamente o processo a enviar a Roma para seguir os trâmites normais de quem é proposto para ser declarado venerável, depois beato, e por fim santo.

Carlos Nuno

Oração pela Beatificação dos Mártires da Diocese de Viana

Senhor nosso Deus, que concedestes aos mártires de todos os tempos a força para sofrerem o martírio pelo nome de Cristo, concedei-nos

a graça de um dia podermos venerar como mártires da diocese de Viana o P.e Manuel Lima e companheiros: Maria Adriano, Camila e Joveta que derramaram o seu sangue pelo anúncio do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Concedei a todos quantos rezarem esta oração as graças que Vos pedem por intercessão dos vossos mártires (- ter presente a graça que se pretende pedir) - que morreram gloriosamente vertendo o seu sangue para confessar com valentia a ressurreição do vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. Amen!

Com aprovação eclesial

Joaquim Ferreira Lopes
Bispo de Viana

Um testemunho miraculoso

Recebo muitas revistas, embora não tenha tempo de as ler todas. Aqui há anos, chega no correio uma revista missionária. Abro o saco e eis que do meio da revista sai um desdobrável com uma notícia e uma foto. A notícia era horrorosa. A caminho da Missão de que ia tomar posse, um missionário fora assassinado. A missão ia ficar vazia. Fiquei chocado, mas mais ainda, porque o jovem missionário era do Alto Minho – terra que prezo muito e de Melgaço, vizinho da minha naturalidade. Coloquei devotamente a foto do padre mártir em lugar visível do meu escritório. Tinha então entre mãos um problema burocrático de difícil resolução, porque relacionado com a Segurança Social Brasileira, onde estava o processo dos direitos de pessoa de família recentemente falecida – o meu pai e dos direitos de aposentação relacionados com a minha mãe. Já recorrera a muitos expedientes e nada resultou. Rezei de forma simples como quem fala a um amigo para a resolução do problema, voltado para foto do padre Lima que já estava no céu. Tinha um contacto telefónico de Brasília. Fui “tentado”, depois da primeira prece, que ia repetindo sempre que entrava no escritório, a continuar em prece simples e amiga. Um dia liguei para Brasília – não havia ainda ligações fáceis, como hoje. Consegui ligação, fiz o contacto, expus o problema, dei coordenadas. – Vou procurar e ligo sexta, respondeu uma voz masculina do outro lado. – Daí a dez minutos, após mais uma prece, o telefone tocou: – Já encontrei! Vou agilizar as coisas. Sua mãe terá os seus direitos!. Passaram seis meses e a reforma chegou, com retroativos, e depois regularmente até a minha mãe partir, também ela para a companhia dos justos, onde está o Padre Lima, a quem daqui, mais uma vez, lhe agradeço esta graça.

Padre Barbosa Moreira
Bico, Paredes de Coura

A opção europeia de Portugal 30 anos no seio da CEE/UE

Transcorridos trinta anos desde a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) e ao projeto europeu subjacente, é nosso propósito com este texto, recuar à segunda metade da década de 70 do século XX, para reencontrarmos um país que havia saído da revolução de abril e das transformações daí resultantes, destacando-se neste domínio, o tortuoso processo de democratização do país consubstanciado na aprovação da Constituição de 1976, no despontar do poder local e das autonomias insulares da Madeira e dos Açores e, ainda, no conturbado processo de descolonização subsequente.

A Revolução dos Cravos de 1974 acarretou a Portugal profundas mutações políticas, económicas, sociais e culturais. A procura de uma nova identidade e de um lugar nos teatros europeus e internacionais passaram a estar no centro das preocupações das forças político-económicas do país, ultrapassadas as tensões políticas, os egoísmos partidários e sociais decorrentes dessa revolução.

É de registar que a descolonização e a opção pró-europeísta fomentaram uma produção ideológica significativa por parte dos intelectuais, refletindo sobre o seu impacto na identidade nacional. A emergência da CEE como perspectiva positiva para a sociedade portuguesa foi, no entanto, um processo lento e, inicialmente, reduzido às elites.

O fim da asfixia provocada pela vigência do Estado Novo, que perdurara cerca de quatro décadas, e do isolamento internacional a que tinha sido votado o país, permitia com a apregoada «opção europeia» constituir a alavanca para que se procedesse a uma verdadeira *refundação do país*, parafraseando o historiador Rui Ramos. Não será de mais lembrar os esforços cometidos para a preparação e posterior integração de Portugal na CEE de figuras da dimensão de Mário Soares (PS), Sá Carneiro (PSD) ou Freitas do Amaral (CDS), entre outras que marcaram o arco constitucional.

Apesar deste desígnio que algumas forças político-partidárias proclamavam, emergiam na sociedade portuguesa algumas indecisões sobre o rumo que o *novo* Portugal deveria tomar, centrando-se estas divergências em torno de duas dimensões, na europeia e na atlântica. Concretamente, a questão era saber se Portugal deveria assumir a sua condição de país europeu, cumprindo-se não só os antecedentes históricos e políticos como também a geografia territorial, integrando a CEE, ou ao invés assumir uma herança atlântica e

privilegiar as relações com a comunidade lusófona, recém-emancipada do domínio colonial português no âmbito do processo de descolonização. Os opositores da integração de Portugal no quadro da CEE consideravam errada esta opção, na medida em que para estes a CEE constituía uma entidade supranacional e um baluarte capitalista. Advogavam, ao contrário, uma aliança atlântica, que colocasse a tónica no estreitamento de laços com o mundo lusófono, porque imbuídos de um histórico saudosismo imperial.

As duas posições foram largamente debatidas e mobilizaram argumentos de natureza diversa na defesa das suas teses. Os defensores da inserção dos portugueses na CEE e num espaço europeu cada vez mais alargado e competitivo, convergiam numa dupla necessidade, que assentava na reconstrução política e económica do país.

Em relação à primeira necessidade, de carácter eminentemente político, Portugal orientar-se-ia por uma via de consolidação do seu regime político (Tratado de Roma), enraizando o sistema democrático-pluripartidário e impulsionando, ainda, uma estabilidade governativa que urgia assegurar. À jovem democracia portuguesa interessava integrar um espaço político-institucional que garantisse/proporcionasse segurança no sudoeste da Europa, desiderato igualmente extensivo a Espanha. Coincidentemente, à Europa política da época também importava espriar-se para sul e lançar uma lança em África, nomeadamente nos países de Língua Portuguesa. A situação geoestratégica de Portugal era, neste sentido, um dos elementos que as entidades europeias não poderiam descurar.

No que respeita à segunda dimensão, de natureza económica, era imperioso encontrar uma alternativa à falência do modelo económico fechado e autárcico do Estado Novo, preencher o vazio deixado pela descolonização (fim do Império) e pelo esgotamento da EFTA (1960, entidade desmembrada pelas sucessivas adesões à CEE) e, sobretudo, era indispensável substituir as infraestruturas arcaicas e obsoletas que ainda persistiam. A modernização e o desenvolvimento da rede viária do país, a abertura internacional da economia portuguesa através de uma interpenetração com economias mais desenvolvidas, o acesso aos fundos comunitários destinados à reconversão dos diferentes setores da economia e à correção das assimetrias regionais, o crescimento do produto interno bruto, a diminuição do défice da balança comercial,

a redução da taxa de desemprego, a melhoria de índices na área do ensino, o melhor apetrechamento dos recursos humanos e técnicos, entre outros aspetos, constituíram fatores imprescindíveis para a nossa adesão às Comunidades Europeias, e que se sobreporiam às dificuldades que este processo acarretaria.

Os trâmites da candidatura formal centraram-se em dois momentos fundamentais. O primeiro sob a responsabilidade do então primeiro-ministro Mário Soares, infatigável defensor da integração de Portugal na família europeia. O segundo momento materializa um percurso de negociações intensas com as Comunidades que perdurou 8 anos, tendo resultado na assinatura do Tratado de Adesão nos velhos claustros do Mosteiro dos Jerónimos (Figura 2), emblematicamente escolhido para ilustrar um dos monumentos que simbolizam o período áureo da nossa história, a época dos descobrimentos.

Elencaremos, de seguida, alguns dos momentos mais significativos do processo negocial entre Portugal e as instâncias europeias. O pedido formal para a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia concretizou-se em 11 de março de 1977, quando Mário Soares, Primeiro-Ministro do I Governo Constitucional, no âmbito de um encontro com a Comissão em Bruxelas, profere uma alocução, cujo excerto aproveitamos para destacar: *“em primeiro lugar desafio para Portugal, pois não ignoramos de modo algum as nossas fraquezas nem as nossas atuais dificuldades. Desafio também para a Europa, pois, ao bater-lhe à porta, sentimos que exprimimos a dimensão europeia das mudanças políticas e sociais ocorridas ou em curso no Sul da Europa. Ignorar esta realidade nova só iria aumentar as diferenças que separam ainda, em termos económicos, esta Europa do sul da Europa do norte, com todos os perigos de desintegração e de rutura para a Europa, a longo prazo.”* Na sequência deste discurso, com uma referência clara ao peso das responsabilidades acrescidas para Portugal, a Comissão Europeia pronunciou-se favoravelmente à adesão de Portugal.

Em 28 de Março de 1977 Mário Soares entregou formal e solenemente o pedido de adesão de Portugal às Comunidades Europeias. Registe-se, a propósito, que na segunda metade da década de setenta, aumentava o número de portugueses que se aventuravam na emigração europeia, aliado ao aumento do volume do comércio com a CEE.

Seguidamente, o governo encetou negociações para receber aju-

das de pré-adesão, materializando-se em *“projetos ou programas de melhoramentos das estruturas industriais, modernização dos sectores agrícola e das pescas e desenvolvimento de infraestruturas*, tal como se pode atestar pela análise da documentação disponível. Subjacente a esta aceitação favorável à entrada a Portugal numa entidade supranacional, à vizinha Espanha interessavam também os desígnios do fortalecimento da paz e da liberdade no espaço europeu. Saliente-se, ainda, a importância que a Espanha assumiu no quadro dos destinos das nossas exportações, tendo-se assistido a um aumento do volume das exportações para Espanha.

18 de Dezembro de 1980 - Aprova-se o acordo relativo a uma ajuda de pré-adesão para Portugal, correspondente a 100 milhões de ecus, destinada a projetos ou programas de melhoramentos das estruturas industriais, modernização dos sectores agrícola e das pescas e desenvolvimento de infraestruturas.

31 de Maio de 1985 - A Comissão Europeia emite um parecer ao Conselho favorável à adesão, considerando que o alargamento das Comunidades a Espanha e Portugal contribuirá decisivamente para potenciar a riqueza e a diversidade cultural dos seus membros.

11 de Junho de 1985 - O Conselho decide que Espanha e Portugal podem tornar-se membros da CECA e aceita os pedidos de admissão à CEE e à EURATOM.

12 de Junho de 1985 - O dia decisivo para Portugal, um dia que marca o corolário do processo negocial depois de tantos avanços e recuos nas conversações. Mário Soares, Rui Machete, Jaime Gama e Ernâni Lopes assinam o tratado de adesão da República portuguesa à CEE e à Comunidade Europeia da Energia Atómica (CEEAA), em Lisboa. Portugal torna-se o



Figura 1. New Look, caricatura de António alusiva à integração de Portugal na CEE.

11º membro das Comunidades. A assinatura do tratado de adesão à Comunidade Económica Europeia apresentava-se, à data, como a linha divisória que separava o país velho do país novo. Por outras palavras, separava o passado do futuro. No âmbito dessa cerimónia solene transcrevemos (Texto A), um excerto do discurso de Mário Soares, que testemunha a dimensão do feito alcançado por um país que, depois da revolução e da instabilidade político-militar posterior, tinha semeado as raízes da democracia e almejava usufruir plenamente dos mecanismos de consolidação do projeto comunitário.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- MATTOSO, José (dir.), 1993, *História de Portugal*, vol. nº VIII, Lisboa, Círculo de Leitores.
- PINTO, António Costa, 2001, *O Fim do Império Português*, Lisboa, Livros Horizonte.
- PIRES, Francisco Lucas, 1992, *O que é a Europa*, Lisboa, Difusão Cultural.
- RAMOS, Rui (coord.), 2009, *História de Portugal*, vol. nº VIII, Expresso, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- www.eurocid.pt
- Expresso, 15 de junho de 1985.

Filipe José Marcelino Meleiro

Continua na pág. seguinte



Figura 2. No cenário do claustro do Mosteiro dos Jerónimos, o primeiro-ministro, Mário Soares, discursa após a assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à CEE em 12 de Junho de 1985.

História do Angelino

>> CAPÍTULO X

Ultrapassados por milagre, todos os obstáculos por doenças, contrariedades e esforços em querer trabalhar para ajudar a família, relatados na primeira parte desta história, o Angelino tinha agora dezanove anos. Arranjou namoro com uma bonita menina de Além Rio, filha do Sr. Manuel Soares. O namora estava ficando pegado a ponto de já acontecerem beijos. Os beijos foram apreciados por alguém que foi contar à mãe do Angelino. Naquela época, naquele lugar, beijos era algo de comprometedor. A dona Palmira, achando que o filho fora longe demais nos carinhos com a namorada, num arroubo de moralidade, deu uma bofetada no rosto do filho, como castigo. O que mais custou ao Angelino foi a masculinidade ferida e desafiou a mãe a bater na outra face para o rosto ficar igual. Espicaçando-a, perguntou-lhe então porque se casara tão cedo. Ele já era um homem e exigia ser respeitado. A partir daquele momento ficou uma velada animosidade entre mãe e filho, que se tornou mais agressiva tempos depois. Sempre querendo melhorar de vida e com certo tino para negócios, cismou o Angelino em se tornar comerciante, que seria uma vida menos tormentosa da que tivera até ali. Soube que estava para vender a loja na Vila, junto ao café. Era tudo o que ele queria. Inteligente, honesto, demonstrando muita garra, bem-falante, conseguiu a promessa de um empréstimo de vinte contos (vinte mil escudos), quase uma fortuna para a época, na Caixa Geral de Depósitos, apenas dependia de fiadores. Fa-

lou com os pais para serem os avalistas. A mãe, prontamente, disse que por ela não tinha negócio. O pai ficou calado. A revolta íntima do Angelino foi grande, muito grande. Jamais poderia esperar uma atitude daquelas da parte dos pais. Deu tratos aos pensamentos de como reverter aquela situação de frustração. Lembrou-se do tio do Brasil e escreveu-lhe. A resposta foi a carta de chamada. Rapidamente resolveu todos os trâmites burocráticos e viajou para a nova terra, carregando muito afecto e amor familiar, disfarçado em rancor.

No Brasil teve as dificuldades iniciais que todos tinham, mas graças à sua inteligência, garra e honestidade, foi progredindo. De quanto ganhava mandava parte para os pais. Ponderou sobre a sua vida, desde que nascera, em situação precária com risco de vida para si e para sua mãe, acidentado inúmeras vezes e sofrendo de fraqueza dos ossos até aos quinze anos, dera muito trabalho aos pais em constantes dificuldades financeiras.

À medida que ia progredindo na vida, já casado com uma formosa descendente de franceses, chamada Suzanne, que muito o ajudava nos negócios, estabelecido no ramo calçadista, cada vez mais ajudava a família em Portugal. Ajudou os pais e todos os irmãos, inclusive pagando os estudos para o mais novo se formar, até ajudando o cunhado, marido da irmã Maria Rosa.

* * *

Pessoa dinâmica, sempre envolvido no meio social onde se insere, não aceitava erros das

autoridades perpetrados no seu bairro. Várias vezes foi recebido pelo Governador do Estado e sua opinião era acatada. O Bairro do Estácio tinha na figura do Angelino um atento guardião. Nunca descuro a parte religiosa pois reconhecia os milagres que aconteceram na sua atribulada juventude. Católico praticante filiou-se à Irmandade do Divino Espírito Santo, onde desempenhou vários cargos. Até no desempenho das actividades da irmandade, o seu sentido de razão e honestidade se fizeram sentir. Chegou a ter vários desentendimentos com membros da Diocese. Uma vez, arreliado com a injustiça feita ao padre da paróquia por questão pecuniária em favor de outro padre, o Angelino, responsabilizando-se com o taxista com quem viajava, mandou que rebentasse a cerca que impedia a passagem e invadiu a área da Diocese. Aos membros que o interpelaram pelo acto, vociferou todos os argumentos que tinha contra eles. Acharam por bem dar-lhe razão e ficar o dito por não dito. O seu amor por Portugal divide o carinho que tem pelo Brasil.

Associado de várias casas regionais portuguesas, e outras associações, durante anos foi, e é, membro da Obra Portuguesa de Assistência, onde presta relevantes serviços.

Senhor Angelino, as bênçãos que o Criador lhe tem proporcionado, por favor, reparta-as connosco. Obrigado pela sua amizade!

Campinas SP

1 de Novembro de 2015

Manuel Félix Igrejas

Continuação da pág. anterior



Figura 3. Um dos cartazes expostos depois da assinatura do tratado de adesão, ao lado de um bairro de lata.

Texto A

A Europa das Comunidades, para nós, não será tão-só um mercado comum de bens e de serviços, vemo-la como um espaço de liberdade, de respeito pelos direitos do Homem e de humanismo, mas também como uma entidade política, autónoma e coesa a que competirá uma ação de liderança moderadora na cena internacional em favor da paz. A vocação para o diálogo Norte-Sul que a Comunidade Europeia já possuía fica agora grandemente reforçada com a entrada de Portugal e de Espanha, países cuja história foi tecida no contacto com povos e civilizações de outros continentes que tanto contribuíram para a difusão dos valores europeus no mundo e cujos idiomas são hoje falados por cerca de 400 milhões de seres humanos. Portugal, para quem os laços de fraternidade com os países africanos de expressão portuguesa e com o Brasil revestem primordial importância, está certo de que a sua entrada na CEE contribuirá para criar um novo dinamismo de cooperação da Europa comunitária com a África e com a América Latina.

Excerto do discurso de Mário Soares por ocasião da assinatura do Tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias (12 de junho de 1985)

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Horizontais: 1. Gracejar, composição poética, ferro combinado com carbono; 2. Círculos, levantar; 3. Estimado, rio português; 4. Parecência, modo; 5. Governanta, astro; 6. Contemplar, mentira; 7. Ocidente, apertar; 8. Batráquio, grande massa; 9. Cantiga, bolsa (inv.); 10. Consoantes dobradas, aqui; 11. Deus Grego, anel, nota musical.
Verticais: 1. Estirpe, residir; 2. Irritar, erguer; 3. Multidão, pedra altar, cólera; 4. Único, advérbio, atmosfera; 5. Círculo; 6. Ente supremo, prezar; 7. Tempero; 8. Símbolo químico alumínio, mas, Antes Cisto; 9. Naquela lugar, liga agrária católica, moradia; 10. Leito, folhagem; 11. Suplicar, perfume.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras encontra na horizontal e na vertical a expressão: "Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz do vosso rosto"

A	S	F	A	Z	E	I	A	S	D
P	D	S	O	B	R	E	F	G	H
A	F	F	Y	R	X	N	J	K	L
O	Z	U	I	I	C	M	C	O	D
L	X	C	V	L	V	J	V	H	J
U	Q	R	T	H	B	I	C	S	Y
Z	U	I	O	A	O	T	S	O	R
P	A	Z	X	R	D	B	V	N	T
V	R	O	H	N	E	S	B	N	U
T	H	J	K	O	V	O	S	S	O

PROBLEMA

No tracejado indicar nomes de Aves

----- S ____
 -- A -----
 B -----
 -- O ----
 -- R ---
 -- E ---
 -- S ---
 --- D -----
 -- E -----
 M -----
 -- E ---
 --- L -----
 -- G ---
 --- A -----
 --- C -----
 -- O -----

CHARADAS

Combinadas

___ + TA = Busca
 ___ + MA = Fenda
 ___ + NO = Prejuízo
 ___ + MO = Pessoa astuciosa

Conceito: Amor ao próximo

Saltitantes

12345 = perfume
 12453 = Jogo dianteiro carretas artilharia
 14325 = Fruto Silvestre
 45231 = Serra Portuguesa

Quadrado

 = Redundar
 = Nome próprio
 = Enfiada
 = Mentira
 = Arrulhar

Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo

PROBLEMA: Estanho - Volfrâmio - Cobre - Azoto - Rádio - Ferro - Chumbo

Saltitantes: Arma - Arma - Arma - Arma - Arma - Arma - Arma - Arma

Quadrado: Parar - Arma - Ramal - Arara - Rolar

CHARADAS Combinadas: CA + RI + DA + DE = CARIDADE

O	S	S	O	V	K	O	J	H	T
U	N	B	S	E	N	E	R	O	H
T	N	V	D	B	R	X	Z	A	P
R	S	O	T	S	O	A	I	O	Z
Y	S	I	C	B	H	T	U	Q	R
J	H	V	J	V	L	C	X	L	
D	O	C	M	C	I	I	U	Z	O
L	K	L	X	N	J	R	F	F	A
H	G	H	F	G	H	F	G	H	P
D	S	O	B	R	E	S	O	B	R
A	S	F	A	Z	E	I	A	S	D

11	P	A	R	A	R	A	R	A	R	A
10	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
9	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
8	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
7	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
6	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
5	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
4	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
3	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
2	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A
1	R	A	R	A	R	A	R	A	R	A

S O L U Ç Õ E S

As Cordilheiras do Cáucaso: ENTRE A EUROPA E A ÁSIA (I)

Os habitantes de Portugal, encaixado no extremo ocidental da Europa, onde a variedade das paisagens e a leveza do clima nos conforta e aconchega, sabem bem onde se encontram os Pirinéus, a definir bem o território a Península Ibérica.

Consciencializamos bem ainda na memória a presença mais longínqua dos Alpes, entre a França, a Suíça, a Itália e a Áustria, com a fasquia de altitudes ao nível dos 4000 m como a mais imponente e elevada cadeia de montanhas da Europa. Como não havíamos de os memorizar se vêm citados na história europeia desde as invasões dos bárbaros às guerras napoleónicas, e hoje enchem cartazes turísticos com a sua beleza e desafios para vencer picos e dificuldades aos povos da planície ou de menores altitudes europeias?

Se continuarmos em pensamento a percorrer a Europa sempre para o lado onde nasce o Sol, consciencializamos as barreiras de montanhas que vamos encontrando pelo caminho mais para leste: encontramos as extensas cadeias de montanhas dos Balcãs, a abranger toda a região sudeste da Europa, da Grécia a todos os países da ex-Jugoslávia, e ainda a Bulgária e a Roménia. Mas a seguir, sempre para Oriente vêm a longuíssima cadeia dos Cárpatos mas com altitudes que não ultrapassam os 2500m.

Verdadeiramente a separar a Europa da Ásia encontram-se mais a N entre a Rússia e a Sibéria os longos mas suaves Montes Urais. Mas mais a Sul, aparecem as imponentíssimas e extensas cordilheiras do Cáucaso entre o Mar Negro e o Mar Cáspio que ultrapassam em extensão e altitudes todas as outras cordilheiras da Europa.

Para nós estão tão distantes que nebulosamente pertencem apenas à memória de nomes geográficos que retemos. Imponentíssimos e belíssimos, com muitos picos acima dos 5000m, ultrapassam em altitude todas as cadeias de montanhas da Europa. Alguns dos países que neles se encontram dizem-nos pouco: Arménia, Geórgia, Afeganistão, Nagorno-Karabakh, abrangendo ainda a zona meridional da actual Rússia.

Uma zona primordial nas civilizações que abrigou ou preservou, nas suas características de dificuldades que modela grupos humanos que se conservaram isolados e hoje permitem perceber as múltiplas formas de nos adaptarmos e compreender a Natureza.

HERÓDOTO O primeiro a descrever o Cáucaso

O Cáucaso, Incluído na zona de influência das antigas civilizações da Mesopotâmia, foi descrito pela primeira vez por Heródoto, um grego ilustre e o primeiro historiador do mundo ocidental.

No princípio da era cristã, os povos da região foram dominados pelos arménios e depois pelos romanos. No século IV a região ocupada pela Arménia, adoptou o cristianismo como religião, mas posteriormente vários núcleos meridionais foram islamizados por influência dos otomanos que então dominaram a região.

Do século IV ao século XIV, o Cáucaso foi um dos caminhos dos povos que, procedentes da Ásia, invadiram sucessivamente o próximo Oriente e a Europa: hunos,

persas, árabes, mongóis e turcos. A insegurança que havia na região provocou então a migração de importantes grupos humanos que procuraram refúgio nas montanhas, onde puderam criar comunidades fechadas, com cultura e língua próprias: os povos do Cáucaso.

O número de dialectos e línguas que se desenvolveram nessas comunidades isoladas levaram a chamar ao Cáucaso a região das mil línguas. Na verdade os dialectos nas comunidades são imensos. Nos países actualmente constituídos há uma língua unificadora mas por vezes os têm alfabetos com desenhos muito próprios, como na Arménia e na Geórgia.

Vamos descrever algumas perspectivas colhidas numa recente viagem realizada na parte mais a sul do Cáucaso que abrangeu a Arménia, uma parte da Geórgia e ainda um surpreendente percurso pelo Nagorno Karabakh, um país que não existe...

ARMÉNIA

Entramos por Yerevan, a tranquila capital deste país, com muitas esplanadas ao ar livre, cheias de movimento, de dia ou já de noite, com famílias inteiras, grupos de jovens, poucos estrangeiros. Algumas com toldos enormes e sofás... E o movimento nocturno pelo menos em meses de verão é uma animação. Repuxos iluminados movem-se ao compasso da música, distraem e agregam as famílias que se passeiam ao serão pelo centro de Yerevan.

De dia como pano de fundo no horizonte aparece o belíssimo Monte Ararat, com as neves eternas no seu cume a mais de 5000m e sempre a mudar de tonalidade conforme a hora do dia. Aqui a cordilheira do Cáucaso num quadro belíssimo e mais singular. Ou não fosse neste monte que poisou a Arca de Noé, segundo a tradição bíblica, e da qual se conserva um pedaço de madeira, dito de origem, no Museu de Arte Sacra em Echmiadzin, a cidade sede da cúpula da Igreja Apostólica Arménia, a 20 km de Yerevan.

A Arménia foi o primeiro país em todo o mundo, a ter o cristianismo como religião do estado no ano de 301, com a conversão do Rei Tiridates III, após a sua cura por S. Gregório, o Iluminador, que estivera encarcerado num poço infestado de serpentes durante 12 anos. Desci a esse cárcere, agora visitável, situado junto ao Mosteiro de Khor Virap, junto à fronteira mais a sul da actual Arménia, donde se avista bem perto o Monte Ararat, agora em



Escada vertical de acesso à cela escavada junto ao Mosteiro de Khor Virap onde S. Gregório, O Iluminador terá estado encarcerado.

território turco. Os historiadores preferem a versão de que o rei lutava para ultrapassar a doutrina dos seguidores de Zoroastro por um lado, e da mitologia pagã de Roma por outro que terá favorecido a atmosfera propícia para abraçar com grande determinação a mensagem cristã. Seja como for uma grande sustentabilidade dessa escolha resultou no início do século V com a revolucionária invenção do monge Mesrop Mashtots, que criou o alfabeto arménio único no mundo que sentiu a necessidade premente de escrever os textos sagrados de forma a manter a doutrina cristã fixada pela escrita.

A quantidade de manuscritos medievais em língua arménia em Yerevan é impressionante e ocupam um edifício próprio, o Mate-nadaran, edifício que guarda mais de 17.000 manuscritos em arménio, e mais de 100.000 documentos medievais e modernos.

Os milhares de anos de história da Arménia incluem fases de independência e de expansão, com ocupações intercalares de gregos, de romanos, de persas, de bizantinos, invasões por mongóis, domínios árabes, turcos otomanos e soviéticos.

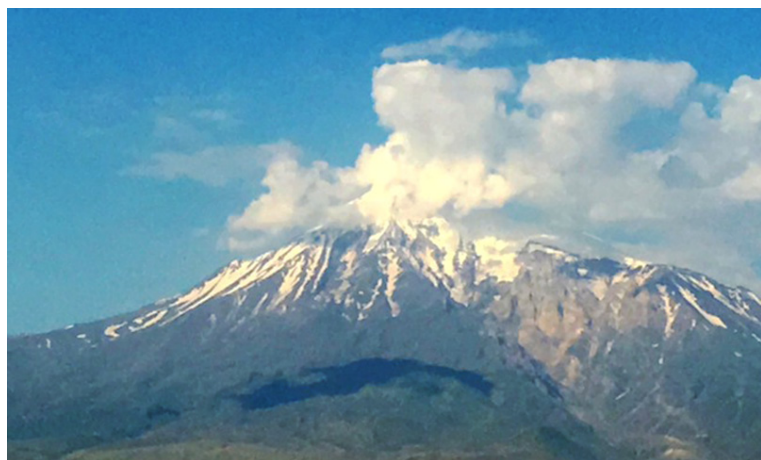
A sua extensão como país já foi dez vezes maior. A cidade de Ani, hoje em ruínas, hoje em território turco perto da fronteira com a Arménia, foi a importante capital medieval da Arménia. Designada por "a cidade das mil e uma igrejas," com uma população de 200.000 habitantes, rivalizava com Constantinopla, Bagdad e Damasco.

Os mosteiros na Arménia são inúmeros e situam-se em pontos altos que convidam ao isolamento e à meditação.

* * *

Para a cordilheira enorme do Cáucaso, com identidades muito próprias, continuaremos a prestar a nossa atenção num próximo texto.

M. J. Lobo
Agosto de 2016



Monte Ararat, incluído na Cordilheira do Cáucaso, junto à fronteira entre a Arménia e a Turquia.



Khor Virap, nas Montanhas do Cáucaso em território arménio.



Mercado de Yerevan: mercado, secção de venda dos deliciosos frutos secos. Um primor de embalagens e de paladar. Tudo biológico.

VIAGENS NESTA NOSSA TERRA

Estórias de uma morgada em Castro Laboreiro

No jornal "Diário Ilustrado", na sua edição de 10 de Julho de 1886, encontramos uma bonita passagem do romance "A Guerra das Carolinas". A personagem principal, a Morgada do Pico, estabelece-se em Castro Laboreiro à procura de um reencontro consigo própria, no meio da paz que as terras castrejas lhe poderiam oferecer. Entretanto, deixa-se encantar pelas terras do Laboreiro e pelas gentes locais.

"Uma tarde, a morgada do Pico, havia dois dias hospedada numa choça de Castro Laboreiro, saiu a pé através das asprezas da serra.

O escabroso do solo dava ao cavalo da intrépida amazona um sueto forçado. Relâmpago descansava, se bem que, parecendo dispor de músculos de aço, não precisasse de descanso. Notavelmente inteligente e dedicado, aquele cavalo parecia preferir a morte a ter que ser abandonado algum dia pela gentil dama a cujos caprichos obedecia cegamente lançando-se por despenhadeiros que o obrigavam a prodígios de equilíbrio.

A morgada compreendia a dedicação de Relâmpago, que ela aflagava de vez em quando, como para premiar-lhe a canseira, e que ela pensava por sua própria mão solitamente. Nunca o Relâmpago tivera umas férias tão longas, de quarenta e oito horas apenas.

Mas o aspecto montanhoso de Castro Laboreiro, a solidão agreste da serra, a rusticidade quase primitiva dos seus habitantes tinham conseguido demorar por dois dias essa infatigável écuyere para quem a equitação se tornara um hábito e a solidão uma necessidade.

Longe do mundo, entre gente inteiramente indiferente e desconhecida, a morgada do Pico podia respirar ali livremente, furtar-se a olhares curiosos, a perguntas impertinentes. Uma vez ia sentar-se junto às muralhas do castelo, quase sempre coroado de névoas, porque é húmido e frio o clima. A aridez do panorama, em que o arvoredado escasseia, achando-se a cultura reduzida a pequenas searas, harmonizava-se, numa consonância pungente, com a aridez desolada da sua alma, crestada pelo bafo ardente de paixões violentas e malogradas.

Outras vezes, próximo da raia, que dava-se cismando junto ao nicho, aberto em rocha viva, da Senhora de Anamão. A solidão era profunda, silenciosa, morta. O olhar da morgada parecia fixar-se, de tempos a tempos, na imagem da Virgem, e ninguém poderia dizer se nesse olhar fuzilava uma blasfémia ou soluçava uma prece, teria aquela desgraçada mulher, cujo coração o amor dilacerava sem esperança, o lenitivo supremo da oração? Não sei. O seu caráter não possuía, como sabemos, a transparência cristalina que deixa sondar os segredos da alma. Fechava-se habitualmente na sua própria tortura. Foi preciso que a paixão a alucinasse, para que a morgada do Pico tivesse um momento de expansão explosiva na presença da Creixomil, quando a procurara em Guimarães.

Em Castro Laboreiro, vivia tão independentemente como num país estranho. Os marialvas minhotos perderam-lhe o rasto, quando ela se internou naquela região montanhosa, que os nevoeiros tocavam...



A gente do sítio, tão boçal como bisonha, não chegava a incomodá-la. Vive ali como ainda na infância da humanidade. A pureza dos costumes tradicionais encontra sempre nas montanhas um baluarte inexpugnável que a defende do contacto da civilização.

A vida é sóbria e simples. O caráter do povo austero e sofredor. O traje primitivo não foi ainda remodelado pela invasão do figurino. Os montanheses de Castro Laboreiro vestem de bruxe ou sarragoça, usam polainas de burel e calçam chancas apressilhadas sobre o peito do pé por estreitas correias que se entrecruzam. As lutas da ambição não agitam os ânimos naquela montanha. A população é pobre. No Inverno, a maior parte dos homens emigra para Trás-os-Montes. Dá-se na terra o nome de tapizas a estes "boémios" do rude trabalho dos campos, que na História dos costumes portugueses, fazem pendente aos colonos da Beira que pelo tempo das colheitas vão em chusma ceifar nos campos do Alentejo. Os tapizas do norte correspondem aos ratinhos do sul.

Não era esta uma população que pudesse constrear a morgada do Pico, amante da solidão liberrima dos alcantís e do despovoado. Os serranos de Laboreiro viviam numa animalidade pré-histórica, que se mantinha numa ignorância secular da reportagem das gazetas, ainda não inventadas para eles.

Não sabiam quem fosse aquela mulher, que em tão pouco tempo principiara a ser adorada, porque dava dinheiro às crianças e aos velhos.

Era uma louca ou uma desgraçada? Não sabiam, e não tinham a quem perguntá-lo, porque as suas relações com o mundo limitavam-se ao âmbito da sua montanha natal.

Era compassiva e isso bastava. Não era um intruso que incomodasse, mas pelo contrário, um hóspede que se impunha agradavelmente pela caridade.

Nessa tarde em que a morgada metera ao acaso pelos atalhos da serra, o seu espírito atribulado parecia achar nas torturas do sofrimento uma voluptuosidade dolorida, que lhe tornava menos pesada, nesse dia, a cruz do seu destino.

Do fragmento em que fora alcançado, via as casas da vila que se agrupavam a pequena distância do castelo. Notou que junto à igreja paroquial, esse humilde templo, outrora visitado por Frei Bartolomeu dos Mártires e Frei Caetano Brandão, havia um movimento extraordinário de serranos, o fluxo de uma pequena onda de vida, que fenomenalmente animava a paisagem.

- Talvez um funeral?, pensara a morgada. Ah!. Como deve ser bom morrer aqui na tranquila ignorância dos grandes dramas sociais, que acidentam a vida dos povos civilizados. Morreu talvez um tapiza, que sucumbira ao duro trabalho do último Inverno, e que não ambicionava

senão vir entregar a sua alma rude e boa ao silêncio da montanha em que nasceu e amara. A morte não é ainda aqui um facto indiferente. Tem as honras de um acontecimento local, porque todo este povo constitui uma só família. Nas cidades morre-se sem os vizinhos darem por isso. Que se saia de casa vivo ou morto, pouco importa. Mas neste ermo agreste, onde a vida é patriarcal, cada falecimento provoca um luto público, cuja dor a pobreza do morto torna insuspeita na sinceridade das lágrimas que o pranteiam.

Mas, a breve trecho, o sino da igreja repicava festivamente. A hipótese de um funeral fora posta de parte. Devia ser um batizado ou um casamento. Em todo o caso, um acontecimento anormal, uma festa da povoação.

Mulheres, com o seu traje característico, surgiam em formigueiro à porta do templo. Corriam atrás delas, em enxame revoltado, as crianças do sítio, rolando-se no chão, gritando numa alegria quase selvagem, expansiva e bronca.

Depois, o sino repicava apressado, num alegre vertiginoso, como se anunciasse aos ecos da serra o momento próximo da cerimónia religiosa.

Então a morgada do Pico pode ver um rancho de homens e mulheres que se encaminhavam para o templo. À frente, uma mulher e um homem pareciam ser o alvo da ovação estrídula, atoadora, que lhes vinham fazendo, - uma espécie de celeuma em que os gritos festivos da multidão podiam dar a ideia de uma boda de indígenas no sertão africano.

Era, reconheceu-o a morgada, uma noce de Castro Laboreiro, profundamente característica, sem véu e grinalda na cabeça da noiva, sem traine de failla branco roçando majestosamente, sem o cortejo nupcial enlulado e engravatado que, no Porto ou em Braga, fazia séquito aos noivos.

Fora grande a impressão que esse inesperado espetáculo produzira na alma da morgada do Pico. Podia ser-se feliz ali!, pensara ela, chegar tranquilamente à santificação do amor pelo casamento. Como devia dilatar-se, cheio de serenidade, o coração satisfeito, na amplidão daquelas serras!

E o seu pobre coração dilacerado, que não conhecia esperança nem descanso, soluçou um queixume tão brando e tão mavioso, que explodiu num plácido orvalho de lágrimas, pequenas pérolas de pranto como aquelas que o azul do céu, alumado pelo sol nascente, chora às vezes no calix das boninas.

*A morgada do Pico chorara!
E a solidão de Castro Laboreiro guardou o segredo destas lágrimas furtivas, talvez as primeiras de uma vida de sofrimento concentrado."*

Texto de Alberto Pimentel.

Valter Alves

Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra

68.º ARTIGO

Aproveitamento de pão (conclusão)

Alimente as aves – pão seco pode ser a diferença entre a vida e a morte para as aves, no Inverno. Alimentar os patos pode ser uma boa e barata forma de passar o tempo no exterior com crianças pequenas.

CROUTONS – corte o pão em cubinhos e frite em azeite bem quente, absorvendo a gordura em papel absorvente.

Palitos de pão – retire a crosta das fatias de pão e corte em palitos, passe-os em manteiga derretida e leve ao forno a baixa temperatura só para aloirar ligeiramente ou frite (nesse caso sem passar previamente na manteiga). Pode ser servido substituindo as bolachas de água e sal.

Omeleta de pão – uma excelente forma de gastar pão esmigalhado! 3 ovos, 1/2 chávena de migalhas, 5 colheres de sopa de molho branco, sal e pimenta q.b. Faça o molho branco e deite-o quente sobre as migalhas de pão e misture de forma a amolecer o pão. Bata as gemas e adicione à mistura. Bata as claras em castelo e adicione ovos. Frite em frigideira com uma noz de manteiga ou borriño de azeite.

Panzanella – é uma receita de salada de pão italiana. Pão, tomates frescos (sem pele e sementes, cortado aos cubos), pepino em cubos, azeitonas pretas sem caroço, cebola roxa, alcaparras, manjeriço fresco, azeite, vinagre balsâmico, sal e pimenta q.b. Corte o pão em cubos de 1,5 cm e leve ao forno médio, preaquecido, por cerca de 8 minutos, agitando sempre. Retire e reserve. Numa saladeira, coloque os tomates e o pepino, as azeitonas, cortadas ao meio e a cebola cortada em pétalas. Em seguida, acrescente as alcaparras, o manjeriço rasgado em pedaços e os cubos de pão torrados. Adicione o azeite, o vinagre balsâmico, o sal e pimenta e mexa bem. Deixe marinar por cerca de 1 hora para os sabores se misturarem bem. Prove o tempero, corrija, caso seja necessário e sirva.

Rolo de carne e almôndegas – o pão duro é frequentemente adicionado à carne picada para lhe dar corpo e a tornar mais macia.

Soufflé – se gosta de soufflés mas receia que desçam, siga esta receita de soufflé de queijo e cebola. 2 colheres de sopa de manteiga e para untar a forma, 10 fatias de pão sem crosta, 2 chávenas de leite quente, 1 pequena cebola às rodellas, 4 ovos, queijo ralado, sal, pimenta preta q.b. Pré-aquecer o forno e untar o prato. Colocar o pão num prato fundo, deitar o leite e deixar absorver. Derreter a manteiga e adicionar a cebola, cozinhar até ficar transparente. Adicionar o pão depois de desfeito com as mãos. À parte, misturar bem as gemas, queijo, sal, pimenta e acrescentar o pão. Levantar as claras em castelo e adicioná-las à mistura. Levar ao forno até ficar dourado (45 a 50 minutos). Servir com salada e cenoura ralada.

Tarte de pão – prepare um prato de ir ao forno untando-o com manteiga, depois coloque camadas alternadas de migalhas de pão e fatias de maçã começando e acabando com pão, polvilhando de canela e açúcar cada camada de maçã. Leve ao forno até ficar loirinha e sirva com natas batidas ou leite-creme.

Charlotte de frutos – mergulhe palitos de pão em manteiga derretida e forre uma tarteira, deite por cima compota à sua escolha, cubra com mais palitos de pão e leve ao forno por 30 minutos. Sirva com leite-creme.

Summer Pudding – receita típica britânica: 300 g de açúcar, 1 colher (sopa) de água, 370 g de framboesas frescas (morangos, amoras ou cerejas), 6 fatias de pão, 1 chávena almoçadeira de chantili. Numa panela faça uma calda misturando o açúcar, a água e a fruta, mexa com cuidado, até que o açúcar se dissolva. Deixe esfriar um pouco. Usando 5 fatias de pão, cubra uma tigela redonda de vidro com capacidade para 1 litro. Despeje a calda sobre o pão e por cima coloque a fatia de pão restante. Cubra a tigela com plástico aderente para cozinhar. Deixe no frigorífico durante a noite. Quando for a hora de servir, remova o filme e desenforme o pudim sobre um prato de bolo. Sirva gelado, acompanhado de chantili.

Muitas mais sugestões haveria: rabanadas, fatias recheadas, encharcada de noz... aproveite-o ao máximo pois o pão é muito versátil!

Ana Cristina Costa

A Caminho da Terra Santa – XXV

Descobrimo o 5º Evangelho – 15 a 25 de Setembro de 1968

O regresso...



Geneve



Corfu

Porque os campos de aviação ficam instalados longe dos meios populacionais, os passageiros têm, geralmente, de fazer grandes madrugadas, quando a viagem se faz de manhã.

Assim aconteceu connosco em Telavive.

Porque teríamos de embarcar às 7.30h – na nossa hora, às 6.30h – o telefone dos quartos qual campanha colegial, acordou-nos às 4.30h.

Conclusão: desde a hora a que nos acordaram até ao momento de o avião descolar, gastamos só menos uma hora do que desde Telavive a Zurique.

O avião, ao contrário da viagem de ida, trazia um terço dos passageiros.

Predominava o nosso grupo e, portanto, mal o avião alcançou a

altura devida, mais parecia uma sala de estar do que um meio de transporte.

O Mediterrâneo azul e calmo prende-nos de início; a seguir é o Peleponeso escaldado e duro; depois é Korfu, e, de novo o mar – o Adriático –, mas sobrevoamos a zona costeira da Itália. Florença e Milão aparecem-nos como referência de que já estamos próximos de Zurique.

O avião toma mais altura, os Alpes, cobertos de neve, atraçoam-nos o sossego da viagem, pois que nos aliciaram com a brancura do dorso das montanhas e inquietaram-nos com uns poços de ar.

Uma senhora sentiu-se mal.

Apesar do nevoeiro, o avião faz uma aterragem maravilhosa em Zurique, onde chegamos às 10.30h, hora local.

Há, quanto a mim, qualquer sensação diferente na medida em que nos encontramos no nosso continente e na nossa Pátria.

As salas de espera de Zurique, donde saíramos, de avião para Geneve, são corredores, onde circulam fisionomias de todo o mundo. O ar que se respira, é, no entanto, diferente, a graciosidade e a singeleza do pessoal são cativantes.

Após duas horas de espera tomamos o avião para Geneve, onde almoçaríamos às 14 horas.

O avião “apanhou pancada” porque o tempo não ajudava.

Hospedaram-nos no maravilhoso hotel *Internacional*, cujos serviços dispõe de três restaurantes e três bares, um snack, uma sala grande de banquete e de conferências, vários salões particulares para recepções e reuniões, etc.

A situação é privilegiada sobranceiro à cidade perto do Palácio das Nações Unidas, frente aos Alpes.

Gostamos sempre que nos é possível de parar em Geneve.

O ambiente de calma a pazez das gentes, o encanto do lago e a presença majestosa dos Alpes dão à cidade um segredo especial para gerar a paz e criar ambiente de bem estar.

De tarde aproveitamos para mais uma volta à cidade, e guiada.

Fazem-se mais algumas compras. As últimas, porém, far-se-iam no dia imediato, no aeroporto, porque as compras são mais vantajosas.

Assiste-se a este espectáculo engraçado: como as moedas não se podem cambiar nos bancos, os passageiros dirigem-se às montras, ostentam as moedas na palma da mão, e recebem um objecto, que escolham, equivalente ao valor das moedas.

* * *

A estadia em Geneve de quase um dia serviu-nos para nos pormos em ordem através da imprensa estrangeira, com os problemas políticos de Portugal.

As notícias eram desencontradas, e com excepção da imprensa

suiça, e alemã, a restante explorava pouco elegantemente o momento político português.

Para mim já tinha um argumento forte para garantir que a política portuguesa não corria perigo. O argumento foi este: mal desci do avião em Zurique, chegado de Telavive, fui à secção de câmbios do próprio aeroporto para trocar dinheiro português por francos suíços.

Na lista, vi com olhos de alegria o câmbio do escudo, e era o mesmo de antes da doença de Salazar.

O civismo do povo lusitano, a calma dos responsáveis, a prudência das Forças Armadas – “prudência” foi o termo que lemos num jornal estrangeiro – e a expectativa do novo Chefe do Governo foram o segredo do êxito internacional português, num momento que se antevia crítico.

Bem haja o povo de Portugal!

* * *

No dia 25, às 12 horas em ponto, o avião levantava vôo em direcção a Lisboa.

O padre Esteves Fernandes quer, ansiosamente, ver a terra natal, e pede ao pessoal de bordo que o avise da passagem na fronteira.

Às 14 horas exactas, estávamos na Portela.

Findara a nossa viagem à Terra Santa.

O abraço amigo, que sela as boas companhias, encerrou este encontro de excursionistas que viveram em conjunto uma linda viagem.

E do meu íntimo louvei ao Senhor por ter pisado terra que Ele pisou.

31 de Outubro de 1968
in “Diário do Minho”



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

OZONOTERAPIA

TRATAMENTO FEITO PELA ADMINISTRAÇÃO DE OXIGÉNIO E OZONO

Efeitos benéficos para o organismo, sobretudo para tratamento das dores osteomusculares e úlceras originadas por má circulação e diabetes.

Tem efeito oxigenante, revitalizante, anti-oxidante, regenerador, anti-álgico e anti-inflamatório.

Experimente e verá que ultrapassa as melhores expectativas.

MÉDICO:
Doutor José António Marques Magalhães
ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA
UNIVERSIDADE DE UCLA - LOS ANGELES - EUA



**CALLE POLICARPO SANZ - 9 - 1º ANDAR
VIGO - ESPANHA - Tlm: 0034 652 469 433**